

www.pimentacultural.com



Memórias de Escola

Quando se abre
a gaveta de guardados...

organizadoras

Angela Guida

Patrícia Rocha



Memórias de Escola

Quando se abre
a gaveta de guardados...

| São Paulo | 2021 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

- Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil
- Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
- Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
- Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
- Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Emanoel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
- Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
- Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil
- Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil
- Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
- Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
- Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela
- Helciclever Barros da Silva Vitoriano
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil
- Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
- Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra
- Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil
- Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho, Brasil*

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Brasil*

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil*

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Brasil*

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
*Universidad Internacional Iberoamericana del
Mexico, México*

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Brasil*

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
*Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil*

Maria Isabel Imbroni
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Brasil*

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Brasil*

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Brasil*

Nara Oliveira Salles
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil*

Neli Maria Mengalli
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Brasil*

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite
*Universidade Federal de São João del-Rei,
Brasil*

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Priscilla Stuart da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Stela Maris Vaucher Farias <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Radamés Mesquita Rogério <i>Universidade Federal do Ceará, Brasil</i>	Tadeu João Ribeiro Baptista <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>
Ramofly Bicalho Dos Santos <i>Universidade de Campinas, Brasil</i>	Taíza da Silva Gama <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ramon Taniguchi Piretti Brandao <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Tania Micheline Miorando <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Rarielle Rodrigues Lima <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>	Tarcísio Vanzin <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Raul Inácio Busarello <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Thiago Barbosa Soares <i>Universidade Federal de São Carlos, Brasil</i>
Renatto Cesar Marcondes <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Thiago Camargo Iwamoto <i>Universidade de Brasília, Brasil</i>
Ricardo Luiz de Bittencourt <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Thiago Guerreiro Bastos <i>Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil</i>
Rita Oliveira <i>Universidade de Aveiro, Portugal</i>	Thyana Farias Galvão <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>
Robson Teles Gomes <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Valdir Lamim Guedes Junior <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Rodiney Marcelo Braga dos Santos <i>Universidade Federal de Roraima, Brasil</i>	Valeska Maria Fortes de Oliveira <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Rodrigo Amancio de Assis <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Vanessa Elisabete Raue Rodrigues <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>
Rodrigo Sarruge Molina <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>	Vania Ribas Ulbricht <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Rosane de Fatima Antunes Obregon <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>	Walter de Carvalho Braga Júnior <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>
Sebastião Silva Soares <i>Universidade Federal do Tocantins, Brasil</i>	Wagner Corsino Eneidino
Simone Alves de Carvalho <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Brasil*

Wanderson Souza Rabello
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Brasil*

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimário Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Brasil*

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
*Centro Universitário Salesiano de São Paulo,
Brasil*

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emídia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Brasil*

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Luis Cardoso Tropiano
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

André Ricardo Gan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos
Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoço Gonçalves
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Cássio Michel dos Santos Camargo
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul-
Faced, Brasil*

Cecília Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cintia Moralles Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Danielle Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
*Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro, Brasil*

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Brasil*

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
*Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil*

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patrícia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho, Brasil*

Samuel André Pompeo
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho, Brasil*

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
Brasil*

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Biegging e Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Gabrielle Lopes, Lucas Andrius de Oliveira, Peter Valmorbida
Imagens da capa	Shangarey, User9023173 - Freepik.com
Revisão	Christiane Silveira Batista, sob supervisão técnica da SG Assessoria Textual.
Organizadoras	Angela Guida e Patrícia Rocha
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	

M533 Memórias de escola: quando se abre a gaveta de guardados.... Angela Guida, Patrícia Rocha - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 232p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-265-0 (eBook)

978-65-5939-269-8 (brochura)

1. Educação. 2. Memórias. 3. Escola.
4. Diário. 5. Escrita. 6. Professores. I. Guida,
Angela. II. Rocha, Patrícia. III. Título.

CDU: 37

CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.650

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



Sumário

**Um prefácio ou o começo
de estórias de resistências... 19**
Angela Guida

Capítulo 1

**Diário de
Agenor Mariani da Silva 28**

Capítulo 2

**Diário de
Alessandra Souza da Silva..... 32**

Capítulo 3

**Diário de
Alexsandro Cheres de Oliveira 38**

Capítulo 4

**Diário de
Anatacha Teixeira dos Santos 43**

Capítulo 5

**Diário de
Andrey Salinet da Silva 50**

Capítulo 6

**Diário de
Bruna de Souza Ximenes 56**

Capítulo 7

**Diário de
Carlos Junir Cardoso 62**

Capítulo 8

**Diário de
Christiane Silveira Batista 67**

Capítulo 9

**Diário de
Cintia Mara de Souza 73**

Capítulo 10

**Diário de
Cristiane Sanabria Lopes 77**

Capítulo 11

**Diário de
Daiane Yasmin Chaparro Gomes Marques 82**

Capítulo 12

**Diário de
Dalva Quintana Dias 89**

Capítulo 13

**Diário de
Diacir de Souza 92**

Capítulo 14

**Diário de
Diego Martinez Gamarra 96**

Capítulo 15

Diário de Dilmar Coelho Taveira 101

Capítulo 16

**Diário de
Eduardo Santos Chrespim 105**

Capítulo 17

**Diário de
Elainne Ferreira 110**

Capítulo 18

**Diário de
Eliane Riso da Silva..... 119**

Capítulo 19

**Diário de
Fiana Kttelen Nunes Coene 125**

Capítulo 20

**Diário de
Flávia Mirelle Balbuena Romeiro 129**

Capítulo 21

**Diário de
Janaina Quintana Balta 133**

Capítulo 22

**Diário de
Janete dos Santos..... 136**

Capítulo 23

**Diário de
Juliana dos Santos de Lima..... 140**

Capítulo 24

**Diário de
Lenir Palácio Cardoso 143**

Capítulo 25

**Diário de
Livrada Ovieda Benites 146**

Capítulo 26

**Diário de
Maria de Lourdes dos Santos Damázio..... 151**

Capítulo 27

**Diário de
Maria do Carmo Souza Drumond 155**

Capítulo 28

**Diário de
Maria Raquel S. M. Santos 162**

Capítulo 29

**Diário de
Mariana Rodrigues Córdoba..... 167**

Capítulo 30

**Diário de
Marina de Oliveira Correia 171**

Capítulo 31

**Diário de
Patrícia Graciela da Rocha..... 178**

Capítulo 32

**Diário de
Raquel Pereira dos Santos..... 189**

Capítulo 33

**Diário de
Rosimeire R. Martins 194**

Capítulo 34

**Diário de
Sabrina Aparecida Martins Vieira..... 198**

Capítulo 35

**Diário de
Sandra Ferreira 202**

Capítulo 36

**Diário de
Selma Hiroko Yamada 206**

Capítulo 37

**Diário de
Vanderson Cristaldo Lobo..... 213**

Posfácio 216

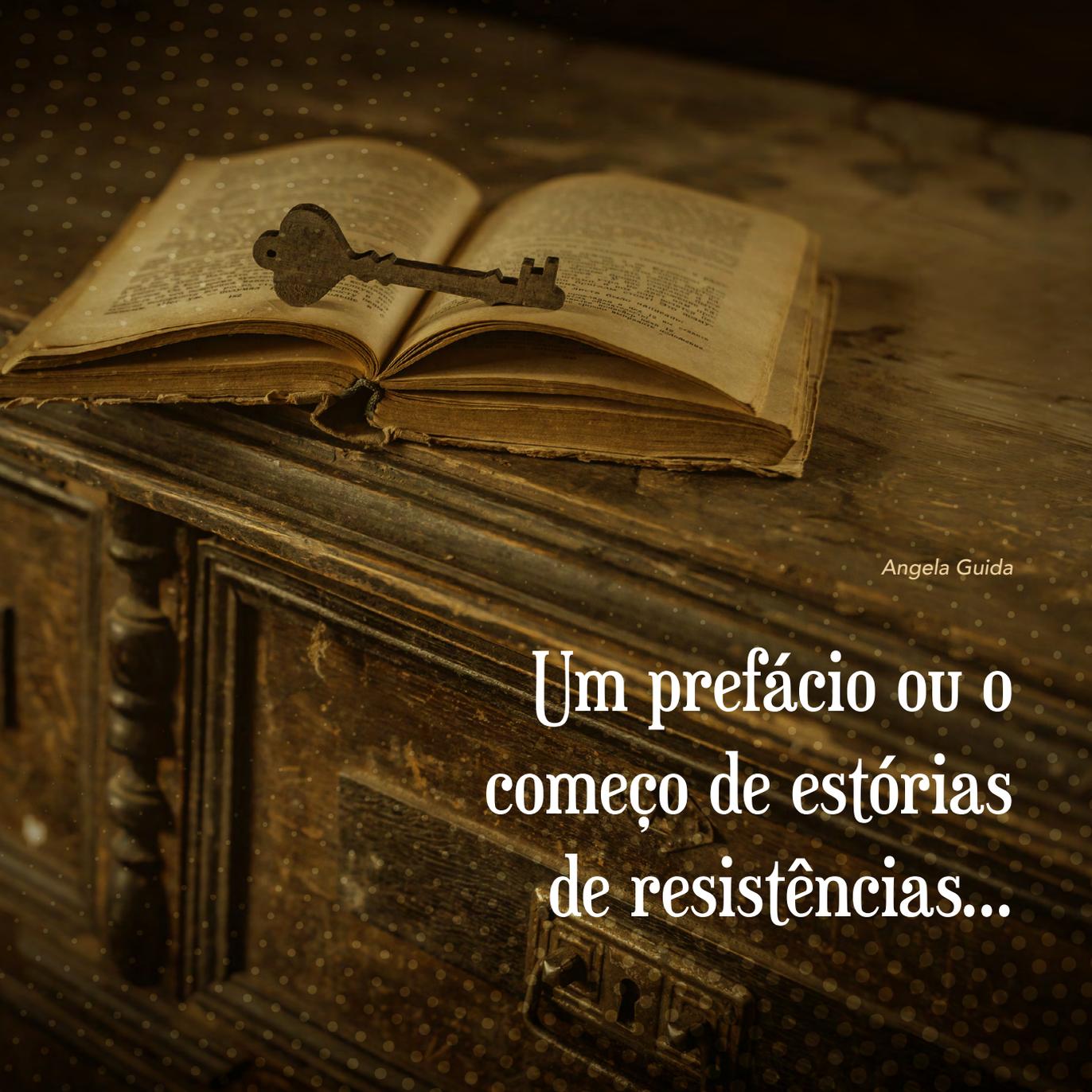
Sobre as organizadoras 219

Sobre as autoras e os autores 220

Índice remissivo..... 230

*Achei um 3x4 teu e não quis acreditar
Que tinha sido há tanto tempo atrás
Um bom exemplo de bondade e respeito
Do que o verdadeiro amor é capaz
A minha escola não tem personagem
A minha escola tem gente de verdade.*

Renato Russo



Angela Guida

Um prefácio ou o
começo de estórias
de resistências...

Se nos curamos da lerdeza, não se cicatrizam jamais as feridas que ela nos infligiu.

Daniel Pennac

Depois de quase dois anos de pandemia, há quem já esteja usando este triste evento de nossas vidas para justificar coisas que não se justificam, mas independentemente da irresponsabilidade de alguns e do mau gosto para lidar com a situação, fato é que a pandemia do Sars-coV-2 alterou o curso do planeta. Em meio a tantas mudanças, alteraram-se modos de vida, modos de ser e de estar por aqui. Essa mudança, como não poderia deixar de ser, também se estendeu aos modos de lidar com o ensino. De repente, estávamos todas e todos vivenciando modos outros de continuar caminhando. Do infantil ao mais distante nível de ensino, plataformas, câmeras e salas de aula se mudaram para nossas salas de estar, nossos quartos, nossas cozinhas... Há benefícios? Sim. Há prejuízos? Também. Aliás, como tudo na vida. Entre o vilão e o mocinho, há nuances de maldade e de bondade, assim, demonizar o ensino remoto ou santificá-lo em nada alivia as agruras pelas quais estamos passando nestes tempos duradouros de pandemia que, até o momento desta escrita, levou 465.199 brasileiros e brasileiras.

Entre as tantas mudanças, talvez uma que tenha causado certa preocupação, pelo menos de início, refira-se às disciplinas obrigatórias de estágio no curso de Letras da FAALC/UFMS, uma vez que o formato dessa disciplina ao qual estávamos acostumadas e acostumados a realizar não poderia mais acontecer: presença de alunos e alunas nas escolas, a fim de observar o cotidiano escolar e ministrar aulas simuladas. Pois bem, e agora? Como se dará o estágio? Chegou-se até a cogitar a ideia de suspender o estágio para que fosse ministrado em tempos mais oportunos, isto é, quando a pandemia tivesse nos deixado. No entanto, após reuniões e conversas muitas, vimos que não havia o menor sentido deixar o curso parado em função do estágio obrigatório, esperando o tempo da bonança chegar. Precisávamos criar linhas de fuga no meio da tempestade. Assim, constatada a inviabilidade de postergar apenas os estágios, pusemo-nos a pensar em alternativas que pudessem garantir aos alunos e alunas a realização da disciplina de estágio obrigatório, sem a necessidade de ir às escolas. Nietzsche, o chamado filósofo do niilismo, dá-nos uma rica e fina esperança ao dizer que depois das crises sempre nascem estrelas dançantes... está lá em *Assim falou Zaratustra* e parece estar em vários outros lugares. Como nosso estágio, isso se concretizou, pois diante da impossibilidade de fazê-lo nos moldes tradicionais, um mundo de possibilidades foi

se descortinando diante de nossos olhos. Não se trata aqui de dizer que uma forma foi ou é melhor que a outra. Foram modos diferentes de fazer... modos que foram e têm sido eficazes para o momento em que vivemos e para pensar em mudanças com relação a antigas práticas... Por que não?

Diante das atividades alternativas, propusemos a leitura do livro *Diário de escola*, de Daniel Pennac. Nesse livro, o escritor e professor francês, como o próprio nome sugere, faz uma revisão dos seus tempos de escola. Revela suas fragilidades, seus medos, inseguranças, enfim, mostra que apesar de haver uma escola que ainda deseja um aluno ou aluna ideal ou uma família que deseja o filho ou a filha nota dez para exibir em rodas de conversa, escolas e famílias são feitas de gente de verdade, de gente de carne e osso, de gente que chora, de gente que ri, de gente que erra. Como a crítica especializada da obra destaca, Pennac mostra o que todos e todas fingem não ver. Sabem que existe, mas fingem não ver: a dor e a solidão de alunos e alunas com baixo rendimento escolar, muitos/as desprezados/as pela escola e pela família. “[...] a solidão e a vergonha do aluno que não entende, perdido num mundo em que todos os outros se entendem” (PENNAC, 2008, p. 33). Pennac, num dado momento do livro, questiona se não é mais vantajoso para o aluno ou a aluna que não se encaixa nos modelos da escola ideal ficar em

casa, trancado/a em seu quarto, pois ali sua “lerdeza” e mau desempenho não são seus algozes.

Por mais lerdo que ele seja em classe, não vai ele se sentir mestre do universo, fechado no seu quarto, diante da Internet? Cantando até a madrugada, não experimenta ele a sensação de se comunicar com a Terra inteira? Seu teclado não lhe promete acesso a todos os conhecimentos solicitados por suas vontades? Seus combates contra exércitos virtuais não lhe oferecem uma vida palpitante? Por que trocaria ele esta posição central por uma carteira de sala de aula? Por que suportaria ele os julgamentos reprovadores dos adultos debruçados sobre o seu boletim escolar quando, trancado no quarto, desvinculado dos seus e da escola, ele reina? (PENNAC, 2008, p. 228).

Se fôssemos discutir aqui a maneira como escola e família lidam com erros de alunos/as e filhos/as, uma alimentando o ego da outra, isso renderia outro livro. O *Diário de escola*, do Pennac, também nos permite essa chave de leitura, ou seja, discutir como a escola falha com alunos e alunas que não se encontram na média do que é considerado o “bom rendimento”, o “bom desempenho”. Decidimos por algo mais intimista que reflexivo, mas um não invalida o outro, é importante ressaltar, pois foi a partir das narrativas intimistas que nos pegamos refletindo acerca da atividade que havíamos pedido, bem como suas implicações na vida

dos alunos e alunas que fizeram o estágio obrigatório em língua portuguesa e literatura no ensino médio.

Após a leitura do diário de Pennac, pedimos que cada aluno e aluna se sentisse motivado/a a produzir um pequeno diário dos tempos de escola. O gênero diário tem uma característica muito particular, que é nos estimular ao exercício de escavações de coisas que pareciam adormecidas, bem escondidas lá no porão ou no quarto escuro da nossa memória... Pois bem, quando começamos a leitura dos diários, intuíamos que haveria estórias comoventes, afinal, são memórias, e memórias passam por nossas afecções e sensibilidades. Só não imaginávamos que essas estórias fossem nos afetar tanto, a mim e a Patrícia, que dividíamos a respectiva disciplina. À medida que fomos tomando conta daquelas estórias, elas também foram tomando conta de nós (de mim e da Patrícia), e nossas estórias de tempos de escola também teimavam em marcar presença. Quando li, por exemplo, a estória da aluna Livrada Ovieda, dizendo o quanto seu nome havia sido um problema para ela, por não ser um nome comum, lembrei-me de algo parecido que me acontecera.

Já no ensino fundamental, mudamos de escola: outros colegas, outros professores, tudo novo. Eu era muito tímida, até meu nome [Livrada] eu não falava. Por ser diferente, na época, eu não

gostava dele e isso fazia com que eu me excluísse da sala. Sentava-me sempre na primeira fileira do canto, não conversava e não pedia explicação; se eu não tivesse entendido, ficava por isso mesmo.

Guida é um sobrenome italiano, eu o herdei por parte do meu pai, neto de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no *boom* da imigração. Na pequena cidade no interior de Minas, onde eu morava, só a minha família tinha Guida como sobrenome. Ninguém mais. Que solidão! Isso se transformou em um problema para mim, pois queria ter um sobrenome igual ao de todo mundo. O sobrenome Guida me fazia diferente, e eu não gostava de me sentir assim. Na hora da chamada, adorava quando era feita por número, mas quando algum professor ou professora cismava em fazer por nome e sobrenome, queria sumir da sala e nunca mais voltar. Meu desejo era ter sobrenomes que eram comuns na minha escola, como: Silva, Oliveira, Pereira etc. Ao ler o diário da Livrada, foi impossível não fazer meu movimento de escavação. Hoje, tenho grande orgulho do meu sobrenome, embora ainda não goste quando algumas pessoas insistem em me chamar de Guida, e não de Angela. Explico o que me incomoda: não gosto porque todas as explicações que essas pessoas me dão desca-

racterizam meu sobrenome. Em geral, dizem: “conheço alguém que se chama Margarida e o apelido é Guida¹”.

Eu lia alguns diários e enviava mensagens de voz [ou *podcasts*, como ela brincava] à Patrícia comentando sobre minhas afecções com aquelas leituras, e ela fazia o mesmo. Até que não teve jeito, e a Patrícia me fez o convite: “vamos produzir um livro com esses diários? É preciso que mais pessoas conheçam essas estórias. Tem muita coisa boa”. Não me lembro se ela disse exatamente com essas palavras, mas sei que dei o sim na hora e agendamos um encontro com os alunos e as alunas dos diários para falar do nosso desejo. A ideia foi calorosamente recebida por todas e todos. Assim nasceu o livro *Memórias de escola*: quando se abre a gaveta de guardados...

1 Aqui cabe uma estória que tem cara de anedota. Mesmo tendo se passado mais de quarenta anos da minha estória com o sobrenome Guida na escola, ainda se trata de um sobrenome incomum no Brasil. Assim, quando vejo o sobrenome em algum lugar, procuro conhecer quem o carrega. Certa vez, eu estava viajando com meu irmão, Moisés, pela região do vale do aço, em Minas Gerais. De repente, vimos um restaurante à beira da estrada, que se chamava “Restaurante da Guida”. Pedi ao meu irmão que parasse, para que pudéssemos conhecer quem era aquele ou aquela Guida. Quando entramos no restaurante, eu já me sentia praticamente da família. Fui até o balcão e perguntei quem era o dono ou a dona do restaurante, e a pessoa que me atendeu disse que a dona não se encontrava, então perguntei sobre a família Guida, e meu mundo caiu: “aqui não tem família Guida”. “Mas, como? E o nome do restaurante?” “É o apelido da dona, que se chama Margarida”. Até hoje confesso que ainda não entendo por que razão o nome Margarida gera o apelido Guida...

Nas páginas desses diários, ficamos sabendo de estórias de escola, mas, sobretudo, de estórias de vidas de pessoas que se sentiram afetadas pela escola, no que ela tem de bom e/ou de ruim. Lemos estórias de preconceito, estórias de abuso de autoridade de professores, (como a que a aluna Selma Hiroko Yamada nos contou sobre ficar trancada de castigo numa sala escura junto com o esqueleto, em tamanho natural, usado nas aulas de biologia), estórias de mazelas sociais, estórias de superação, entre tantas outras que você leitora e leitor poderão conhecer ao longo deste livro. Eu, a Patrícia e as alunas e os alunos que fazem parte desta estória, esperamos que você, leitor, você, leitora, também se sintam afetados e afetadas para deixar que saiam da gaveta de guardados suas memórias de tempos de escola... Bom exercício!

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.



1

Diário de Agenor
Mariani da Silva

Nos meus anos iniciais de escolarização, eu não conseguia entender para que servia aquela etapa, meus pais trabalhavam, e eu tinha que estar em algum lugar e, por isso, compreendia que aquilo era para não me deixarem só. Quando já alcançava a 5ª série, lembro-me de fazer parte da turma do meio, nem fundão, nem dos *nerds* – assim era vista a configuração da sala de aula. Os professores eram imponentes, respeitados. Lembro-me de que gostava de usar boné e na primeira vez que cheguei à escola e entrei na sala de aula o professor pediu que eu o retirasse, caso não o fizesse, eu seria encaminhado à diretoria. Nessa época, as ameaças funcionavam bem.

Aos poucos, por ser um garoto também espoleta, como se dizia, percebia que na escola algumas pessoas eram diferentes das outras, algumas mais interessadas, outras nem tanto, e eu ainda estava tentando me achar. Fato é que havia algumas gincanas de conhecimento, e ninguém queria perder, isso fazia com que o pessoal se esforçasse para não passar por bobo. E foi bem em uma dessas gincanas, eu já na 7ª série, que fiquei bastante envergonhado por não termos ganhado da 6ª série. Assim, nasceu em mim a vontade de pertencer aos melhores da turma. Anterior a isso, eu sempre estive na galera dos esportes, e ali sentia-me confortável, pertencia ao time titular da escola de futebol e isso me bastava. Mas as coisas mudaram, agora eu acabara de sentir a necessidade de

pertencer também à turma dos mais inteligentes. Embora eu fosse de uma família sem muita instrução, comecei a me dedicar e eu me aproximei de pessoas que tinham os mesmos interesses em comum.

Já no ensino médio, eu me sentia prestes a viver mais um desafio, queria manter-me como um bom aluno e também fazer parte da turma mais descolada. Nessa fase, eu me sentava mais no fundão, mas consciente do que queria. Fiz amigos e nós nos ajudamos muito. Bem, nessa fase eu descobri do que gostava e tive uma inspiração do que gostaria de ser.

Eu estudava no SESI de Ponta Porã, MS, e tive um professor de matemática que me inspirou. Ele corrigia as tarefas e elogiava meus trabalhos, corrigia meus erros e incentivava-me. Um dia ele pediu para eu fazer os exercícios na lousa, falou que eu seria um ótimo professor de Matemática. Aquilo me inspirou a buscar esse sonho. Em meio a tantas dificuldades pelas quais passei, graças a Deus consegui absorver conselhos de pessoas que me inspiraram e que mudaram minha vida.

De fato, após concluir o ensino médio, fiz vestibular para o curso de Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Ponta Porã, MS, e fui aprovado. Em 2009, iniciei, cursei até o 3º ano, mas,

por questões de trabalho, tive que parar. Em seguida, fiz outros cursos, com alguns não me identifiquei, como Ciências Contábeis, que não fiz nem um semestre. Depois disso, tentei Administração Pública na modalidade da educação a distância (EaD), campus de Bela Vista, MS, mas também não me identifiquei.

Surgiu a oportunidade de fazer o curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na EaD, campus Bela Vista, MS, e aqui estou. Hoje, vejo que sempre me identifiquei com cursos de licenciatura, pois aquelas palavras do professor, ao me dizer que eu seria um bom professor, marcaram minha trajetória, acreditei nele e estou buscando isso até hoje.

Como aluno da EaD, percebi outro comprometimento, para comigo mesmo, vi que se eu não me organizasse e adequasse meu tempo, entre estudo e trabalho, dificilmente conseguiria chegar aonde estou. Isso me motivou, transformou-me e fez com que me dedicasse cada vez mais aos meus sonhos, pois ainda lembro daquele professor que, ao proferir aquelas palavras, salvou-me e influenciou-me a buscar algo melhor. É o que espero fazer por outras pessoas também.



2

Diário de
Alessandra
Souza da Silva

Com apenas quatro anos de idade, eu, Alessandra Souza da Silva, iniciei minha vida estudantil em uma escolinha chamada Pequeno Príncipe. Venho de uma família de pais separados e tenho dois irmãos;-eu sou a caçula. Desde o início da vida escolar, nunca fui cobrada pela minha família sobre notas, tarefas, desempenho ou qualquer outra questão escolar, simplesmente era dito que tinha que estudar e ponto final. Mesmo sem ter cobranças, sempre fui uma aluna com notas superior à média, tanto nas escolas públicas, estaduais ou particulares pelas quais passei.

Minha mãe era dona de casa e depressiva. Sempre tive comigo que ser dona de casa não me levaria a buscar algo maior, mas sim sempre os mesmos caprichos, a mesmice; não que isso desqualifique um determinado modo de pensar.

Meu pai sempre trabalhou no ramo do agronegócio e sempre foi muito agitado, correndo contra o tempo para dar conta de tudo. Ele me ensinou que a herança maior que um pai poderia deixar seriam os estudos. Por isso, creio que eu, para chamar a atenção dele, já que eu o idolatrava, era uma boa aluna, pois ele achava isso lindo, mesmo me elogiando pouco.

Ao contrário dele, minha mãe fazia observações, mas quase nunca me chamava para falar sobre minha escola. Ela não passou da 7ª série, então me dizia que não podia me ajudar nas atividades, mas estava sempre a me escutar, era minha ouvinte “nata”.

Morar em uma cidade pequena como Bonito é saber que todos se conhecem. Minha avó paterna, Idalina Borges de Lima, era proprietária de uma escola, chamada Pedrita Bambina. Ela era uma mulher pantaneira que tinha o sonho de ver seus três filhos graduados, porém, dentre eles, só meu pai seguiu adiante: ele é formado em Filosofia pelo Seminário Católico de Brasília e em Técnico de Balanças Bovinas. Minha avó esteve sempre ali por perto, com olhos atentos sobre tarefas, uniforme, lanches etc.

Como minhas professoras já nos conheciam, as informações escolares chegavam, mas, de verdade, não me lembro dos meus pais irem a alguma reunião escolar. Olhando para trás, posso perceber que tive uma educação muito boa: meus professores foram muito atenciosos comigo; em dias de prova, eu sempre estudava anteriormente, cujo ponto de encontro com os colegas era na biblioteca; eu tirava dúvidas na casa da professora ou antes da aula, até porque não havia celular. Só sei de uma coisa: tempos bons foram esses!

Nos dias atuais, tudo tão moderno, e, ao mesmo tempo, distante dos grupos escolares ou do próprio professor. Temos o Google, etc. Percebo essas mudanças fazendo uma faculdade da Educação a Distância (EaD). Com a pandemia, esse contato diminuiu cada vez mais; conseguimos conciliar trabalho, estudo e família. Algumas barreiras nos fazem ser mais fortes, mas essa nova geração que está presente, ou a que está por vir, é uma geração pós-moderna.

Busco incessantemente mostrar para minha filha de 11 anos que ela está na melhor época estudantil de sua vida, que deve buscar e aperfeiçoar cada momento na sua vida escolar, porque passa muito rápido e depois será assim como eu, que só tenho recordações. Há uma diferença sobre a vida escolar e acadêmica: quando alunos, vamos à escola para aprender matérias, lições, cultura. Quando somos acadêmicos, buscamos conhecimentos para uma vida profissional. A cobrança deve vir de nós mesmos, uma cobrança que pode mudar o percurso da vida

As recordações são inúmeras. Lembro-me de chegar à escola às 12h40, deixar meu material na sala e seguir para formar fila. Depois disso, cantávamos o Hino Nacional, olhando para a bandeira, rezávamos e agradecíamos pelo início da semana ou pelo fim dela. Quando

tínhamos trabalhos para fazer, raramente podíamos escolher o colega; era a professora ou por sorteio, justamente para que tivéssemos amizade com todos. A palavra *bullying*, eu nunca tinha escutado. E o livro preto? Nossa! Recordo o medo que eu tinha de conhecer o livro preto. Assiná-lo era a prova de que o aluno fez algo de errado. Após a terceira assinatura nele, o aluno era suspenso. Algo que amava fazer era ser a ajudante da semana: apagar o quadro, buscar água, giz, papel para a professora. Isso gerava conflito com os colegas. Lembro-me de ter pegado um perfume da minha mãe, sem ela saber, para dar à professora. Fiz uma embalagem linda. Depois de um tempo, estávamos na fila do mercado, minha professora apareceu e agradece minha mãe pelo presente. Eu sem saber o que falar ou fazer, simplesmente sorri.

Após a leitura de Pennac (2008), pude perceber que meus colegas também tinham algum problema de aprendizado e, por serem muito agitados e falantes, não tinham o rendimento desejado. Por outro lado, eram alunos mais felizes e hoje alguns são ótimos profissionais, outros ficaram com uma vida profissional sem graduação, porém, realizados.

Analisando todo esse enredo, penso que tudo valeu a pena. É uma construção de saberes, mas cada um tem sua forma de conduzir e aprender.

Hoje, com 28 anos, graduada em Gestão Financeira, Rural e Empresarial, mãe de dois filhos, casada, ex-bancária, estou terminando minha segunda graduação, a de Letras – Habilitação em Português e Espanhol. Como disse Isaac Newton (1675), “se cheguei até aqui, foi porque me apoiei nos ombros de gigantes”.

REFERÊNCIAS

NEWTON, Isaac. *Adaptação de um trecho de uma carta de Newton para Robert Hooke*, 5 de fevereiro de 1676, baseado numa metáfora atribuída a Bernardo de Chartres. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzY5NzEy/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.



3

Diário de Alexandro
Cheres de Oliveira

Começo a minha trajetória na creche, onde passei dos dois anos de idade até os meus cinco para seis anos. Em seguida, estudei em uma escola na qual meus pais me levavam. Recordo que essa escola tinha um pátio grande, com muitas salas de aula. Ali começaria a minha história de escola. Lembro-me que nela havia muitas crianças. Também recordo que a primeira série que eu iria fazer era a pré-escola, que fiz de forma certinha. Na sequência, passei para a 1ª série, e assim fui conhecendo os professores.

Com o passar do tempo, lembro-me que tive algumas dificuldades com um professor. Por causa dessa dificuldade, reprovei. Pensa ter que fazer tudo de novo?! Meus pais ficaram indignados e, por isso, resolveram me trocar de escola para uma escola municipal, que era bem diferente, uma escola pequena.

Fiz nessa nova escola a série que eu tinha reprovado e passei. Mas, depois, tive que voltar para a escola anterior, porque nessa escola não tinha a 5ª série.

Retornei à escola antiga, mas já estava com outra cabeça. Lá estudei o ensino fundamental e o ensino médio. Faltando, aproximadamente, um ano para concluir o ensino médio, recordo que uma professora me fez uma pergunta: “Você já sabe qual profissão vai ter?”. Eu não

sabia o que responder, pois, embora eu fosse um aluno presente, ainda tinha muitas dúvidas sobre quais ramos seguir e qual seria a minha profissão. Assim terminei o 3º ano nessa escola: sem saber o que eu iria fazer; tinha comigo que iria apenas terminar o ensino médio e não iria mais estudar.

Já trabalhando, conheci uma pessoa surda na empresa. Ela atuava junto comigo, no mesmo setor, e tive que aprender a me comunicar com ela por meio de sinais. Foi assim que tive contato pela primeira vez com uma pessoa surda. Nessa empresa, meu chefe mandou me chamar e eu fui lá para ver o que ele queria. Ele me fez uma proposta: se eu não gostaria de fazer um curso de Libras. Na hora pensei no trabalho que seria voltar a estudar depois de tanto tempo, mas aceitei o desafio. Fiz o curso de Libras; tornei-me apto a interagir com as pessoas surdas.

Passado algum tempo, fui desligado da empresa e fiquei parado por dois anos. Resolvi voltar para a minha cidade natal. Ao chegar a Bonito, tinha que levar o meu sobrinho na escola, porque eu era o único da casa que não estava trabalhando, então teria que fazer as coisas. Só que, ao chegar à escola, percebi que havia alunos surdos. Então, logo comecei a conversar com eles e com os diretores da escola. Como sabiam que eu fui aluno de lá,

chamaram-me e fizeram um convite, porque uma das intérpretes iria se afastar de licença-maternidade: queriam saber se eu não gostaria de ficar no lugar dela. Na hora aceitei e voltei para casa.

A princípio, eram apenas seis meses, mas a escola começou a cobrar de mim uma graduação. Tive que procurar uma para fazer; achei uma que era paga e lá fui eu.

Em seguida, teve um vestibular de uma universidade aqui em Bonito. Minha mãe e meu pai disseram: “Vai fazer, meu filho. É uma federal e gratuita”. Pensei em fazer, mas disse para a minha mãe: “Vou ficar apenas seis meses aqui e depois vou voltar para a cidade onde estava morando”. Mas ela disse: “Não, meu filho. Tem que fazer”. E eu falei: “Nossa! Vou ter que estudar de novo. Não estou preparado para estudar de novo; não estou preparado para estudar quatro anos de faculdade”. Mas lá fui eu estudar.

Passou o primeiro ano, e eu pensava: “Nossa! É fácil”. Mas, ao longo do curso, percebi que não era tão simples assim: tudo diferente; maneiras distintas; livros que eram gratuitos na escola, na faculdade, eram comprados. Como acadêmico, noto que na vida tudo é fase de desenvolvimento; a diferença é que os livros da escola tinham palavras simples para ler. Hoje, o grau de um acadêmico

é totalmente diferente, pois os livros contêm palavras que nunca nem tinha visto na minha vida; artigos, disciplinas, que no começo, para mim, pareciam uma coisa de louco. Porém, com o passar dos anos, fui me adaptando e acostumando-me, pois ser um acadêmico exige muito esforço e tempo, já que as atividades não são fáceis.

Hoje, eu analiso a diferença de um estudante de nível básico para um acadêmico. A diferença é que na escola municipal os conteúdos são os necessários para um estudante ler, escrever, interpretar um texto e saber adição, divisão, soma e multiplicação; a escola tem o papel de mostrar ao aluno os caminhos. Já uma graduação tem o papel de explorar o conhecimento de um acadêmico e também de saber o seu potencial, mostrando como ser um aluno e um acadêmico, pois o aluno passa o seu ciclo em uma escola com ajuda de seus pais, amigos, tios e tias; mas, na graduação, esse acadêmico só terá a ajuda dele, porque ele tem que arrumar meios próprios para terminar uma atividade. Uma atividade da escola é totalmente diferente de uma atividade acadêmica, posto que a universidade exige muito do acadêmico para que ele possa compreender o porquê de estudar e realizar as suas atividades com êxito.

Atualmente, acredito que não irei mais parar de estudar; sempre vou ser um E.T.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a prominent lock mechanism on the front.

4

Diário de Anatacha
Teixeira dos Santos

Venho contar um pouco sobre minha trajetória escolar. Sou Anatacha, tenho 31 anos, moro em Bonito (MS), sou nascida e criada nessa cidade e filha de paulista com uma nativa da região. Venho de uma família de duas filhas apenas, família simples e muito esforçada. Minha irmã e eu temos apenas um ano e 11 meses de diferença, sendo ela a mais velha. Meu pai sempre foi um homem de negócios, apesar de ter apenas a 4ª série do ensino fundamental. Na época, minha mãe também só tinha até essa série, mas, depois de alguns anos, minha irmã e eu a incentivamos para que ela retornasse e terminasse os estudos. Já meu pai, uma pena; se ele tivesse tido mais oportunidades, tenho certeza de que teria se dado muito bem na vida profissional. Apesar de ficar em casa, minha mãe sempre gostou muito de ler, ver filmes e nomes diferentes. Daí a origem do meu.

Aos três anos, minha irmã aprendeu a ler por meio dos gibis. Minha mãe sempre lia para ela, e ela logo aprendeu. Minha irmã não teve a oportunidade de cursar a educação infantil, em razão de, naquele momento, na cidade, não existir educação infantil pública. Assim, ela teve que entrar direto na 1ª série.

Dois anos depois, chegou a minha vez. Em 1995, com quase seis anos, abriu a primeira turma de educação infantil (pré-escola) na escolinha perto da minha casa.

Diferentemente de outras crianças, eu não queria ir; era muito apegada à minha mãe. O que me deixava feliz era poder ir com a minha irmã. Essa escola, a Escola João Alves da Nóbrega, ficava a apenas quatro quadras da minha casa, e nossa mãe nos levava todos os dias.

Ao contrário da minha irmã, eu já tinha seis anos e ainda não sabia ler; não sabia nada. Minha professora do pré era a professora Elis Regina, que era amável. As lembranças que tenho são de fazer bolinhas com papel crepom e colar em desenhos, de mesas quadradas com quatro crianças, de ter amizades com minhas amiguinhas, e de odiar quando a professora trocava a gente com a mesa dos meninos bagunceiros. A hora mais importante para mim era a de ir para o parque.

Fui para a 1ª série na mesma escola, agora com a professora Ana, sala maior, com mais alunos, com alunos maiores (repetentes). Eu tinha muitas dificuldades na leitura. Minha mãe sempre me chamava atenção e dava castigos por não aprender, comparando-me em relação à minha irmã, que já sabia toda a tabuada. Minha mãe não tinha paciência de fazer a tarefa comigo; ela se irritava e acabava me dando uns bofetões.

Na 2ª série, ainda sem saber ler, a professora se chamava Brasília, uma diaba em pessoa. Ela já estava

muito velha, prestes a se aposentar, então já não restava mais paciência. Na época, podia se dar alguns castigos, como jogar giz no aluno, deixar no quadro com o nariz atrás da porta, gritos e mais gritos. Confesso que tinha medo. Eu tinha dificuldade em me concentrar, e era dona de me sentar em rodas de amigas e ficar trocando anéis, ponteiras lindas de lápis, figurinhas. Minha mãe ia com frequência à escola para ver meu rendimento. Até que, finalmente, eu li minha primeira palavra escrita na parede da escola, inclusive era um palavrão. Fui o “sarro” do ano, mas aprendi a ler.

Na 3ª série, minha professora era muito idosa, não tinha domínio de sala, chorava ou saía da sala quando os meninos levados aprontavam demais. Lembro-me de pouca coisa.

Já no 4º ano, ficou a lembrança de aprender os números. A professora também já era bem idosa.

Essa escola tinha poucas turmas, então tive que cursar minha 5ª série em outra escola. Dessa vez, em uma escola estadual, a Bonifácio Camargo Gomes. Tudo novo, escola longe, muitos professores, e minha turma era a menor de todas, da 5ª série ao 3º ano do ensino médio. Foi uns dos piores anos; não conseguia atingir a média de matemática e acabei ficando pela primeira vez

de exame. Minha mãe aplicou altos castigos, o que só piorava, pois tirava de vez a vontade de estudar.

Foi assim na 5^a, 6^a e 7^a séries: três anos seguidos de exame. Eu estava no período matutino, até que eu pedi para ir para o vespertino na mesma escola, já na 8^a série. Foi uma ótima escolha. Lembro me como se fosse hoje: sala cheia, porém uma turma diferenciada, grupos de alunos, todos empenhados em estudar. Na minha primeira aula de Língua Portuguesa, fizeram grupos e acabei ficando em um deles. A professora fazia perguntas em forma de debate, perguntas que eu jamais saberia as respostas, mas os alunos estavam todos empenhados em responder; fiquei chocada e maravilhada com aquilo. Eram alunos bonitos fisicamente também, então percebi que eu só seria aceita ali se eu entrasse em um grupo. Foi então que entrei em um, o famoso grupo de *nerds*: uma menina gordinha, mas inteligentíssima; um menino magro, que usava óculos, e era o mais aplicado da turma; tinha mais dois alunos que faziam parte. Enfim, eu mudei, comecei a me dedicar para não ficar para trás e fiquei no grupo certo. Aprendi a estudar e a gostar de estudar, minha nota mais baixa era oito, fazíamos coleções de dez, era muito empolgante. Assim, segui para o ensino médio. Estudei até o 2^o ano nessa escola.

No último ano, minha mãe resolveu que eu tinha que trabalhar. Então mudei para uma escola mais longe

e agora no matutino novamente. Estudava de manhã e trabalhava à tarde e um pouco da noite. Terminei meu ensino médio. Nessa escola, pouquíssimos alunos foram para a faculdade; já na minha antiga turma dos estudiosos, todos foram.

Na época, minha irmã já estava na metade do curso de Letras, em que ganhou bolsa integral pela nota no Enem. Ela me incentivou a fazer o curso superior, então fiz o Enem e também consegui uma bolsa integral pelo Prouni para fazer Administração pela Uniderp. Era o primeiro ano de curso superior presencial na cidade. Também consegui bolsa integral no curso de Psicologia na capital, mas minha família não me apoiou e não tinha condições de me manter fora.

Trabalhando no ramo de administração, após quatro anos de curso, estava formada e atuei na área de marketing em um dos maiores hotéis da cidade. Já minha irmã estava lecionando nas escolas. Após cinco anos trabalhando na área, tinha um bom salário, consegui adquirir alguns bens. Até que um dia, minha irmã me sugeriu fazer Pedagogia. Acabei topando e nos primeiros estágios me apaixonei por tudo.

Então saí desse emprego. Ainda sem diploma, comecei a atuar em uma escola particular, que estava falida, não pagava ou o fazia em partes. Como estava acostu-

mada a um patamar de salário muito bom antes, foi muito difícil. Trabalhei durante dois anos nessa escola, sendo um ano sem diploma. Eu amava aquela escola, fiz um trabalho maravilhoso, fui reconhecida na cidade. Tanto que, no ano seguinte, consegui emprego em uma outra escola particular e a prefeitura fez uma carta de recomendação para me contratar, pois eu não tinha feito o processo seletivo para pegar aulas naquele período. No mesmo ano, fui convidada a trabalhar no Avanço dos Jovens na Aprendizagem (AJA), em que atuei nos três períodos; eu me dedicava de corpo e alma em todas as escolas.

No ano seguinte, recebi outra proposta de uma outra escola particular, a FUNLEC, onde estou até hoje. Continuei trabalhando no AJA e passei no meu primeiro concurso público municipal da educação infantil.

Minha irmã prestou vestibular para Pedagogia e, como sempre, convidou-me para fazer Letras – Habilitação em Português e Espanhol na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Confesso que não estudei e achei que não iria passar, mas passei.

Hoje, eu continuo nas três escolas e cursando Letras na UFMS. Tem dias que dá vontade de desistir; tem dias que é uma imensa alegria. No início da pandemia, as escolas sobrecarregaram os professores e acabei reprovando em algumas disciplinas. Mas aprendi que é isso: professor nunca para de estudar; inovar sempre!



5

Diário de Andrey
Salinet da Silva

Meu ingresso na escola se deu pela pré-escola. Os primeiros anos até a quarta série foram de brincadeiras, amizades e até troca de olhares e bilhetes com recadinhos apaixonados. Eu fui uma criança cheia de vontade de brincar e de descobrir. Curiosidade não faltava naquele menino de sete anos de idade, que só tinha os irmãos e os vizinhos para puxar um caminhão de brinquedo pelo barbante.

Passado o tempo em que as professoras eram “tias” e todos na sala eram meus amigos e amigas, fui percebendo que minha noção de criança curiosa não era tão compartilhada com muita gente da minha idade. Notei, enquanto aluno (naquela época não era frequente ser reconhecido como estudante), que a sensação de solidão pessoal inibia minha participação em certas partes das aulas e de algumas brincadeiras. Em muitos momentos, a solidão passou pelos meus dias durante meu tempo no ensino fundamental. Era primordial enfrentar o sentimento de não pertencer ao grupo social, só não sabia como fazê-lo, porém, tentar de todo jeito era minha maneira de existir.

Talvez a sensação de exclusão por limitações físicas ou devido à minha criatividade fosse a chave que ligava a privação e a alegria de ser eu mesmo durante a antiga 5ª série. Ou quando me deparei com minha primeira nota vermelha, abaixo da média, na 7ª série. Que desgosto em matemática!

Os números escritos com tinta azul nos boletins de notas antes e depois da 7^a série me ajudaram a contar como eu era capaz de vencer aquela vidraça quebrada no meu ego. No entanto, o disfarce usado para driblar as tentativas de amadurecimento pessoal, próprio do acesso ao conhecimento, e promover o apagamento dessa inibição pode ser utilizado por vários/as candidatos/as no acesso aos cursos de nível superior, como foi usado por mim antes da Educação a Distância (EaD): lia vários gibis, via programas de TV, tentava subir em árvores e até jogar bola, mas estudava o suficiente para copiar o conteúdo e grudar na prova.

Lembro que me dedicava muito às tarefas da disciplina de inglês. Eu amava pronunciar e compreender palavras totalmente diferentes das usadas pelos professores e colegas do 1^o ano do ensino médio. Quase uma vitória esportiva, já que eu não podia participar das aulas de educação física.

Como consequência, a sensação de lerdeza por não ter as palavras e os trejeitos de comunicação entre os iniciados no ambiente escolar do segundo grau na época, também não me ajudaram a conseguir me ver além do 3^o ano. A falta de conhecimento nas disciplinas específicas ao final do ensino médio poderia muito bem limitar meu ingresso ao curso superior que eu tanto queria.

Durante os três anos do segundo grau, eu pensava como era importante para mim e para minha família

ingressar em um curso da área da saúde. Tomei essa decisão na 7ª série. Pensava que era meu destino. Por outro lado, a estranheza absoluta no universo escolar de ensino superior, como ilusão de identidade social antes do curso EaD da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), limitou por certo tempo o acompanhamento da nova ciência que se descortinava ante minhas novas leituras da primeira graduação.

Enfim, eu era farmacêutico e amava as disciplinas de fisiologia e farmacologia. Eram as ferramentas para eu construir minha identidade social e profissional. Tinha uma profissão que tornava meu mundo melhor e ajudava outras pessoas a tomarem boas decisões para si.

Em 2021, às portas da formatura da segunda graduação, o meu sentimento de identidade profissional na área de linguagens, de contribuir para formação de uma comunidade de valor crítico na área de Letras, de pertencimento ao campo elaborado do discurso e do debate argumentado cientificamente fortalecem, inequivocamente, minha consciência de pertencimento e de valor próprio para enfrentar os desafios da nova jornada na licenciatura.

Sempre tive vocação para aprender, para ensinar e para organizar as informações de forma a produzir conhecimento. As “tias” falavam isso para mim, meus colegas de 8ª série e de segundo grau sempre entendiam minhas explicações, e eu gostava de participar de grupos

de estudo na faculdade. Aprender, ensinar e, ao mesmo tempo, praticar o conhecimento. Acho que isso é coisa de professor raiz, com boa dose de bom humor.

Consegui identificar comportamentos diferentes em mim, enquanto estudante da EaD UFMS, tanto em sala de aula, como professor substituto como relativo a pedidos de ajuda de estudantes que não têm intenções de afronta ou maldade natural desses(as) pequenos(as) (des)conhecidos(as).

O bom humor, que creio ter para camuflar minha sensação de nulidade diante de problemas sociais antigos no ensino público brasileiro, as formas de manifestar a esperança de valor próprio e a validade da forma pessoal de inteligência de cada “pessoinha” na minha frente durante as aulas favorecem a elaboração de respostas autênticas para questionamentos profundos formulados antes do meu ingresso em Letras.

Os mestres das escolas ou de universidades resgatam os perdidos pela estupidez da exclusão social, intelectual e humana. Resgataram-me da minha. Percebi que a escola são os professores, os professores são a escola. Os estudantes parecem ser a dúvida. Será que virão a ser formandos ou terminarão o ano letivo aprovados/as? Eles mesmos acreditam na própria capacidade

intelectual? Eu mesmo tinha consciência do profissional que viria a ser após esses anos, desde 2017? Talvez a falta de perspectiva de localização profissional no futuro de 2021, 2022, inviabilize assumir o presente com segurança, porém, nunca com falta de responsabilidade.

A existência do estudante de ensino fundamental ou médio promovida por mim, como professor licenciado em Letras, por exemplo, favorece o autoconhecimento e estimula a manifestação individual do/a estudante na escola e na sociedade, o que me foi diferente antes das vivências universitárias pela EaD.

Penso que o poder da empatia entre todos os temperamentos, de quem fala e ouve na sala de aula, seja na ordem professor-estudante ou vice-versa, deve ser coordenada pelo amor, pela rota pela qual passei antes, e ainda passo enquanto aluno da EaD, em que aqueles que frequentemente ensinam, aprendem mais e (re)animam os que mais aprendem que ensinam.



6

Diário de Bruna de
Souza Ximenes

Buscando lembranças de minha vida escolar, volto ao ano de 1999, quando iniciei a pré-escola. Lembro que me encantei com a sala de aula, cheia de desenhos, números e letras coloridos e pendurados por barbantes; os jogos de carteiras eram pequenos, pois condiziam com a estatura dos estudantes. Foi nessa classe, com a professora Elis Regina, que aprendi as primeiras letras e números.

Nessa mesma escola, conclui o ensino fundamental I e convivi com outras professoras maravilhosas, que transmitiam amor ao lecionar e se sentiam felizes com o desenvolvimento do aluno. Foi o tempo em que descobri o mundo que a leitura e o ensino nos apresentam.

A partir do ensino fundamental II, fui matriculada em uma escola estadual, pois a anterior só tinha classes até a 4ª série. Essa nova escola era maior, disponibilizava mais turmas, da 5ª série ao 3º ano do ensino médio, e foi nela que me deparei com os obstáculos do aprendizado da língua portuguesa.

Na 5ª série, era quando estudávamos a gramática pura e a análise das orações. Nessa etapa escolar, percebi que Língua Portuguesa não era minha disciplina favorita. Sempre fui boa com números e cálculos, e a infinita possibilidade que existe na língua portuguesa me assus-

tava um pouco. Sempre fui boa com números e cálculos, e a infinita possibilidade que existe na língua portuguesa me assustava um pouco.

Essa etapa da vida escolar era, e ainda é, cheia de novidades para o aluno, pois a maioria migra de uma escola pequena, que geralmente oferece até o ensino fundamental I e onde se convive com alunos mais jovens e poucas disciplinas, para uma escola grande e com a integração de várias disciplinas no currículo.

Nunca tive problemas com outras disciplinas, mas a língua portuguesa, com todas as suas regras sempre foi um desafio. Nesse momento, conheci uma professora que me ajudava a contornar as dificuldades com dedicação e, assim, eu conseguia entender o conteúdo e ter boas notas. Nesse momento, conheci uma professora que me ajudava a contornar as dificuldades com dedicação e, assim, eu conseguia entender o conteúdo e ter boas notas.

Na época, utilizávamos livro didático compartilhado, pois não havia material para todos e apenas a minoria dos alunos da turma tinha acesso à internet; as pesquisas eram feitas na biblioteca e isso dificultava o desenvolvimento escolar.

Um ensino interativo desenvolve o conhecimento do aluno. Uma das atividades que mais gostei de executar foi no 9º ano, quando fizemos em grupo uma narrativa, depois elaboramos um livro de tecido com a história e ilustrações e apresentamo-lo em forma de teatro em um Centro de Educação Infantil (CEI). Ver nossa criação sendo aplaudida e compreendida pelas crianças foi satisfatório.

Sempre gostei de ler. Minha carteirinha da Biblioteca Municipal, onde eram marcados os títulos dos livros e as datas para devolução, vivia lotada. Li vários romances de Machado de Assis e outros clássicos. Apesar de gostar de ler, estudar gramática não me fazia feliz. Confesso que hoje estou aprendendo a compreendê-la e imagino que este é o caminho. Resolvi enfrentar essa dificuldade de frente, matriculando-me no curso de licenciatura em Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aprendi que os métodos de ensino podem salvar o aluno que sofre dificuldades na aprendizagem.

Hoje, como estudante do curso de Letras, muitas vezes, analiso momentos em que eu vivi ou presenciei na escola, mas com a visão e o conhecimento de futura professora, e percebo que as atitudes tomadas com os alunos podem marcá-los pelo resto da vida, seja pelo lado bom ou ruim. A admiração que carrego por alguns professores que conheci na escola e na faculdade me

inspira a buscar o melhor caminho para o desenvolvimento dos meus futuros alunos.

Um dos livros em que aprendi muitos ensinamentos foi *Diário de escola*, de Daniel Pennac (2008). Em meio as suas histórias, imaginei-me no lugar dos alunos que passam por dificuldades na aprendizagem; um período complicado que pode causar traumas.

Neste momento de pandemia em que estamos vivendo, penso nos alunos estudando à distância. Alguns são crianças que nem tiveram a oportunidade de estar em uma sala de aula presencial, que estão no início da alfabetização, muitos não têm estrutura na família para auxiliá-los, outros não têm o suporte de internet ou computador; tudo isso pode desenvolver um aluno com dificuldades de aprendizado. Os professores fazem o máximo, desenvolvem materiais, eles se reinventam e preocupam-se com os alunos. Acredito que após o fim da pandemia encontraremos muitos alunos com dificuldade na aprendizagem, mas com muita dedicação e apoio isso será contornado.

A história escrita por Pennac (2008) trouxe um conhecimento que eu levarei para a vida, “me imaginar não sabendo aquilo que sei”; lembrar-me das dificuldades que passei e perceber que posso ajudar os alunos que

passam por isso. Como estudante de licenciatura, eu entendo que cada aluno tem seu tempo de aprendizagem, suas dificuldades, e que o professor tem o poder de ajudar. Muitos jovens acabam desistindo da escola pois não acreditam em seu potencial, não se veem dignos de um futuro brilhante, mas essa dificuldade pode ser vencida. O aluno deve saber que ele pode ter o futuro que quiser, ele não está preso em uma situação. Todos podemos superar os limites que, muitas vezes, são impostos por nós mesmos.

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.



7

Diário de Carlos
Junir Cardoso

Nesta pequena narrativa, vou registrar e dividir com vocês acontecimentos relevantes da minha trajetória escolar, talvez, quem sabe, para quando eu for velho e caduco poder relembrar de fatos que foram importantes na minha vida como aluno. Vamos lá! O ano era 1990...

O ano de 1990 foi marcante para mim. Exatamente às 7h, de uma segunda-feira ensolarada, coloquei os meus pés em uma sala de aula. O coração batia forte, assustado e, ao mesmo tempo, radiante de felicidade. Sentei-me na primeira cadeira em frente à mesa da professora; queria muito ouvir os ensinamentos da pessoa mais inteligente do mundo. Olho para trás e vejo no rosto dos colegas um sorriso de felicidade. Sem escutar barulhos ou passos, escuto aquele “bom dia, alunos!” que até hoje não sai da minha mente. Parece que neste exato momento escuto novamente aquela voz doce de um anjo, olho para frente e vejo a minha querida professora: uma mulher de mais ou menos 38 anos, loira, 1,70m de altura, linda. Suas primeiras palavras foram: “Queridos alunos, vocês são as pessoas mais importantes para mim. Meu nome é Rose do Nascimento, a tia Rose”. É assim que quero continuar me lembrando da tia Rose: sorridente, feliz, brincalhona, mulher íntegra, professora que sempre honrou com seu ofício e contribuiu muito em minha vida, como pessoa e, principalmente, como cidadão dotado de conhecimentos. Jamais me esquecerei das primeiras

palavras, letras e números ensinados. Ela era dotada de um conhecimento natural, ensinava língua portuguesa, matemática, artes e educação física, pois, naqueles tempos, era uma única professora para todas as disciplinas. Naquela fase tão delicada de nossas vidas, envolvendo a educação infantil, a professora Rose foi destaque e serviu como exemplo para todos nós, alunos daquele ano. O seu conhecimento e o carinho que nos dedicava me fizeram amá-la para o resto da minha vida.

Com 20 anos, concluí o ensino médio. Não que eu tenha reprovado, mas por ter começado a estudar atrasado, pois minha família sempre morou na zona rural e lá não havia escola.

Finalizado o ensino médio, entrei para o serviço militar, ficando no quartel por sete anos. No começo do segundo ano na instituição, fui promovido à graduação de cabo. Em 2008, encerrou-se minha permanência no exército brasileiro.

Saindo das forças armadas, sem um rumo certo a seguir na vida, sentei-me, pensei e tomei a decisão de voltar a estudar. No começo foi difícil, pois fazia alguns anos que eu tinha parado com os estudos. A primeira tentativa para entrar em uma faculdade pública foi fazendo a prova do Enem. Como se pode imaginar, não fui muito

bem, tirei uma nota baixa, o que me frustrou bastante. Mas, não abaixei a cabeça e nem desisti; isso só me deu mais força para continuar.

Depois de alguns meses estudando quase todos os dias, encarei outra prova: esta era para o ingresso na polícia militar do estado de Mato Grosso do Sul. Nessa eu passei: de quase 30 mil inscritos, fiquei em 119º lugar. Mas parece que o destino não queria que eu continuasse na carreira militar, pois foram chamados 108 candidatos e, infelizmente, fiquei de fora.

Em 2010, fiz outra prova: para a prefeitura de Bela Vista (MS), na qual passei em 7º lugar. Logo após isso, em 2012, voltei a encarar a prova do Enem. Dessa vez, o resultado foi maravilhoso e, graças ao meu esforço e dedicação, tirei uma nota muito boa: a minha redação teve 800 pontos; somando com a nota da prova, obtive uma média de 820 pontos. Com essa nota, inscrevi-me no Prouni para concorrer a uma bolsa de estudo no curso de Serviço Social. Fiquei em primeiro 1º lugar na classificação, sendo contemplado com uma bolsa de estudo de 100% do valor da mensalidade.

Em 2018, outra prova para o meu currículo. Dessa vez, foi mais por brincadeira entre amigos, para ver quem ficaria mais bem classificado no vestibular de Letras da

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Para minha surpresa, fiquei em 25º lugar das 40 vagas disponíveis. Como passei dentro das vagas, resolvi encerrar a minha segunda graduação. Para mim, seria (e está sendo) um grande desafio, pois a graduação em Letras não é fácil, ainda mais para quem não gosta muito da norma culta, visto que sou nascido e criado no meio rural, onde o linguajar pouco importa.

Nesses quatro anos de faculdade, aconteceram muitas coisas boas e ruins ao mesmo tempo, mas estou aqui, firme e perseverante como sempre fui. Não pretendo encarar uma sala de aula, apesar de ter um grande carisma por gente. Não consigo explicar, ainda, o porquê. Quem sabe um dia...



8

Diário de
Christiane
Silveira Batista

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.650.67-72

Minha trajetória escolar, assim como a de tantos brasileiros, é marcada por muitas adversidades. Entretanto, não posso dizer que nela há tristeza, pois meu caráter, meus conhecimentos e onde estou hoje estão vinculados a esse passado, que também foi repleto de alegrias.

Início minha vida estudantil em creches públicas de Campo Grande, MS, minha cidade natal, posto que meus pais trabalhavam fora. Depois, a situação financeira melhorou um pouco e até frequentei uma escola infantil privada, mas por uns dois anos apenas.

Na 2ª série, retorno ao ensino público na escola do bairro onde morava, e que estudei até a 7ª série. Nessa escola, havia festas juninas, campeonatos, desfiles; e eu gostava de participar de tudo que pudesse. Também foi nesse período que minha família e eu vivemos nossas maiores dificuldades financeiras, pois só meu pai estava trabalhando fora, e minha mãe ficava em casa para cuidar das três filhas. Depois, houve um tempo que meu pai também ficou sem trabalho. Imagino quanta aflição eles passaram sabendo que tinham três filhas para alimentar. Assim, para obter alguma renda, eu sempre ajudei minha mãe, que vendia cosméticos, lingerie, roupa; fazíamos e comercializávamos gelinho, picolé, bolo e lembrancinhas de gesso. Lembro-me até hoje da vez que minha mãe fez um bolo, e meu pai e eu fomos ao portão da escola,

no horário do recreio, para vendê-lo – pois uma família sempre fazia isso e, aparentemente, vendia tudo –, mas ninguém comprou e voltamos com o bolo intacto. Acho que chorei. Apesar desse dia, eu não tinha vergonha de oferecer os produtos na escola e na vizinhança. Sabia o valor do dinheiro e que dependíamos disso.

Depois, na 8ª série, com meus pais de volta ao mercado de trabalho, a situação financeira foi se regularizando. Então, fui para outra escola pública, a 2 km de distância, pois era considerada um pouco melhor que a do bairro. Ali fiquei por três anos. Por fim, no 3º ano do ensino médio, fui para uma escola particular, na tentativa de suprir qualquer *deficit* de aprendizagem que eu pudesse ter para ingressar no nível superior.

Na época, as universidades não haviam aderido ao Enem como forma de seleção dos candidatos; assim, fiz dois vestibulares: para Direito, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); e para Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Fui aprovada nos dois e cheguei a frequentar um mês de aulas no curso de Direito, mas optei por estudar somente no curso de Letras devido à gratuidade.

Durante a faculdade, comecei a estudar inglês e espanhol em cursos de idiomas, os quais concluí em 2005

junto com a graduação. Paralelamente, eu ainda lecionava português e inglês em escolas públicas e privadas. Com 18 anos, já dava aulas no ensino fundamental, médio e na Educação de Jovens e Adultos.

Em 2007, decidi morar na Espanha, onde fiquei até 2009. Lá não consegui lecionar e tive que trabalhar como pude: de garçonne, babá, faxineira, lavadora de pratos, figurante em plateias, cuidadora de idosos. Retornei e, como uma apaixonada pela língua e cultura hispano-americana, queria atuar como professora de espanhol. Para isso, fiz o Enem em 2010 e, em 2011, comecei a cursar Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS de Campo Grande. Ressalto que mesmo sem ter a habilitação em língua espanhola, foi fácil conseguir aulas, pois o espanhol tinha sido implementado em muitas escolas devido à Lei do Espanhol, Lei n.º 11.161/2005.

Em 2013, fui selecionada por meio de edital para dar aulas de inglês no recém-inaugurado Centro Estadual de Línguas e Libras Professor Fernando Peralta Filho, um projeto maravilhoso que ofertava gratuitamente aulas de diversos idiomas à população. Fiquei ali até 2014, quando fui aprovada em um concurso para um cargo administrativo na UFMS.

Em 2015, iniciei e concluí uma especialização em língua espanhola, mas, com, aproximadamente, 90% da carga horária concluída da graduação em Letras – Habilitação em Português e Espanhol, eu me mudei de Campo Grande e tranquei a graduação, porque fui aprovada como Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), um cargo que sempre quis.

Em Dourados, cheguei a ingressar como portadora de diploma na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), única instituição pública que oferta essa licenciatura na cidade, mas não consegui conciliar com meus horários laborais. Assim, deixei de lado por um tempo essa graduação e iniciei o mestrado em Letras na UFGD em 2016.

Em 2017, soube do vestibular para Letras – Habilitação em Português e Espanhol na modalidade da educação a distância (EaD), nos polos de Bonito e Bela Vista. Escolhi o polo de Bonito, fiz o vestibular, fui aprovada e solicitei o aproveitamento de estudos, o qual me dispensou de cursar muitas disciplinas. Concomitantemente, concluí o mestrado em 2018.

Em 2021, estou na reta final para a finalização dessa graduação, depois de uma década de estudos,

instituições e cidades diferentes. Todo esse percurso poderia ter sido simplificado se eu optasse por estudar em uma instituição privada, mas não quis, pois acredito, enquanto aluna e servidora de uma universidade pública, que o ensino propiciado aos acadêmicos pelas universidades públicas tem qualidade superior ao das privadas. Por isso, a oferta dessa graduação EaD me trouxe a oportunidade de finalmente terminar essa graduação por uma universidade pública.

Nesse sentido, gostaria de manifestar minha profunda gratidão aos professores da EaD da UFMS por viabilizar a muitas pessoas a possibilidade de começar, retomar, continuar e/ou concluir seus estudos de nível superior. Lamento, porém, que haja, atualmente, uma desvalorização governamental das universidades públicas, dos professores, da EaD, do espanhol, mas, com esperança de dias melhores, temos de seguir em frente.

Assim, finalizo inspirada por Mário Quintana e Manoel de Barros: o que eu quero é crescer pra passarinho – voar, cantar, fazer ninho. E os que estão atrapalhando o caminho? Eles passarão, e eu, passarinho.



9

Diário de Cintia
Mara de Souza

Creio que minha jornada enquanto estudante no ensino básico foi, de certa forma, tranquila, no quesito de não ter problemas familiares ou pessoais que interferissem em meus estudos. Meus pais não hesitavam em dizer que nós (eu e minhas três irmãs) não trabalhávamos e por isso a nossa obrigação era tirar boas notas. Não os julgo por esse pensamento, pois sei que eles não tiveram a mesma oportunidade que nós, pois precisaram obrigatoriamente trabalhar para se manterem. Minha mãe, por mais que não soubesse boa parte das atividades, auxiliava-me a seu modo e era presente nas reuniões escolares. Agradeço a Deus pela vida de meus pais: se hoje estou fazendo esse curso de Letras, dedico isso a eles.

No geral, tenho lindas lembranças de professores que foram significativos em minha vida estudantil. Eles eram mais que professores, eram conselheiros e amigos. Minha trajetória no ensino médio foi um pouco mais travada, pois tive dificuldade em absorver e entender disciplinas como Literatura, Física, Química e Matemática. Hoje compreendo que tais dificuldades estavam relacionadas à maneira didática que o professor utilizava. Observei que alguns professores eram muitíssimos inteligentes, mas não sabiam como administrar isso em sala de aula, nas explicações e nas atividades.

Lembro-me que ao ver a disciplina de Literatura no curso de Letras fiquei estarrecida, pois nunca a compreendia, mas, no decorrer do curso, entendi-a como um conjunto (interpretação da obra por inteiro), e não apenas como uma aprendizagem fragmentada (vida do autor e tipos de obras, por exemplo). O curso me fez enxergar as entrelinhas, e não somente peças aleatórias.

O autor Daniel Pennac, da obra *Diário de escola* (2008), conta que sofreu muito em sua caminhada escolar, pois era considerado um mau aluno simplesmente pelo fato de não entender o que era proposto. Vejo que ainda hoje há professores que colocam a culpa no aluno, no sistema, na família ou na educação anterior. Dessa forma, usam isso como pretexto para não fazer a diferença na vida do aluno. O curso me fez refletir sobre a dor e o sofrimento de alunos que, por não se encontrarem dentro das aulas, são reprimidos e deixados de lado; eles precisam ser resgatados e cuidados.

Como futuros professores, precisamos entender que os alunos nunca vão à escola sozinhos: eles trazem consigo problemas familiares, conflitos interiores e pessoais. O docente precisa abraçar o aluno que não está se encontrando dentro da sala de aula, e não vendiar os olhos para não enxergar as dificuldades e, desse modo,

abandoná-lo. Precisamos nos perguntar: queremos pagar o preço de ser um professor de verdade? Queremos mudar realmente a vida de adolescentes e jovens?

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden desk. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The desk is made of dark wood with visible grain and a small metal lock on the front.

10

Diário de Cristiane
Sanabria Lopes

Iniciei minha vida escolar aos seis anos de idade no colégio salesiano de Santa Tereza, a escola dos sonhos. Foi um momento de muita alegria, que até hoje não sai da memória. Consigo recordar de cada espaço daquele lugar, como eram as apresentações, a hora do recreio, do lanche, do parquinho exclusivo do pré. Mas também me lembro nitidamente dos momentos tristes pelos que passei, pois sempre fui muito tímida e isso me prejudicou (e até hoje me prejudica) muito.

Lembro quando a minha professora Leda quis falar com minha mãe. Ela pediu que minha mãe me levasse ao psicólogo, pois eu não interagía durante as aulas, e falou muitas outras coisas. Na realidade, eu morria de vergonha de falar na frente dos colegas e da professora, por isso deixava de tirar dúvidas dentro da sala. Antes que minha mãe pudesse me levar ao psicólogo, a professora Leda se aposentou e entrou a professora Beatriz. Mais uma vez, minha mãe foi chamada, mas essa nova professora falou sobre a forma como eu realmente sentia. Ela disse à minha mãe que notou que eu era muita tímida e quieta, por esse motivo eu não participava. Ela disse, também, que iria trabalhar diferente comigo, a ponto de eu participar sem me expor. Eu só fui compreender o que isso significava na adolescência, quando entendi o significado de expor. Por isso, tenho mais lembranças boas do que ruins.

No fundamental I, sofri novamente. Até o 5º ano foi assim: a vergonha de perguntar algo que eu não entendia para a professora era grande. Havia professoras, aquelas mais antigas, que eram muito rígidas; às vezes, perguntávamos algo e elas gritavam; tudo contribuía para eu me fechar mais e permanecer naquele mundinho.

No fundamental II, melhorei mais um pouco. Conseguia me comunicar melhor com os professores, embora, de vez em quando, batesse aquela vergonha e eu voltava para casa sem entender a matéria. Mesmo assim, foi um período em que comecei a amadurecer mais, não que eu tenha perdido a timidez, mas foi um momento muito importante com novos professores, novos métodos.

O tempo foi passando, terminei o ensino médio e “estacionei”, sem ter nenhuma perspectiva para o futuro profissional. Certa vez, vi minhas companheiras de serviço entrando na faculdade, e elas me chamaram. Eu queria muito, mas meu esposo não deixou. Novamente desisti. Porém, um dia teve uma prova de concurso na cidade, e essas minhas colegas que fizeram faculdade prestaram o concurso, passaram e eu fiquei. Nesse momento, abri os olhos, tomei coragem e falei para o meu esposo que eu ia entrar na faculdade. Ele tentou impedir, mas eu permaneci firme na minha decisão e entrei: fiz quatro anos de Pedagogia.

Quando estava no quarto semestre de Pedagogia, tive vestibular para ingresso na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Os cursos ofertados eram: Pedagogia, Educação Física e Letras. Como eu já estava fazendo Pedagogia, optei por Letras. Fiz o vestibular e, para minha surpresa, passei e entrei. Por dois anos, fiz duas faculdades ao mesmo tempo.

Em 2019, tive concurso e eu fiz para professor de educação infantil. Tive nota boa, mas na prova de títulos fiquei para trás, por não ter nenhum outro curso para contar pontos. Mais uma vez, vi a necessidade de se estudar cada vez mais.

Essa questão da Educação a Distância (EaD) me ajudou muito, não só quanto à timidez, mas também pela oportunidade proporcionada. Eu já fiz cursos que, se fossem presenciais, seriam impossíveis de se fazer em razão de serviço, filho pequeno, distância.

Hoje, aquelas palavras que me motivavam a desistir me fazem ir além, querer sempre mais. Neste exato momento, sou graduada em Pedagogia; estou no último semestre da minha segunda graduação, em Letras; no primeiro semestre da minha terceira graduação – Arquitetura e Urbanismo, pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS); pós-graduada em Educação Especial e

Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica; estou no penúltimo semestre da Especialização Profissional, Científica e Tecnológica no IFMS. Ou seja, neste semestre estou matriculada em três cursos, sendo dois já quase se findando.

Essas são oportunidades de estar em grandes instituições da EaD, que presencialmente eu não teria condições. Aprendi a me programar para cumprir as atividades no seu tempo e sem deixar nenhuma para trás. E não pretendo parar por aqui: descobri que sou capaz de atingir meus objetivos, de lutar por aquilo que eu quero, de chegar até o final.

E o meu esposo? Eita! Meu companheiro, toda loucura que eu entro ele me apoia, tudo que é referente aos meus estudos, ele é o primeiro a me dizer: “Tô aqui com você para o que der e vier, só não vai enlouquecer”. E assim eu vou, enquanto houver oportunidade e EaD, estou dentro.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden desk. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The desk is made of dark wood with a visible grain and a small lock mechanism on the front.

11

Diário de Daiane
Yasmin Chaparro
Gomes Marques

Quando a gente lê um livro tão realista como *Diário de escola*, de Daniel Pennac (2008), automaticamente buscamos em nossa memória tudo que vivemos durante a trajetória da vida escolar. Eu mesma fui lá para 1994, quando cursei a pré-escola. Minha professora se chamava Isnéia, era de manhã e eu tinha vontade de ir embora; desisti de estudar naquele ano, e o estranho foi ninguém me forçar a ir, mas fui chamada ao final do ano e participei da formatura.

No ano seguinte, fui para uma escola municipal bem maior e lá estudei até a 4^a série, no período matutino. Minha professora da 1^a série se chamava Ágda; a da 2^a, Aparecida. Não tenho muitas recordações de 1996, exceto de quando fizemos na sala de aula um cartão em formato de camisa e gravatinha para o Dia dos Pais e me dei conta de que eu não conhecia o meu pai verdadeiro; isso era o que eu dizia naquela época, mas isso é outra história.

Em 1997, a minha vida começou a mudar, graças à minha querida professora Teresinha Ramires, que era incrivelmente inteligente e culta, ensinava-nos facilmente os tempos verbais e suas conjugações, recitava poesias e canções. No outro ano, ela foi minha professora novamente, para a minha sorte; eu só não aprendia a conta de multiplicação e divisão com dois números na chave. Eu

era daquelas que se sentava bem na frente, na carteira do meio; era líder da sala e estudiosa. A professora Teresinha marcou a minha infância. Ainda há pouco encontrei-a na rua, saindo de uma livraria, na qual eu estava entrando. Encontro digno, não? Ela se lembra até hoje como escreve o meu nome. Fiquei emocionada com o encontro daquela manhã de sol. Eu era daquelas que se sentava bem na frente, na carteira do meio; era líder da sala e estudiosa. A professora Teresinha marcou a minha infância. Ainda há pouco encontrei-a na rua, saindo de uma livraria, na qual eu estava entrando. Encontro digno, não? Ela se lembra até hoje como escreve o meu nome. Fiquei emocionada com o encontro daquela manhã de sol.

Da 5^a à 8^a série, estudei em outra escola, na rede estadual, três anos seguidos à tarde e a 8^a série de manhã. Eu era sempre líder ou vice-líder da sala e capitã do time feminino de futsal. Em 2002, errei um pênalti que era decisivo para os jogos escolares e graças a mim perdemos aquele jogo. Deve ser porque naquele ano joguei com a camisa 8 e meu número sempre foi o 4. Só sei que nunca vou me esquecer daquela manhã que chorei feito um bebê no ginásio de esportes porque perdemos o interclasse. É que no ano anterior fui chamada junto com a minha colega Thayanni para carregarmos o estandarte da escola no desfile do aniversário da cidade. Aquele desfile alavancou a minha popularidade na escola: antes

eu era a Dai Yasmim da 7ª série; depois disso, eu era a que sempre carregava o estandarte. Era como se a vaga fosse só para mim, mas perder o interclasse no ano seguinte foi como se minha popularidade fosse por água abaixo. Todavia, a vida pedagógica era um sucesso total: sempre boa aluna e muito querida pelas professoras de Língua Portuguesa, já que eu era invencível nos debates de gramática, e isso não me deixou abater; mas eu continuava sendo a 8 que a goleira catou a bola naquele chute ao centro do gol. É que no ano anterior fui chamada junto com a minha colega Thayanni para carregarmos o estandarte da escola no desfile do aniversário da cidade. Aquele desfile alavancou a minha popularidade na escola: antes eu era a Dai Yasmim da 7ª série; depois disso, eu era a que sempre carregava o estandarte. Era como se a vaga fosse só para mim, mas perder o interclasse no ano seguinte foi como se minha popularidade fosse por água abaixo. Todavia, a vida pedagógica era um arraso total: sempre boa aluna e muito querida pelas professoras de Língua Portuguesa, já que eu era invencível nos debates de gramática, e isso não me deixou abater; mas eu continuava sendo a 8 que a goleira catou a bola naquele chute ao centro do gol.

Entretanto, até agora só falei da parte boa. Parece uma vida cor de rosa, né? Mas não é. Enquanto eu era a melhor em português, era a pior em matemática.

Tenho um vizinho que é professor de Matemática, um dos melhores da cidade, o professor Mauro; quantas noites esperava-o chegar para me ajudar com as tarefas, com aquela bendita fórmula de Bhaskara. Mas não adiantava nada, eu errava todos os cálculos. Inclusive em Física, já no ensino médio, eu até entendia a fórmula, mas errava os cálculos. Que ironia, eu nunca aprendi de fato a matemática.

Atualmente, o ensino, a vida escolar, os conteúdos pedagógicos, tudo está muito diferente. O capitalismo infantil e juvenil tomou conta dos alunos, que competem para ver quem tem o melhor celular, mais dinheiro em joguinhos virtuais, quem veste as melhores roupas e calçados; e quem não entra na onda é excluído ou se sente inferior. Eles entendem tudo de jogos digitais e aplicativos, mas não sabem fazer pesquisas no Google.

Quando chego a este ponto do diário, eu me pergunto: que tipo de professora irei ser para os meus alunos? Bem, quero escolher ser como a professora Teresinha, pois ela não passava só gramática e cálculo, ela nos ensinava a sentar-nos corretamente, a não falar gritando, a falar adequadamente, a fazermos pesquisas, entre muitos outros ensinamentos que sempre me lembrarei. Bem, quero escolher ser como a professora Teresinha, pois ela não passava só gramática e cálculo, ela nos ensinava a

sentar-nos corretamente, a não falar gritando, a falar adequadamente, a fazermos pesquisas, entre muitos outros ensinamentos que sempre me lembrarei.

Ao ler Pennac (2008), despertou em mim uma luz, fazendo-me refletir qual professora quero ser neste futuro tão próximo, neste futuro que um milhão de vezes pensei que não viesse a acontecer, pois os zeros de matemática não me permitiriam passar num vestibular e a popularidade de adolescente duraria para sempre. Ainda bem que eu persisti e tive professoras que acreditaram em mim. Hoje sonho em ser como uma das minhas queridas e inesquecíveis professoras de Língua Portuguesa: dedicadas, atenciosas e inteligentes.

A modalidade da Educação a Distância (EaD) é muito importante para a população brasileira, pois quem não tem a oportunidade de ir para uma cidade grande estudar e/ou não pode pagar por uma faculdade particular tem a chance de cursar faculdades incríveis à distância e sem custo. Que bom que há faculdades EaD; se elas não existissem, muitos, como eu, talvez morreriam com o sonho de serem pessoas com graduação.

Além de ser tudo incrível e extraordinário, o curso à distância possui qualidades melhores que os cursos presenciais, visto que não há limites para pesquisa. Temos

o mundo inteiro por meio da internet e tempo para ir em busca das melhores informações, ao contrário dos limites que uma sala presencial possui diante de respostas rápidas que muitos professores conceituam como corretas, porque não houve ali tempo e pesquisas incansáveis como as dos alunos da EaD.

Assim termino o meu diário escolar. Poderia digitar um livro ou apenas uma página, mas, nessa altura da noite, sentada, digitando em meu computador, quero deixar minhas memórias registradas, pois cada aluno possui sua história, uma mais diferente que a outra. Como todo professor, que sempre vai ser um ex-aluno, em breve serei eu que estarei lendo diferentes diários escolares dos meus alunos e alunas das escolas onde um dia me sentei na carteira da frente, no meio da sala.

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are aged and yellowed, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a visible lock mechanism on the front.

12

Diário de Dalva
Quintana Dias

Fevereiro de 2002. Eu lembro que foi uma das séries que mais me marcaram. Foi ali o início de toda uma vida escolar. Recordo que minha mãe sempre fazia questão de falar, por semanas, que eu começaria a estudar em uma escola maior na segunda-feira. Eu tinha saído um ano antes da pré-escola já sabendo escrever meu nome. Mas lá, diferentemente da escola maior, eu tinha minha mãe sempre por perto. Mal sabia eu que isso não aconteceria mais, e ali, naquela sala, eu já teria que ficar sem ela.

Quando eu cheguei à escola no meu primeiro dia de aula, deparei-me com uma sala maior do que eu imaginava e várias crianças diferentes, apesar de algumas já terem estudado comigo no ano anterior. Lembro que, no começo, eu chorava muito, porque minha mãe já não estava mais ali comigo. Eu mal sabia o nome da professora, mas ela teve muita paciência comigo, até que, com o passar dos dias, eu resolvi ir até ela e perguntar seu nome. Na época, eu tinha seis para sete anos e, aos poucos, o choro de todo dia foi acabando.

Com o passar dos dias, eu me interessava mais por ir à escola; percebia até que minha mãe ficava um pouco triste por eu não chorar mais. A professora Iracema foi uma marca em minha vida, por sentir que ela tinha escolhido a profissão certa e por se doar tanto para os alunos. Alguns dias se passaram, e eu não escrevia

apenas o meu nome sozinha, mas o da minha mãe também, que foi o que eu sempre me interessei por aprender. Assim, a aprendizagem se tornava mais prazerosa, e eu já ficava ansiosa para ir à escola fazer atividades e ver meus colegas.

Quando foi chegando perto do final do ano, a professora começou a nos explicar que não estaria mais com a gente no próximo ano. Então algo triste foi crescendo dentro de mim. Até que um dia, dentro de sala, eu chorei novamente. Ela me perguntou o motivo do choro, e logo respondi. Em seguida, ela me abraçou e disse que eu sempre estaria em seu coração e prometeu ir sempre me ver no próximo ano. Veio dezembro, fizemos as despedidas, e aquele sentimento de tristeza já nem passava mais por mim.

Nos dias de hoje, consigo perceber a importância de se tratar bem uma criança no início da sua vida escolar, notando que não é só impor as condições dentro de sala, mas colocar amor no que se faz sempre.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with a prominent grain. The book is open, showing aged, yellowed pages with some faint text. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a complex bit is resting on the book. The background is dark and textured, possibly a wall with small, light-colored dots.

13

Diário de
Diacir de Souza

A minha infância, adolescência e juventude foram marcadas por muitas lutas e dificuldades tanto familiares como financeiras. Quando criança estudei em uma escola na zona rural muito simples; mas o professor Rivelino tinha um caráter imenso. Era uma época em que os professores eram muito respeitados, ele me disciplinava e mandava bilhete para meu pai e eu mesmo tinha que entregar, pois sabia que perguntava depois sobre ele. Éramos em nove irmãos, as dificuldades eram imensas.

Com muitos esforços e lutas estudei, pois tinha que ajudar na agricultura familiar. Trabalhava de manhã e fazia ginásio a tarde. No ensino médio, trabalhava durante o dia e ia para a escola a noite. Assim consegui meu diploma de Técnico em Contabilidade em 1986. Comecei então a estudar Magistério com muita ajuda e incentivo da professora Maria Cristina, mas não fui além de apenas dois anos, então desisti do curso, pois eu pensava: "Já estou formado em Técnico em Contabilidade, o que mais preciso eu?" Que mentalidade pequena! Desisti do curso que poderia ter acrescentado algo novo, quem sabe um destino diferente em minha vida, mas tudo bem! Sempre fui um aluno muito extrovertido. Algumas advertências e suspensões fizeram parte da minha vida escolar, e meu pai não poderia saber disso, mas em muitas ocasiões ele ficou sabendo e isso foi muito ruim para mim. Uma vez fui denunciado e por causa disso fui para secretaria da escola e a vice-diretora em curso, Jorgina, depois que assinei

um termo na secretaria disse-me: “Os alunos mais inteligentes têm uma caligrafia bonita e também são os mais Arruaceiros”. A professora Maria Cristina afirmou: “Estes alunos, muitos deles serão padres, pastores, políticos e grandes profissionais competentes”. Isto aconteceu de fato; professor Rinaldo como vereador e Deputado Estadual por MS, capital Campo Grande, outro se tornou padre e eu pastor Batista.

Dez anos se passaram, então tive a oportunidade de recomençar os estudos, mas agora com algo novo, (Bacharel em Teologia STBAW), bem diferente, não que isso não fosse importante, sem sentido, muito pelo contrário, foi algo extraordinário este novo momento em minha vida, diferente de tudo, em relação aos estudos seculares, porque passei a me dedicar tão somente às leituras e ensinamentos sobre Teologia, dentro do conceito Batista e, raramente, de outras denominações evangélicas. Assim, criei para mim, ou melhor, dentro de mim, um novo mundo sem aberturas para o “mundo secular”..., tudo mudou, então um novo recomeço, só que agora com uma visão mais ampla. Tive a oportunidade, pelo incentivo do professor Edson, para fazer o vestibular que concorreria a uma vaga de 50, para Letras em Bela Vista pela UFMS. Foi um sucesso! A minha entrada para a faculdade foi marcada, no início, por um desfile em ocasião ao aniversário da cidade, em Julho 2017, e lá estive eu, um dos novos alunos representando a UFMS, me sentindo naquele momento uma criança já com quase 50 anos de idade.

No início, para mim, foi tudo muito estranho mesmo, porque estou saindo de um mundo fechado que eu havia criado para mim e agora me vejo em outro mundo totalmente diferente daqueles cheios de histórias e acontecimento (literaturas). Em sala de aula os professores(as) deixavam transparecer que as coisas são muito fáceis, mas, ao mesmo tempo, eu tinha muito receio de ser questionado sobre alguns assuntos correntes sobre a aula, pois não tinha nenhuma segurança e sentia muito medo de responder, pois já havia passado quase 30 anos sem nenhum contato com escola. Além disso, eu estava competindo com alunos recém-formados no Ensino Médio. Mas passei a dedicar muitas horas diárias, lendo, pesquisando e fazendo as atividades, ainda que com algumas dificuldades.

Começou a Pandemia e muitas coisas passaram a não funcionar mais normalmente e dentre elas as aulas presenciais, digo isto não porque as aulas remotas não tenham sentido, mas porque o professor, estando presente, parece que muitos problemas são sanados. Estou agora me esforçando para superar este novo tempo. O que eu mais queria, no meu curso, era poder fazer minhas aulas estagiárias presenciais, mas isto não está sendo possível agora. Acredito que estou sendo preparado para um novo tempo e porque não dizer um “Novo Mundo”.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a prominent lock mechanism on the front.

14

Diário de Diego
Martinez Gamarra

Para começar este diário, irei destacar vários pontos da vida de um aluno da rede de ensino pública, da Escola Municipal Jarbas Passarinho, e a mudança ortográfica de 2009. Começemos.

De família humilde, com pai autônomo e mãe dona de casa, não tive oportunidade de estudar em escolas particulares ou bem-conceituadas na vida. Nos anos iniciais da educação, quando não existia ainda o *bullying*, eram comuns os apelidos e as ofensas. Acho que isso marcou meu ensino fundamental, além dos métodos de ensino mecânicos dos professores na época. Ainda assim, fiz todas as disciplinas com bom aproveitamento, na base da decoreba.

Nos anos todos de ensino fundamental, não entendia que a escola era algo que poderia mudar minha vida e ajudaria meus pais no futuro; só fui me dar conta disso no ensino médio, bem mais tarde. Meus dias escolares eram praticamente marcados por *bullying*, lanche e secretaria. Talvez você, leitor, pense: “deve ter sido uma peste ou um sem educação”. Mas, pelo contrário: isso tudo vinha do preconceito religioso da época e da fome durante o período escolar, e íamos para diretoria porque eu revidava as ofensas. Volto a lembrar: minhas notas, fora tudo isso, eram boas.

Assim se passaram anos da minha vida. Com a chegada do ensino médio, quando o amadurecimento começou a fazer sentido, o que estava ruim ainda poderia piorar. Por necessidade de serviço, fomos um pouco mais longe para meu pai poder trabalhar. Rodamos 1200 km e nos mudamos para a cidade de São Paulo, para morarmos com uma das irmãs de minha mãe. Já era fim de ano e logo em janeiro fui matriculado na Escola Estadual Miss Brown.

Como aluno de uma escola pública de São Paulo, tirei um peso das costas, porque havia uma variedade de estilos e crenças. Foi onde me senti mais aliviado, pois não faziam mais *bullying* nem piadas comigo. Que alívio! Entretanto, meu rendimento nos estudos, no ensino e na aprendizagem sumiram, pois agora a história tinha mudado: os alunos não deixavam os professores explicarem a aula, a violência era muita e a estrutura da escola era precária, parecia que estávamos em um cativeiro, não tive proveito e não consegui acompanhar a mudança ortográfica de 2009 no 1º e 2º ano do ensino médio. Com a violência estourando nas ruas e o Primeiro Comando da Capital (PCC) atacando, logo voltamos à nossa cidade natal porque minha mãe teve síndrome do pânico.

Já no terceiro ano do ensino médio, estávamos de volta à cidade de Bela Vista (MS), frustrado por ter que

“correr atrás do prejuízo”, após vivenciar uma experiência que mudou a minha vida. “Caiu a ficha” e a busca pelo conhecimento começou.

Após ter sido prejudicado nos últimos anos do ensino médio, passaram-se cinco anos até a primeira tentativa de colar grau em um curso de nível superior. Porém, não tive um bom aproveitamento, o custo se tornou um obstáculo e não consegui pagar o curso de Letras Português/Inglês. Decidi tentar um vestibular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Com boas notas, consegui a minha vaga tão esperada, sem custo. Ah! Já ia me esquecendo: no primeiro curso não tive aproveitamento, pois o ensino era muito ruim. Não irei falar o nome da instituição aqui, mas era uma falta de professores capacitados e sem perspectiva, desanimados, não salvo nenhum.

Resolvi, então, entrar no curso de Letras da UFMS, com uma ótima chance de me formar, dependendo somente de mim. Fui questionado várias vezes sobre o porquê de eu não ter feito um aproveitamento das matérias que cursei anteriormente. Isso foi porque percebi, ao ingressar nas aulas, o quanto não tinha evoluído nada com a aprendizagem que recebia na antiga instituição. Encontrei, assim, a chance que queria para recuperar o tempo perdido e mudar minha vida.

Sabendo que depende somente de mim, por mais que esteja sendo orientado por tutores à distância e presenciais, damo-nos conta do quanto é difícil caminhar com nossas próprias pernas. Por outro lado, longe de ser comparado ao ensino presencial, temos a vantagem de estarmos em nossas cidades e casas para poder aprender, mas a dificuldade de conciliar nossos afazeres, família e emprego da vida adulta é grande. Ainda destaco que esta pode ser uma das últimas oportunidades de termos a instituição nos oferecendo este estudo, devido à disponibilização de verbas do governo.

Como se já não bastasse a vida agitada, quase desisti por ter passado por uma mudança na minha vida mais uma vez, em que tive que escolher o estudo ou o serviço. Que frustração! Em uma última oferta, estou aqui escrevendo um diário da trajetória escolar e acadêmica para lhes informar que não é fácil conquistar nosso primeiro canudo.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden desk. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are aged and yellowed, and the key is a simple, dark metal design. The desk is made of dark wood with visible grain and a small metal lock on the front.

15

Diário de Dilmar
Coelho Taveira

Lembro-me muito bem dos elogios recebidos, quando estudante dos cursos primário e ginásio, por ser considerado um excelente aluno. Prova disso são as notas registradas em meus boletins escolares e os olhares incentivadores dos professores. Não posso esquecer o apoio incontestado de minha querida mãe, também professora primária, acompanhando-me sempre nos afazeres escolares.

Ao longo da minha trajetória escolar até chegar à universidade, tive a oportunidade de estudar em várias escolas, tanto públicas quanto privadas. O próximo passo foi a escolha para cursar o segundo grau, ocasião em que optei pelo científico, muito procurado à época por quem iria concorrer a uma vaga na universidade na área de humanas. Confesso que não foi fácil, pois iniciavam ali as minhas dificuldades nas disciplinas de Física e Química. Tais obstáculos me obrigaram a recorrer a aulas particulares com o professor das citadas disciplinas, para que eu não interrompesse o curso. Na minha opinião, o professor sempre espera que o aluno resolva as questões propostas o mais rápido possível e reprova-o quando isso não acontece. Não foi isso o que ocorreu, pois o professor comumente lançava um olhar benevolente quando eu apresentava dificuldade na resolução das questões. Ele sempre me encorajava. Creio que isso foi um fator determinante para que eu prosseguisse e concluísse o curso científico.

Voltando aos fatos: nasci em Bonito, onde residi até os 16 anos, época em que fui morar em Campo Grande, onde permaneci durante 32 anos. Fui funcionário do Sistema Telebrás (Telems) por mais de duas décadas. Em Campo Grande, concluí meu curso ginasial e iniciei meu nível superior. Cursei dois semestres do curso de Telecomunicações, no antigo CESUP, com o qual não me identifiquei. Cursei dois semestres em Geografia, na antiga FUCMAT e não quis continuar. Estudei, então, Economia na FUCMAT, que depois passou a ser chamada UCDB. Não faltou muito para eu concluir o curso, pois saí do Sistema Telebrás e voltei para Bonito. Após um tempo, retornei a Campo Grande para dar continuidade ao curso de Economia, mas não houve suficiente número de alunos para o prosseguimento do curso. Disseram-me que grande parte dos alunos haviam migrado para os cursos de Administração e Ciências Contábeis. A UCDB propôs-me, então, o curso de Administração Pública em EaD, no qual curvei um semestre. Na ocasião, a UFMS iniciou o curso de Administração no campus de Bonito, então prestei o vestibular, passei, curvei e concluí. Fui um dos formandos da segunda turma. Até que enfim obtive o diploma de nível superior, mas não parei de estudar.

Ato seguinte, prestei vestibular para o curso de Letras, oferecido na Educação a Distância (EaD) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e passei. Foi

como mudar da água para o vinho, pois a grade curricular de Letras é bem diferente do curso de Administração. Em Letras, as obras de Ferdinand de Saussure e outros célebres autores dos livros de linguística foram um desafio constante. Por não ser um curso presencial, a que eu estava acostumado, e apresentado em módulos, exigiu de mim muita pesquisa, bom conhecimento em informática para o uso da internet, compartilhamento com colegas à distância, postagens das atividades em horários não convencionais, esforço e dedicação em seminários presenciais e as incertezas pelo fato de que nem sempre nós, alunos, podíamos contar com o apoio dos professores na elucidação das dúvidas.

Hoje, no último semestre de Letras, estudando praticamente sozinho, admito que o curso me proporcionou uma visão crítica da minha trajetória escolar, mas, por conta da pandemia que assola o planeta, não pôde oportunizar o estágio nas escolas de ensino fundamental e médio, motivo pelo qual não posso tecer comentários a respeito dos alunos da rede estadual, onde ocorreria o estágio supervisionado.

Diante do exposto, considero que minha visão de mundo é hoje mais abrangente do que aquela dos primeiros anos escolares, por tudo que presenciei e vivi.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden desk with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The desk is made of dark wood and features a prominent lock mechanism on the right side.

16

Diário de Eduardo
Santos Chrespim

O presente relato diz respeito ao meu diário de escola antes do meu ingresso na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Meu ingresso no universo escolar se deu em 1989, aos meus cinco anos de idade, no Pré-Escolar, como era chamado, o qual fiz em Rancharia, no interior do estado de São Paulo. Tenho só lembranças ótimas desse tempo, das brincadeiras em sala de aula com as massinhas de modelar e as pinturas com os colegas de classe, das brincadeiras na quadra da escola, como queimada e peteca. Nossa! Que saudade de tudo isso, era incrível!

Logo, por questões familiares que envolveram uma separação de meus pais, mudei-me de estado e vim morar com meus avós no Mato Grosso do Sul, em uma fazenda. Diante do ocorrido, acabei por perder um ano de ensino; muito triste! Porém, no ano seguinte, em 1991, lá estava eu ansioso por tudo novamente, e coloca “novamente” nisso: escola nova, colegas novos, professores novos e tudo novo. Mas confesso que sempre fui uma pessoa muito fácil de me relacionar: não demorou muito e já estava com um time todo novo de colegas e até bons amigos, aliás, o que acho mais incrível, é que alguns conservo até os dias de hoje, como irmãos. Durante os primeiros anos nessa nova escola, foi tudo muito calmo, sem surpresas e até não tenho tantas lembranças deles, uma pena! Ah! Só me recordo dos dias tensos de vacinas com as temidas pistolas (risos).

Fomos entrando na fase dos namoros e veio a primeira namorada na escola, as primeiras vaciladas nas notas devido a tudo isso, mas nada muito assustador. Quanto ao meu fator aprendizado, sempre fui um aluno que prestava muita atenção nas aulas e quase nunca estudava para as provas, pois tinha facilidade em assimilar o conteúdo com a explicação dos professores. Confesso que isso hoje me faz muita falta em um curso on-line, mas disso falaremos mais para frente.

Já nos momentos finais, ali no ensino médio, experimentei o fato de ser mais popular. O terceirão foi um momento muito bacana e já estávamos começando a sentir saudades de tudo que tínhamos vivido e feito na escola, pois foi a única escola em que estudei depois do pré, uma escola pública obviamente. Como eu morava em uma fazenda até meus 18 anos, sempre trabalhei desde muito cedo e faltar à escola significava mais um dia de trabalho pesado, por isso era clara a minha escolha: desde então não reprovei nenhum ano e sempre dei muito valor aos estudos e ao conhecimento que vinha dele.

Bem, agora que já temos conhecimento do meu diário escolar antes do ingresso na UFMS, vamos dar continuidade após o ingresso, o qual ocorreu em 2017 meio por acaso. Eu estava em um momento difícil de minha vida, pois, devido a atitudes erradas, perdi coisas

importantes que havia conquistado, profissionalmente falando, e alguns amigos me convidaram a tentar o vestibular, estudar novamente, ocupar a mente, até mesmo para vislumbrar um novo começo. Eis que fiz e aqui estou: passei no vestibular e logo estava lá, na sala da turma de Letras de Bonito, MS. Confesso que realmente foi muito bom para poder amenizar e ajudar em meu momento difícil, pois voltar à sala de aula, mesmo que por poucas horas no mês, pelo fato de ser uma graduação a distância, já me fez bem: novos desafios, novos objetivos e a cada semestre fui gostando mais de tudo o que fui aprendendo.

Mas nem tudo sai como planejamos, e a tal vida de adulto difere um pouco das coisas que narrei na primeira parte deste diário, pois devemos ter um bom jogo de cintura para conciliar vida familiar, trabalho e estudos. E como se não fosse o bastante, acabei por me mudar para a capital, Campo Grande, ficando a 300 km do meu polo. E agora? A essa altura do jogo, eu já tinha um contato com a UFMS, sabia da qualidade dos professores, do peso positivo curricular que posso ter com a formação, e colocando na balança os meus gastos com deslocamentos para os encontros presenciais, ainda valeria (e muito) a pena permanecer no curso, e assim o fiz.

Entretanto, com essa nova modalidade de ensino, surgiram algumas dificuldades, entre as principais a de assimilar o conteúdo de uma forma mais autônoma, por assim dizer, sem a presença física e constante da figura do professor. À medida que foram decorrendo os semestres, a dificuldade foi aumentando, junto com algumas complicações de vida, que são normais. Perdi algumas matérias e fiquei devendo, estou nessa dívida até hoje, o que não me permitirá findar o curso junto com a maioria dos colegas, mas, mesmo assim, seguirei firme até o fim, pois não quero desperdiçar esta oportunidade.

Enfim, até aqui só tenho coisas boas com meus estudos e mesmo diante deste mundo “pandêmico” busco seguir em frente, pois não podemos deixar de acreditar jamais em um novo amanhecer de sol para todos nós.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a visible lock mechanism on the front.

17

Diário de
Elainne Ferreira

Então, vamos lá! Como de costume, vamos começar pelo início. Minha vida sempre foi um tanto difícil, mas posso dizer que meus pais me deram tudo que era necessário: roupas, calçados, brinquedos, uma boa alimentação; e minha mãe, carinho. Minha infância sempre foi em fazendas. Aqui, acolá, sem paradeiro. Meu pai não tinha muita paciência com patrão. Era só falar alto e chamar sua atenção, logo pedia as contas, mas me lembro que sempre tinha trabalho “engatilhado” e lá íamos nós para mais uma mudança. Hoje, sinto dó de minha mãe, que sempre arrumava as coisas e organizava tudo com muito zelo.

Em meio às mudanças, um dia meu pai precisou pensar em nós. Depois de tantas conversas com minha mãe, decidiram ver uma fazenda que tinha escola. Isso porque eu já estava com meus oito para nove anos de idade; precisava definitivamente estudar. E lá foi ele em seus contatos, que na época não sei como se davam, pois não havia telefones fáceis para comunicação. Ele conseguiu e fomos nós para mais uma fazenda. Agora começava a fase que dava início à minha vida escolar. Lembro da primeira vista da nova fazenda ao chegar: um corredor com árvores frutíferas, e em mim a felicidade de estudar. Pensava: “escola, mochila, caderno, lápis, borracha, colegas (esses eu tinha medo de como iria ser), professora”. Tudo era um sonho. Então, em 1995, na

fazenda Asa Branca, município de Amambaí, comecei minha vida escolar, que até hoje sigo incessantemente.

Voltando... Eu ainda me lembro da felicidade de ir à escola pela primeira vez e também da distância que percorria todos os dias a pé: eram quase 15 km da vila até a escola que ficava na sede da fazenda. No entanto, sempre estava feliz para ir. Hoje minha mãe me conta que nunca precisou me chamar para que eu levantasse e fosse estudar. Ela diz que sempre acordei bem cedo, eu me vestia e com ela eu ia contente, falando de tudo que aprendia lá.

Recordo com muito carinho da minha professora. Ela fez a diferença para meu aprendizado. Agora penso que ela estava à frente de sua época, porque sempre nos ensinava com brincadeiras, atividades lúdicas e músicas infantis. Lembro-me também de tudo que ela passava para estar lá, das merendas que ela fazia, das faxinas, das tarefas que levava para casa para corrigir. Sempre a observei muito. Tudo!

Nessa fazenda minha mãe teve meus dois irmãos. Quatro anos passaram rapidamente, e agora vinha questão: na escola rural, na época, havia somente até o 4º ano do ensino fundamental, e minha professora tinha apenas o magistério. Além disso, meu pai, cansado do

serviço como sempre, pediu as contas e, assim, em uma escolha difícil para ele, voltamos para Caracol, cidade natal dele e de minha mãe. Ali começou outra luta, já que havia gastos: aluguel, comida, roupas para quatro pessoas, água, luz etc.

Então, o que dizer da escola de Caracol? Nossa! Ela era grande para mim: salas separadas, colegas novos, medo. Mas, graças a Deus, mais um professor que era uma inspiração, era atencioso, o professor Claudio de Oliveira; ele amava o que fazia. Como nunca fui uma má aluna, sempre estava recebendo elogios, mas lembro da atenção que ele dava às crianças com dificuldades. Não me recordo de nenhuma vez em que ele levantou a voz para chamar atenção de algum aluno; ele dominava a sala com esplendor.

E assim fiquei nessa escola municipal, chamada João José Leite da Silva, até o fim do ensino fundamental. Lá passei altos e baixos, *bullying* devido a características físicas, mudança da fase de criança para a entrada da puberdade, brigas com meu pai porque eu gostava de futebol e queria fazer parte do time da escola – minha mãe me deixava treinar escondido dele; na verdade, fiz muitas coisas escondidas de meu pai, ele era muito tradicional.

Quando eu estava com treze anos e no ensino fundamental I, meu pai, novamente cansado da vida que levava, optou por nos levar para Campo Grande, minha cidade natal. Lá, no começo, ficamos bem. Depois de alguns meses, até passamos necessidade alimentar. Foi lá também que comecei a trabalhar em casa de família, ajudava minha mãe e depois, nas horas vagas, trabalhava por conta própria, para ajudar em casa. Nessa época, meu pai nos tirou da escola, pois não tinha dinheiro para a passagem do circular para ir à escola, que ficava longe. Minha mãe, como sempre, fazia suas lutas diárias para pagar a passagem de cada dia. Então estudei, mas faltei muito, quase reprovei.

Nesse meio tempo, minha mãe se separou do meu pai e voltamos para Caracol, mas lá também passamos necessidade. Na época, mulher solteira, com três filhos, ainda era malvista e trabalho era difícil de se conseguir. A escola de novo ficou prejudicada, posto que eu tinha que trabalhar nas ruas vendendo bolo e doce, o que me deixava cansada. No entanto, segui firme, com algumas notas baixas, mas passava sempre direto. Quanto aos professores, lembro-me de um ou outro, mas agora com menos carinho.

Com 17 anos, precisei “criar asas”. Minha mãe não dava conta da casa, e eu precisei ajudar. Assim, voltei

para Campo Grande para trabalhar em casa de família. Lembro que a família que me contratou fez muitas promessas de estudo, não cumpriu metade; lá eu sofri, fui tratada como escrava, acordava cedo, dormia tarde e, com isso, tinha pouco tempo para estudo e quase reprovei novamente. A escola era vista como perigosa, a conhecida E.E. Hércules Maymone. Além da falta de tempo, não tinha amigos; lá não cheguei a criar amigos e, muito menos, conhecer os professores.

Voltei no mesmo ano para Caracol. Fiz 18 anos e fui para Porto Murinho tentar a vida, para ajudar minha mãe com meus irmãos, que permanecia na mesma cidade. Foi lá que me casei e terminei meus estudos. Parei de pensar em escola por três anos para cuidar do meu filho.

Depois desse período dedicado à família e sem vontade de fazer um ensino superior, fiz vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para Administração, mas graças a Deus não passei. Hoje, sei que não era minha vocação.

Na segunda tentativa, prestei vestibular para Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Nesse, passei em 5º lugar, em concorrência com quase 120 vestibulandos. A partir daí, as lutas foram outras, e muitas portas se abriram. No

primeiro semestre, ofereceram-me uma sala de extensão na área rural, a 200 km da cidade de Porto Murtinho. Meu salário era como leiga e ainda precisava ir para a cidade todo fim de semana. Não foi fácil! Dependia de carona e não podia escolher.

O que dizer da Fazenda Cerro Porã? Lá aprendi muito: a lidar com pais chatos, gerente mandão, com buscas incessantes por resultados onde não havia, até então, investimento. Minha primeira sala de aula foi na varanda do refeitório que servia apenas ao patrão. Nessa fazenda, fiquei por quatro anos. Quatro anos de muitas conquistas e sofrimento, muito choro em silêncio, algumas humilhações por não ser formada; alguns diziam que eu não era capaz; houve tentativas de me tirarem de lá, mas como meu Deus é grande, a dona da fazenda sabia da minha capacidade e me deu uma escola nova, para a qual eu fiz a planta-base para ser construída, com adaptações de ponta, grandes janelas, quadro adaptado, computador, super espaçosa. Nessa época, eu me senti valorizada, pois, na falta da dona da fazenda, eu inaugurei a escola, que estava envolta em um laço verde. Organizei uma festa linda, com apresentações e convidados renomados de nossa cidade. Na Cerro Porã, fiz meu nome e um bom currículo.

Após anos de lutas, chuvas e frio na estrada para terminar a faculdade, chegou a hora da formatura. E o dinheiro? Não tinha tudo. Nesse momento, decidi vir para Bonito, nas férias de dezembro, trabalhar de camareira para conseguir a quantia que faltava para a festa que seria dia 5 de janeiro de 2016. Então, minha família e eu nos mudamos para Bonito.

Em Bonito, tudo mudou de rumo novamente, e o que era temporário, tornou-se permanente. Isso porque deixei meu currículo sem compromisso na secretaria de educação da cidade e, sem acreditar, fui convidada a dar aula pela primeira vez na cidade, sem diploma, somente com declaração de conclusão. Acredito que foi Deus, mas, em março, entreguei o diploma, já que consegui completar o dinheiro e fazer minha formatura.

Desde então, fui sendo reconhecida pelas minhas lutas. Com três anos aqui, dentre os reconhecimentos, fui convidada a lecionar na rede estadual no projeto Avanço dos Jovens na Aprendizagem (AJA). Eu era professora de Língua Portuguesa e notei a necessidade de fazer outro curso de ensino superior. Houve a oportunidade e fiz o vestibular para Letras – Habilitação em Português e Espanhol. Passei em 6º lugar e comecei mais uma fase, agora conciliando trabalho, família e filhos.

Não contei antes, mas entre essas lutas, separei-me do meu primeiro marido. Após alguns anos, casei-me novamente e tenho uma bebê, de 1 ano e 11 meses. Hoje, digo que sigo minhas lutas, mas sendo professora, tendo ensino superior, para mim é mais fácil.

E minha mãe, aquela que não tinha condições, levei comigo em todas as fases da vida, ajudando-a até meus irmãos se casarem e seguirem a vida deles. Mas isso é outra história.

Aqui falo um pouco de tudo, pois minha vida escolar não tem como ser desmembrada da minha história pessoal. Isso porque ninguém me deu nada, tudo foi minha conquista; e ainda estou conquistando.

Por fim me despeço. Abraços, folha querida, onde escrevi resumidamente minha vida.

Até a próxima, talvez com outra história, pois quem sabe a trajetória da formação em Letras? O futuro só a Deus pertence.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a visible lock mechanism on the front.

18

Diário de
Eliane Riso da Silva

Pode até parecer engraçado, mas meus primeiros anos de vida escolar ainda estão guardados em minha memória. Fui alfabetizada em casa pelo meu avô paterno e entrei para a escola na 1ª série, com sete anos de idade, já conhecendo as letras do alfabeto, escrevendo meu nome e rabiscando algumas palavras, além de estar familiarizada com os números. Eu tinha muitas dificuldades de fazer amigos, pois meus primeiros anos de vida escolar eram como viver uma aventura: meus pais estavam sempre se mudando de cidade porque buscavam melhores condições de vida e de trabalho. Essas mudanças afetavam a minha vida escolar e as adaptações a novas relações de amizade. Apesar de todas essas idas e vindas, concluí com êxito o ensino fundamental.

Fazer o colegial, como era chamado na época em que estudei, era o sonho de quase todos os adolescentes: sentir aquela euforia de estar crescendo, mudando de escola, deixando de estudar com as crianças menores. Assim como afirma Daniel Pennac (2008), no livro que li para fazer esta atividade de estágio, eu sempre tive medo de alguns professores. Via-os como os donos do saber. Nessa época, não tínhamos acesso à tecnologia, somente a livros didáticos impressos. Era uma relação mais direta com o professor. Esse sonho também foi o meu, pois desejava terminar o colegial e seguir com os estudos em uma faculdade, até porque ouvia meus pais dizerem: “se não quiser puxar a enxada o resto da vida,

tem que estudar pra ser alguém na vida”. Coisas de famílias antigas, penso eu. Consegui finalmente entrar para o colegial com 16 anos. Confesso que me frustrei logo no início, pois me sentia como um peixe fora d’água, tudo estranho, tão novo para mim. Não levei a sério, reprovei porque fui pega passando cola para meu colega. Junto com essa frustração de colegial, descobri que estava grávida. Nesse momento, achei que o tão sonhado desejo de me tornar uma professora tinha terminado naquele momento.

Fiquei um ano sem estudar, não sei se por vergonha ou medo da gravidez, já que também era tudo novo na minha vida, ainda mais sendo mãe solteira. Acho que foi nesse período que comecei a me dar conta da importância da escola. O fato de me dar bem nos estudos estava ligado à possibilidade de “ser alguém na vida”, de ter um futuro. Assim, decidida a terminar meus estudos, matriculei-me no ano seguinte para concluir o colegial. Apesar de saber que essa fase inicial de minha vida escolar poderia ter sido marcada por um aprendizado maior e com mais significado, tenho boas lembranças.

Nem tudo o que planejamos dá certo às vezes. Eu queria estudar Letras porque tive uma professora no colegial que despertou esse interesse em mim, pois via a dedicação que ela tinha com seus alunos. Contudo, ingressei na carreira de docente antes do que eu imagina-

va: no ano de 2001, no município de Bodoquena, mesmo não tendo formação específica para exercer a profissão. Outra frustração: assumir uma sala com 25 alunos de primeira série, sem saber aonde iria. No entanto, como era o que eu gostava de fazer, decidi buscar conhecimento. Por essa razão, formei-me primeiro em Pedagogia no ano de 2005 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Aquidauana. Nem tudo o que planejamos dá certo às vezes. Eu queria estudar Letras porque tive uma professora no colegial que despertou esse interesse em mim, pois via a dedicação que ela tinha com seus alunos. Contudo, ingressei na carreira de docente antes do que eu imaginava: no ano de 2001, no município de Bodoquena, mesmo não tendo formação específica para exercer a profissão. Outra frustração: assumir uma sala com 25 alunos de primeira série, sem saber aonde iria. No entanto, como era o que eu gostava de fazer, decidi buscar conhecimento. Por essa razão, formei-me primeiro em Pedagogia no ano de 2005 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Aquidauana.

Foi uma experiência incrível ser aluna de uma universidade federal; não tinha noção de como era uma universidade, mas devo dizer que vivi dois momentos como acadêmica: um, sem conhecer nem ter acesso à tecnologia digital; e o segundo, totalmente com acesso e conhecimento da tecnologia. devo dizer que vivi dois

momentos como acadêmica: um, sem conhecer nem ter acesso à tecnologia digital; e o segundo, totalmente com acesso e conhecimento da tecnologia.

Doze anos depois da primeira faculdade, pude sentir a sensação de ser uma estudante de Letras na Educação a Distância (EaD). Na EaD, é totalmente o oposto da minha primeira graduação, pois os professores estão presentes virtualmente. Apesar de ainda ter certo receio e medo de alguns professores na EaD, existe uma sensação de conforto por não estarem frente a frente comigo. Ao ingressar como aluna no formato EaD, acreditei que estava entrando em um mundo dominado pelos meus conhecimentos de pedagoga. Descobri, nesse momento, que eu estava completamente errada e me senti frustrada mais uma vez. Sendo acadêmica de Letras, pude perceber o quanto estava sendo, em certo ponto, limitada no meu mundo de professora alfabetizadora, pois meus ensinamentos estavam ultrapassados.

Ingressar na EaD trouxe muitas novas experiências para mim. Uma delas foi estudar totalmente à distância, o que me tornou mais hábil com as ferramentas tecnológicas, por estarmos vivendo em época de pandemia.

Por fim, todas as minhas memórias e lembranças até aqui permanecem vivas em mim. Em cada momento,

as minhas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais contribuíram para que eu chegasse até aqui. Com essas vivências, sinto-me segura para superar e vencer novos obstáculos.

A pandemia causada pelo novo coronavírus tem sido mais uma prova enfrentada, pois me foi imposto o desafio de buscar estratégias para encarar o isolamento social e aprender com as novas tecnologias e ferramentas virtuais disponíveis. Essa emergência sanitária exigiu de mim segurança para expor meus novos conhecimentos, compartilhá-los de modo virtual (alunos, colegas de turma), sem a presença física de outras pessoas, e, acima de tudo, entender que há um novo normal que se coloca pela frente, com novas perspectivas e outros desafios.

As conquistas das minhas lutas fortalecem meus projetos e sonhos: aplicar as tecnologias modernas aprendidas nos recantos rurais onde eu adentro, possibilitando aos meus colegas de trabalho e aos estudantes o acesso à informação com qualidade e às ferramentas do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are aged and yellowed, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest is dark and shows signs of wear, with a prominent lock mechanism on the front.

19

Diário de
Fiama Kttelen
Nunes Coene

Navegando pelas minhas lembranças, recordo-me da minha trajetória escolar desde o primário. Apesar de terem se passado alguns tantos anos, ainda me lembro de certos momentos.

De início, ganhei uma atenção especial por apresentar estatura muito mais baixa do que a dos meus colegas. Por ser menor, a professora se preocupava se eu conseguia compreender tudo, se eu conseguia enxergar no quadro. Achava que, pelo meu tamanho, o aprendizado seria mais lento. Mas, pelo contrário: como diz aquele velho ditado, “tamanho não é documento”, e eu aprendia tudo muito rápido.

Sempre fui uma excelente aluna, tirava boas notas, prestava atenção em tudo, interagia com o professor, tinha muita facilidade em aprender, adorava estudar, era uma aluna nota dez. Ficava orgulhosa ao receber elogios dos professores e dos meus pais. Porém, com o passar dos anos, entrando na fase da pré-adolescência, vi uma certa negatividade em ser esse tipo de aluno. Passei a sofrer *bullying* por ser a *nerd* da turma. Era excluída das brincadeiras, mas todos me disputavam quando o assunto era trabalho em grupo. Sabe aqueles filmes clichês da adolescente *nerd* de que todos “zoam”, e lá no final o patinho feio vira um cisne? É mais ou menos assim.

Eu tinha muita ânsia de aprender, e meus pais me incentivavam: “Filha, estude para ser alguém na vida!”. Esse era o meu objetivo, ser alguém. Mas quem? Hoje vejo que essa fala me trouxe algumas cicatrizes, e que é muito pesado dizer isso a um adolescente, como se só fôssemos alguém se tivéssemos um ensino superior. Todos somos alguém, desde o nosso nascimento. Enfim, cravei o objetivo em ser alguém. Eu tinha que me tornar alguém.

Como sempre gostei de estudar, não era nenhuma dificuldade para mim, ter de lidar com os estudos e com os professores. Contudo, aos poucos, fui notando uma certa dificuldade em socializar com os meus colegas, sentia falta de ter amizades, de me sentir querida, de ir além de fazer um trabalho escolar. Os colegas faziam piadas, zombavam quando os professores me elogiavam. Eu fingia não me importar, às vezes até revidava, mas lá no fundo me machucava.

Quando fui para o ensino médio, a maturidade foi aumentando. Percebi que a vida era muito mais do que estudar e estudar; era necessário também se divertir um pouco, e até mesmo quebrar algumas regras às vezes. Estava cansada de ser excluída. A adolescência é cruel; é o momento em que buscamos por uma identidade, a formação do nosso caráter.

Continuei estudando bastante, mas me apaguei um pouco dentro da sala de aula. Fingia não saber as respostas das questões que os professores perguntavam; eu me autossabotava na frente dos colegas para ser aceita por eles.

Pois bem. O meu ano de glória foi o 3º ano do ensino médio. O melhor ano de todos da minha vida escolar. Eu era querida por todos os colegas, pelos professores, pelas tias da merenda. E um episódio que me marcou muito aconteceu numa segunda-feira. Todas as segundas nos reuníamos no pátio da escola para cantar o Hino Nacional. Nesse dia, minha professora de Língua Portuguesa pediu a palavra para falar sobre alguns alunos que haviam sido selecionados por suas redações para participar de um projeto (não me lembro que projeto era), e eu era uma dessas alunas. Ela pediu para que eu fosse até o meio do pátio e lesse a minha redação. Fui aplaudida pelos meus colegas, todos estavam orgulhosos de mim. Foi o ápice da minha vida. Foi um momento em que eu vi que todas as pessoas de que eu gostava se orgulhavam de mim. Isso foi muito marcante. Eu percebi que eu era alguém, que eu não precisava de uma formação superior para me tornar alguém. Concluí o ensino médio com louvor.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with ornate carvings. The book is open, showing aged, yellowed pages. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a complex bit is placed across the book. The background is dark and textured, possibly a wall with small, light-colored dots.

20

Diário de
Flávia Mirelle
Balbuena Romeiro

É domingo de Páscoa e a tarefa de relembrar o período escolar traz uma viagem deliciosa ao passado. No pré-escolar, me recordo dos inúmeros desenhos para colorir de coelhos e ovos de Páscoa que fazíamos nessa época do ano, rodados no mimeógrafo, recebíamos os desenhos ainda úmidos, com cheiro de álcool. Confesso que fiz uma breve pesquisa para recordar o nome da máquina, pois muitos anos se passaram.

Ainda no pré-escolar, me recordo da minha primeira professora, ela se chamava Lucia, hoje nos braços do Pai, brilhante professora. Acredito que um bom professor muda a trajetória de um aluno, eu era tão apaixonada por ela que chorei muito quando tive que passar para o primeiro ano. Tenho muitas lembranças das brincadeiras, dos teatrinhos que fazíamos nos períodos comemorativos, dos desfiles cívicos, me recordo ainda que aprendi a confeccionar bonecas de linhas de tricô, época boa!

Tive a felicidade de concluir o segundo grau, na época era essa a nomenclatura que se dava ao que hoje é o ensino fundamental, na mesma escola em que iniciei o pré-escolar, com a mesma turma. No ensino médio, fui obrigada a mudar de escola, pois na escola em que eu estudava o ensino médio era somente no período noturno. Recordo ainda dos dias de prova que ficávamos ansiosos aguardando o professor rodar nossas provas no

mimeógrafo. No final de cada ano letivo, durante a festa de despedida, fazíamos assinaturas nas camisetas.

Até aqui só estou citando as coisas boas, como o hino nacional, toda segunda-feira com o hasteamento da bandeira, quando um aluno era escolhido para tal função. Não posso deixar de mencionar a merenda servida nos recipientes azuis, as festas juninas e as festas da primavera com direito a miss eleita com maior votação. Tempo maravilhoso que hoje, infelizmente, não será possível ser vivido pelos alunos, pois com a modernização, com o uso da tecnologia, muita coisa bacana ficou somente na memória de quem pôde vivenciar.

Devo ainda fazer um breve relato do ensino, hoje há uma grande diferença, os métodos vão se modernizando, como por exemplo as famosas redações. Anteriormente elas não eram corrigidas, havia nota, porém dificilmente era apontado o erro, coisa que hoje é mais cobrado. Hoje existe grupo de estudo, grupo de aplicativos onde informações e dúvidas são trocadas com mais facilidade. Antigamente era mais difícil, como por exemplo, para se ler um livro indicado pela professora de literatura era preciso se dirigir até a biblioteca municipal, hoje, com o uso da tecnologia, é possível fazer download de qualquer livro, confesso que tenho grande dificuldade de ler no celular, prefiro o impresso.

Relembrar o passado é sempre bom, pois com a correria do nosso dia a dia as lembranças, muitas vezes, vão se perdendo. Hoje, neste período de pandemia, recordar foi ótimo, principalmente considerando a data comemorativa que sempre foi muito festejada e hoje nem abraçar é possível. Encerro este texto fazendo votos de que possamos viver novos momentos e com boas notícias.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a prominent lock mechanism on the front.

21

Diário de
Janaina
Quintana Balta

No meu processo de aprendizagem, eu me recordo de um fato bem marcante na minha caminhada: foi na 4ª série do ensino fundamental, quando estudei na escola Vera Guimarães Loureiro, em Bela Vista, MS; meu professor se chamava Segundino. No meu processo de alfabetização, tive muitas dificuldades na matéria de Língua Portuguesa, não gostava muito, pois já havia reprovado e estava um ano atrasada. Esse professor me mostrou outra visão dessa matéria, de uma forma diferente e prazerosa, ele me fez ver que não era um bicho de sete cabeças, ele me fez gostar da leitura. Tive aulas particulares na parte da tarde, isso no ano de 1997, quando eu já tinha 10 anos. Eu tinha vindo de outra escola, onde não fui bem alfabetizada.

O início do ensino médio cursei na cidade de Bela Vista. Era o ano de 2008. Tive ótimos professores, foi um ano de muitos estudos, conheci várias pessoas. Um fato que me marcou nesse ano foi que meu pai estava terminando o estudo dele, pois quando ele era jovem só trabalhava e não tinha tempo de estudar; isso foi mais um incentivo para mim.

No ano de 2017, prestei o vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para o curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol, passei e fiquei feliz, porém com um pouco de medo pelo fato de

ter muitas dificuldades em Língua Portuguesa. Achei que não iria terminar o curso, mas estou aqui, no último semestre do meu curso. Esse período de pandemia em que estamos vivendo trouxe não só para mim, mas para todos, outros métodos de aprendizagem e muitos desafios.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is dark wood with a keyhole and a handle on the front. The book is open, showing handwritten text. A large, ornate key lies across the book. The background is dark with a pattern of small, light-colored dots.

22

Diário de
Janete dos Santos

Eu nasci, cresci e ainda moro em Bonito (MS). Meus pais e eu morávamos na fazenda. Em meu primeiro ano de estudo, fui morar com uma tia. Era legal, porém sentia muita saudade dos meus pais, mas, graças a Deus, eu tinha a oportunidade de ir para a fazenda ver meus pais e irmão que não estudava a cada 15 dias.

No segundo ano, minha mãe preferiu a escola que ficava na fazenda mais próxima. Para chegarmos, fazíamos um trajeto de seis km. Minha mãe saía com a gente às 5h30 da manhã para chegarmos a tempo à escola e descansarmos antes de começar a aula. Era muito cansativo, mas a minha mãe nos incentivava muito. De manhã, íamos brincando, mas na hora do almoço já estava sol, reclamávamos muito, mas minha mãe tinha muita paciência e perseverança para nos incentivar.

No terceiro ano, minhas irmãs foram morar com os meus avós em Belo Horizonte. Ficamos meu irmão e eu para estudarmos. Então íamos de mula para a escola. Chegávamos à escola e amarrávamo-la para estudar. Às vezes, antes de terminar a aula, alguns alunos já haviam soltado a mula sem a gente ver, e ela ia embora. Depois tínhamos que ir a pé. Isso até o dia em que surramos um dos meninos que a soltava. Como não éramos bobos, começamos a amarrar a mula em frente à sala para garantir

que não a desprenderiam, mas ela defecava ali, e a professora conversou com os alunos para não a soltarem mais.

No quarto ano, mudamo-nos para a cidade, e nossa casa era a uma quadra da escola, graças a Deus. Eu nunca fui uma aluna muito aplicada e nem de muitos amigos, mas tinha amigos e consegui ter um média até boa.

Já no ensino fundamental, sabia as disciplinas de que mais gostava: Educação Física, História e Matemática. Eu também havia começado a me comunicar mais e a ter uma boa relação com os professores.

No ensino médio, gostava mesmo era de Física e de Matemática, cujas matérias eram as que eu tinha as melhores notas. Também começávamos a pensar no que seríamos quando fossemos adultos, pois os professores instigavam a todos os alunos a pensar nisso para definirem seus estudos. Tínhamos uma turma muito boa; todos se direcionavam para fazer um curso de nível superior; tínhamos vários pensamentos. Os professores nos ajudavam a amadurecer sobre a distância dos pais, a dificuldade para entrarmos na faculdade, porém, o melhor era a permanecermos, sem desanimar, e isso ajudou a todos.

Quando fiz o vestibular de Letras e vi que passei, fiquei muito feliz, pois iria ter a oportunidade de aprender a falar e escrever melhor, porque tenho uma grande difi-

culdade em português, mesmo sendo formada em Pedagogia, mas sem atuar na área.

Hoje, no ensino superior da Educação a Distância (EaD), percebo quanto foi útil a ajuda dos professores, pois algumas etapas da vida são fáceis e outras, muito difíceis. Porém, nós precisamos aprender que cada fase é um aprendizado. Iniciamos o ensino superior EaD, que não era 100% on-line, mas aconteceu uma pandemia no caminho e agora as aulas são totalmente on-line. Os professores nos dão suporte para conseguirmos alcançar o sonhado ensino superior, independentemente de quanto tempo demoremos para concluí-lo.

Já me sinto tão grata a todos que fazem parte deste momento de minha vida.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with ornate carvings and a metal lock. The book is open, showing aged pages with some text. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a notched bit is placed across the book. The background is dark with a pattern of small, light-colored dots.

23

Diário de
Juliana dos
Santos de Lima

Ainda me recordo daquela menina com, aproximadamente, onze ou doze anos de idade, no 6º ano do ensino fundamental de uma escola rural de um assentamento, onde eu morava com minha família, família grande, de seis irmãos e uma irmã. Não me sai da lembrança, meus irmãos e eu acordando às 5h30 da manhã, enquanto mamãe preparava o chá com pão ou bolinho frito, para às 6h20 pegarmos o ônibus escolar que carregava os alunos até a Escola José Edson Domingos dos Santos, para começar mais um dia de estudo.

Eu era uma ótima aluna em Língua Portuguesa; não tinha dificuldade com essa matéria na escola. Sempre a professora Olívia, que era a minha amada professora de Língua Portuguesa, pedia para que eu fizesse as leituras na sala de aula; e confesso que era prazeroso ler e escrever textos.

Mas, ao chegar o horário das aulas de Matemática com o professor Cícero, que era a matéria que eu tinha muita dificuldade de aprendizagem, eu ficava muito triste, pois o professor explicava, explicava, e eu nunca conseguia entender o conteúdo; a timidez me impedia de pedir novamente uma explicação e de dizer ao professor que eu não conseguia entender da maneira como ele ensinava. Na hora da prova, minhas notas sempre eram das piores da sala, e isso se arrastou por três anos, pois, por

consequência das notas ruins, o professor de Matemática me reprovou dois anos seguidos. Hoje, fico pensando e me pergunto: por que que o professor Cícero, que foi o meu professor de Matemática no 6º ano por três anos, nunca se preocupou em vir conversar comigo ou com a minha família, para poder entender a dificuldade que eu tinha em sua disciplina?

Sempre reparava o professor Cícero elogiando os meus colegas por entenderem bem a matéria e irem bem nas avaliações. Imaginava que o problema era só comigo, que era uma aluna não inteligente (para não falar outra palavra), mas hoje sei que eu não era uma aluna menos inteligente do que os meus colegas. Talvez, eu só não tivesse um ritmo de aprendizagem como o deles, que conseguiam acompanhar a maneira rápida de falar do professor que não me passava uma liberdade para que eu pudesse tirar minhas dúvidas e só tinha uma única maneira de explicar suas contas de matemática.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a visible lock mechanism on the front.

24

Diário de
Lenir Palácio Cardoso

Os meus anos iniciais foram anos difíceis, de adaptações e de mudanças. Morávamos em um sítio onde éramos livres, não havia limites, corríamos de pé descalço, sem preocupações. Mas, de repente, estávamos morando na cidade e indo para a escola, em uma sala de aula que cada qual já tinha o seu espaço determinado. Sendo muito tímida, sofri muito para me adaptar, e a professora não era nada receptiva, sempre muito séria, exigia silêncio total da sala. A hora mais esperada era a do intervalo, pois podíamos ser livres novamente, correr, brincar. Mas com o passar do tempo, adaptei-me ao novo, que se tornou uma rotina.

A minha alfabetização foi na base da famosa decoreba, em que o importante era ser capaz de apresentar a tarefa tomada pela professora. Não me recordo ao certo em que ano foi, quando vi um ponto de exclamação e imaginei que fosse um “i” de cabeça para baixo; daí já se pode ter uma ideia da ingenuidade. Mas, por fim, consegui superar os anos iniciais e fui para o ensino médio, em que cursei o magistério.

No magistério, aprendi que o aluno pode ter voz e participar das aulas não só como ouvinte, mas o professor ainda era visto como o dono do saber, e os alunos eram classificados como alunos bons ou maus.

Agora, mais de vinte anos longe da escola, retornei para fazer uma faculdade e para minha surpresa: os métodos de ensinamentos haviam mudado, felizmente para melhor. Não há classificação de aluno bom ou mal; cabe ao professor observar os alunos, pois cada um tem sua diversidade e complexidade.

Para mim, o começo do curso foi difícil, pois, novamente, tive que sair da minha zona de conforto e enfrentar o novo, o desconhecido. Não vou mentir: não foi fácil, principalmente por ter que mexer com a tecnologia. Mas valeu muito a pena: meus princípios mudaram, enxergo a educação com outros olhos.

Gostei bastante de um trecho do livro de Daniel Pennac, *Diário de Escola*, em que ele afirma, mais o menos assim: quem salva os alunos não são as escolas, e sim os professores, pois são eles que são capazes de descobrir a capacidade de cada aluno e de estimulá-lo a acreditar em seu próprio potencial. Essa lição irei sempre levar comigo.

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

An antique wooden cabinet with an open book and a key on top. The cabinet is dark wood with a keyhole and a handle on the front. The book is open, showing handwritten text. A large, ornate key is placed across the book. The number 25 is overlaid in a large, light-colored font.

25

Diário de
Livrada Ovieda
Benites

Desde muito cedo, meus pais sempre falavam que deveríamos estudar. Tudo estava relacionado aos estudos, pois meus pais e avós não tiveram estudos, não concluíram nem o ensino fundamental e o que podiam fazer era que nós, os filhos, estudássemos.

Nos anos iniciais, eu só chorava. Não queria ficar na escola de jeito nenhum, posto que fui direto para a pré-escola. Na época, tinha a creche, mas não fiquei; acho que por isso chorava muito. Com o passar dos anos, fui aprendendo a gostar e sabia que aquele tempo no período vespertino era para eu estudar, e meus pais trabalharem. Meu irmão estudava na mesma escola, porém, em sala diferente. Assim fui me habituando cada vez mais.

Já no ensino fundamental, mudamos de escola: outros colegas, outros professores, tudo novo. Eu era muito tímida, até meu nome eu não falava. Por ser diferente, na época, eu não gostava dele e isso fazia com que eu me excluísse da sala. Sentava-me sempre na primeira fileira do canto, não conversava e não pedia explicação; se eu não tivesse entendido, ficava por isso mesmo.

No decorrer do tempo, mudei-me para Ponta Porã. Fiquei longe da minha mãe e do meu pai.

Na universidade, tive amigos que me apoiaram para fazer a troca do meu nome. Estava tudo certo, porém,

um dia, em uma aula, o comentário chegou aos ouvidos de um professor. Ele veio falar comigo sobre o assunto e disse assim: “Seu nome não é feio, mas diferente. Sua mãe colocou em você por algum motivo; já se perguntou o porquê?” Foi aí que me familiarizei com meu nome. Eu sabia que era em razão de uma promessa, mas não tinha levado em conta o quão importante era para mim e para minha mãe, pois ela fez uma promessa para Santa Livrada nos livrar da morte no dia do meu nascimento, haja vista que nasci com sete meses e só um milagre nos faria viver. Desde então, libertei-me dessa vergonha.

Aos poucos, a gente vai se enturmando. Sempre fui mais estudiosa que meu irmão, tanto que na 6ª série passei ele. Meu irmão era o oposto de mim, muito bagunceiro; já eu morria de vergonha, mas graças a Deus foi só durante um ano. Aí ele desistiu de estudar, e eu continuei.

No ensino médio, fui e voltei de cidade. Meus pais foram morar na chácara, e eu tive que me mudar para Ponta Porã, onde estudei um ano e depois voltei para Bela Vista. Na chácara, levantávamo-nos às 3h da manhã para pegar ônibus e andar 50 km de estrada de chão, cheia de buracos em época de chuvas e barros, mas consegui concluir o ensino médio.

Passei uns dois anos pensando o que eu queria estudar, pois não tinha condições de pagar uma faculdade. Fiz o vestibular de Ciências Contábeis na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e passei. Quando estava no 4º ano, os professores me cobravam a monografia. Aí foi a gota d'água: travei, caí fora; uma apresentação dessa me deixa muito nervosa, acho que não superei.

Eu me casei, tive filhos e voltei a estudar. Fiz o Normal Médio, trabalhei com crianças na educação infantil, e surgiu a oportunidade de fazer o vestibular de Letras. Agora aqui estou, no oitavo semestre, na reta final.

Estamos nesta pandemia desde o ano passado. Nossas aulas, por serem on-line, não foram muito prejudicadas como foi para outras pessoas e alunos que tiveram que se habituar às aulas virtuais. Por ser mãe de alunos que tiveram o aprendizado afetado, sei que foi um ano difícil. De cara, os alunos tiveram que aprender a ler e a escrever on-line, sem ter a presença de um professor. Foi muito difícil, mas, graças a Deus, eles já aprenderam a lidar com a modernidade da tecnologia.

Para nós, acredito que as aulas à distância foram mais fáceis, pois já tínhamos um conhecimento de leitura e de escrita on-line. Minha dificuldade maior é a tecnolo-

gia, pois tivemos que ter mais acesso ao ambiente virtual, posto que é diferente de você olhar o Facebook ou mexer no Whatsapp. As mudanças estão cada vez mais explícitas. Devemos nos associar mais à tecnologia, haja vista que é de grande ajuda para o ensino. Eu, como futura professora, quero ser presente para meus alunos, mesmo com as aulas sendo virtuais.

O que pude notar é que sempre tive professores que me incentivaram e não menosprezavam o meu jeito. Hoje, posso dizer que já evoluí muito, faço apresentações, mesmo com muita vergonha, mas não deixo de fazê-las, pois quero superar isso e, futuramente, ajudar a outros alunos com esse trauma. Assim, devemos estar aptos a quaisquer mudanças.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is dark wood with a keyhole and a handle on the front. The book is open, showing handwritten text. A large, ornate key lies across the book. The background is dark with a pattern of small, light-colored dots.

26

Diário de Maria
de Lourdes dos
Santos Damázio

Relembrando minha trajetória escolar, lembro de quando tínhamos o contato com nossos amigos de sala de aula, com nossos professores. Claro que tem sempre aquele amigo mais chegado, com quem ficávamos horas a conversar sobre tudo e a discutir como foi a aula de um determinado professor, aquele com o qual a gente mais se identificava e também aquele que menos nos atraía, com suas metodologias cansativas e sem sentido para nós; não podendo esquecer-nos que tem sempre aquele professor que impacta sua vida, tanto para o bem como para o mal. qual a gente mais se identificava e também aquele que menos nos atraía, com suas metodologias cansativas e sem sentido para nós; não podendo esquecer-nos que tem sempre aquele professor que impacta sua vida, tanto para o bem como para o mal.

Alguns professores nos deixam marcas profundas; sou prova disso. No 1º ano do ensino médio, tive um professor que me deixou de recuperação em Física só por causa de meio ponto e disse que a recuperação fazia parte da vida do aluno. Lembro-me de ter chorado muito, mas, no final, consegui me recuperar e concluir o meu ano.

No ano seguinte, o medo e a incerteza me afligiam. Às vezes, pensava em desistir por causa do ano anterior, porque tinha a certeza de que novamente o professor de

Física me daria aula. Isso me deixava apavorada. Até que tomei a decisão de largar o curso, chamado de científico, para fazer o magistério, que era outro curso e em outra escola, na qual tive a companhia de uma grande amiga chamada Janice. Nós duas pedimos transferência para a Escola Reinaldo Massi para, assim, fazer o magistério.

Nessa nova escola, tive um professor que me incentivou e me mostrou que eu era capaz. Há frases que ficam gravadas na alma da gente, como “você é capaz”, “você consegue”, e que incentivam qualquer estudante a buscar cada vez mais empenhar-se em sua trajetória estudantil.

Mas voltando às minhas lembranças boas, tenho saudade de ter aquele contato direto com os professores e poder sanar todas as dúvidas com a presença física deles, com os colegas de classe; sinto falta disso e muito mais. Ah, quanta diferença isso faz na vida do estudante! Agora vivemos esta pandemia que nos fez ficarmos em casa e estudar virtualmente. Muitas vezes isso é bom, mas também ruim ao mesmo tempo, pois se temos nossas dúvidas e ficamos com elas, sem poder saná-las, isso nos traz grande angústia.

Acredito que foi uma grande experiência durante todos esses anos com o estudo da Educação a Distância

(EaD), apesar de estarmos vivendo em tempos difíceis, sem aulas presenciais, mas não menos interessante, posto que adquirimos um grande aprendizado e desenvolvimento de habilidades, para que, em um futuro bem próximo, possamos colocar em prática tudo aquilo que aprendemos com nossos mestres.

Creio que muito em breve as aulas voltarão a ser presenciais, mas não da forma como eram, visto que as tecnologias farão parte da rotina escolar de agora em diante, transformando completamente o ambiente escolar, dando uma nova cara para as escolas.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest. The scene is dimly lit, with a warm, golden glow. The book's pages are aged and yellowed, and the key is dark and weathered. The wooden chest has a decorative, carved front panel with a small keyhole.

27

Diário de Maria
do Carmo Souza
Drumond

Nesse momento em que encontro minhas memórias... solidarizo-me com elas... volto aos tempos da minha infância na Fazenda Bolivar, em Minas Gerais, onde cresci ouvindo histórias do meu avô para mim, meus irmãos e primos. Ele contava muita coisa, como por que foi morar ali, como aconteceu seu casamento com nossa avó e histórias da nossa origem. Minhas memórias levam-me às suas palavras: “Três irmãos saíram do norte da Escócia para piratear navios. No caminho morreu um deles, e os outros dois chegaram ao Brasil e formaram a família Drummond”. E acrescentava, gesticulando: “boca de siri, pirata não é boa gente”. Descobri naquelas histórias contadas que o meu Drummond engoliu um “m” porque o dono do cartório da cidade de Ferros estava bêbado no momento do registro e engoliu a referida letra.

Essas memórias me levam às lembranças da infância, aos tempos em que o sonho de frequentar a escola parecia tão grande, tão desafiador. Essas lembranças me possibilitam encontrar os sonhos que me perseguiram para estar onde estou hoje, cursando o mestrado, e entender a dimensão das histórias contadas, vividas e de tantas outras experiências. Essas memórias são carregadas de pegadas de pessoas importantes, como meu pai, meu avô e minha mãe, que sempre me acompanharam. Elas também me perseguem quando me deparo com o poeta Drummond, e a cada encontro percebo a profunde-

za das minhas memórias e das histórias da minha infância. É mais profundo à medida que caminho nas estradas dos meus sonhos.

Sou filha mais velha de uma família de oito irmãos, cinco homens e três mulheres. Perto de onde morávamos havia o Distrito do Mendonça, uma comunidade quilombola de ex-escravizados, de trabalhadores da fazenda de café da família Drummond, e foi ali que eu e meus irmãos mais velhos estudamos o primário. Tive que esperar meu irmão completar seis anos e meio para ter com quem ir para a escola. Nosso transporte era o cavalo e tínhamos a obrigação de cuidar do animal, pegar cedo no piquete, e meu pai arreava o animal para andarmos doze quilômetros todos os dias. Nossa convivência nessa escola era de submissão aos meninos negros. Éramos chamados de “brancos azedos” e não contávamos para nossos pais por medo do que poderia acontecer. Sofríamos *bullying* quietinhos.

Nessa escola, estudei até o quarto ano. Para continuar os estudos, foi outro desafio, pois meu pai dizia: “Filha mulher não precisa estudar muito, sabendo ler e escrever tá bom. Precisa saber matar e arrumar um porco, bordar e cuidar da casa. Mulher estudada é candidata a arrumar marido para sustentar”.

Após muita insistência da minha mãe e do meu avô, meu pai permitiu que eu fosse estudar em Ferros, cidade mais próxima. Fui morar em no pensionato da senhora Donana. Ela cuidava das moças, colocava para trabalhar, ensinava a costurar e podia estudar também. Meu pai impôs uma condição a mim: “Se namorar, para com os estudos!”. Desobedeci: namorei e tive que voltar para a fazenda. Retornei para a escola aos quinze anos, em Mato Grosso do Sul, no município de Ladário. Uma mudança brusca provocada pelo meu pai, que veio trabalhar com um primo em mineração. Cheguei no ano de 1977, ano da divisão do estado. O transporte de Campo Grande a Corumbá era feito por trem de ferro, com quase doze horas de viagem. Corumbá fica a seis quilômetros de Ladário, onde fui morar com meus pais e irmãos.

Ladário e Corumbá são locais fronteiriços e muito distantes da minha terra natal em vários sentidos, um lugar de costumes e hábitos diferentes dos meus, uma língua diferente da minha. Senti a necessidade de intensificar a luta para romper barreiras, pois, em plena adolescência, tive que me afastar dos meus avós, dos amigos e, principalmente, dos meus hábitos e costumes culturais. Conviver com ambientes e pessoas diferentes, com variantes linguísticas diferentes. Fazer amigos e estudar exigia de mim muita força e coragem. Minha mãe, sempre parceira, queria para mim e meus irmãos realizações de

sucesso e incentivava-nos a estudar, pois acreditava que nosso caminho seria esse.

Quando terminei o ginásio, queria estudar à noite para trabalhar durante o dia. Meu pai disse que não, que filha dele não era para trabalhar e que estudar era uma bobagem minha, que eu tinha que fazer uns cursos de culinária e bordado para me casar. Isso porque eu já estava com dezoito anos... imagina!

Comecei a trabalhar escondido e fui estudar à noite no magistério, o único curso oferecido dentro das minhas possibilidades naquele momento. Contrariei meu pai e não parei mais de contrariar, pois danei a namorar e me casei. O casamento trouxe algumas realizações e interrompeu outras, mas não a de continuar a sonhar. Demorei, mas fui concluindo etapas e vencendo obstáculos.

As oportunidades de ingressar e continuar na profissão escolhida foi naturalmente aparecendo. Fiz a faculdade de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) de Corumbá (CEUC, na época) e entrei para a carreira de professora em 1986, sempre procurando perseguir meus ideais. Vieram os filhos, o que amorteceu algumas realizações, mas não me impediu de concretizá-las.

A luta coletiva sempre me perseguiu, sempre gostei do trabalho em comunidade. Ao ingressar na educação, logo comecei a debater o coletivo, a organização, como orçamento, vida escolar, vida funcional dos trabalhadores. Consequentemente, encontrei o espaço do sindicato, onde atuo como dirigente há mais de 15 anos, sonhando e construindo histórias que não são só minhas, mais apaixonante do que isso, são coletivas, de toda uma categoria, a da educação.

Atualmente, moro em Bonito, cidade que me proporcionou muitas realizações. Destaco a oportunidade de ser tutora presencial no curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol da UFMS, no polo de Bonito, um marco importante para minha história. Nesse espaço, conheci a primeira turma de Letras que encerra o curso neste ano de 2021, na modalidade da educação a distância (EaD). Experiências fantásticas. Aprendi muito com a turma, com os funcionários e os professores do curso. Acrescenta-se às minhas experiências a oportunidade de conhecer pessoas como a coordenadora do curso no seu início, a professora Patrícia Graciela da Rocha, e a professora Fabiana Poças Biondo Araújo. Elas me orientaram sobre o Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS, abrindo caminhos para que eu desse passos largos para realizar mais uma etapa dos meus sonhos.

Hoje, penso o quanto a vida é desafiadora, o quanto ela impõe a nós, desde cedo, tarefas para vencer obstáculos, preconceitos e realizar sonhos. A crise sanitária imposta pela covid-19 é o maior desafio para mim neste momento e acredito ser para todas as pessoas, seja no trabalho, na vida social ou familiar.

Minhas memórias, minhas lembranças vêm à baila para testemunhar a capacidade e a coragem para continuar a realizar os sonhos, para desafiar a luta por realizações. Quando encontro meu pai e minha mãe, sinto o quanto eles se sentem orgulhosos por me verem caminhando, enfrentando desafios e realizando sonhos. O mais recente é o mestrado, que adiei por muitos anos para dar conta de outras tarefas prioritárias, mas que hoje é uma realidade, consequência das minhas doces memórias, das minhas belas lembranças e da história que consegui viver até aqui, orgulhosa de mim.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with ornate carvings. The book is open, showing aged, yellowed pages with some text. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a complex bit is resting on the book. The background is dark with a subtle pattern of small, light-colored dots.

28

Diário de Maria
Raquel S. M. Santos

Recordo-me do ano de 1999, quando ainda estava no 5º ano do ensino fundamental. Bons tempos! Estávamos na escola todos os dias, de segunda à sexta-feira, tínhamos interação com os colegas e com os professores.

Um professor, em especial, era um pouco amedrontador. Vou chamá-lo de professor X. Ele era o nosso professor de Língua Inglesa, e em sua aula era proibido falar: um cochicho entre colegas poderia ser motivo de ir para a diretoria. Quando ele perguntava algo, ai daquele que não respondesse; se respondesse corretamente, tudo bem, mas se errasse era motivo de chacota. Ele era muito sádico com as palavras e induzia que os demais alunos rissem daqueles considerados não tão inteligentes quanto os que decoravam os pronomes pessoais em inglês, que era só o que ensinava praticamente o ano todo. Eu tinha medo até de abrir a boca, mesmo que fosse para responder corretamente, pois sempre vinha uma brincadeirinha por parte do professor, que nos envergonhava e, claro, os colegas não perdiam tempo em rir.

Concluí aquele 5º ano do ensino fundamental, casei-me, por ter engravidado, e parei de estudar.

Anos depois, volto para a escola, adulta, com uma filha para criar, precisando trabalhar. Mas ninguém contratava mulheres só com o ensino fundamental incompleto,

a não ser para fazer faxina. Tomei a decisão de fazer a Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Novamente, o professor X era meu professor, só que nessa turma ministrava as disciplinas de Língua Inglesa e Ciências, pois estavam em falta professores formados na área da biologia. Então o professor X, além de ensinar uma disciplina em sua área, tinha que lecionar uma outra, que não era sua área de formação. Ele continuava com a mesma altivez e esquecia-se que estava lecionando para jovens e adultos.

Um certo dia, três colegas cochichavam ao ponto de incomodar não só o professor X, mas a todos. De fato, elas estavam atrapalhando a aula. O professor se exaltou, gritou com elas e pediu que se retirassem da sala dizendo: “As três moscas varejeiras parem com esse zum-zum e saiam da minha aula”. Uma delas não ficou calada e respondeu: “O senhor nos respeite. Não somos moscas varejeiras, posso até sair da sua aula, mas exijo respeito”. Depois, dois colegas, homens adultos, levantaram-se e disseram para o professor que ele falou daquela forma porque eram mulheres e agrediram-no verbalmente, com ameaças físicas. Fiquei revoltada, posto que o professor, ainda que tivesse feito mau uso das palavras, tinha razão. No entanto, fiquei calada, haja vista que esse mesmo pro-

fessor me colocou um medo terrível de falar em sala de aula, então, naquele momento, não pude defendê-lo.

Continuei estudando e terminei o ensino médio na EJA. Em 2006, prestei vestibulares e o Enem logo que terminei a educação básica, pois queria muito cursar Letras. Não deu certo, sempre tinha um empecilho. Durante onze anos quis ser professora, mas nunca dava. Até que no ano de 2017, o polo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) em Bonito abriu os cursos de Letras, Pedagogia e Educação Física na Educação a Distância (EaD). Vi aí a oportunidade de realizar meu sonho, porém, sabia que não seria fácil passar no vestibular, pois, além de fazer anos que não estudava, não me sentia apta a concorrer com pessoas que tiveram um ensino mais amplo que o meu, considerando que na EJA a maioria das disciplinas é bem reduzida e algumas nem existem, como Literatura. Mesmo assim, fui com a cara e a coragem. Tive ajuda da minha filha que, na época, preparava-se para ingressar em uma universidade federal. Foi com seu plano de estudos que consegui passar no curso de Letras EaD da UFMS.

Neste curso, tive muitas dificuldades no começo, porque eu mal sabia ler e escrever. Inúmeras vezes me deu vontade de desistir, mas o meu sonho era maior que as adversidades. Hoje estou no último semestre, finali-

zando meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e deixo uma mensagem a todos vocês que têm um sonho: lute, não desista, ainda que leve um tempo, que venham as dificuldades, vai valer a pena. Com fé em Deus e perseverança, vencemos todos os desafios.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden chest with a lock. The scene is dimly lit, creating a warm, historical atmosphere. The book's pages are yellowed with age, and the key is a simple, dark metal design. The wooden chest has a prominent lock mechanism on the front.

29

Diário de Mariana
Rodrigues Córdoba

Quando eu estudava no 5º ano do ensino fundamental, tudo parecia novo. Eu me sentia perdida, os conteúdos eram diferentes, a quantidade de disciplinas e de professores; tudo era novo e desafiador. Com isso, minhas notas eram baixas, pois sempre tive dificuldades para aprender rapidamente os conteúdos e ter um ritmo de estudo.

Lembro-me que cada toque do sinal era uma matéria, e os conteúdos deveriam ser concluídos junto com o sinal, porém, nem sempre eu conseguia cumprir com o determinado; eu estava lá lutando contra o tempo.

Com o passar dos anos, adquiri muito aprendizado, tive ajuda de professores ótimos, consegui as notas necessárias e concluí o ano letivo. Sim. No 6º e 7º, fui melhorando minhas notas, minha timidez para apresentar trabalhos e, aos poucos, até hoje vou me superando. Quando mudei do 8º para o 9º ano, fiquei com muito medo de não me adaptar à nova turma, de perder meus amigos, pois muitos iriam trocar de escola. Foi um ano de mudanças, incertezas, ansiedade e muita dedicação. Posso dizer que sempre fui muito ansiosa e queria que o ano letivo se encerrasse logo para iniciar o outro. Sempre gostei muito da escola, era meu lugar favorito.

Em seguida, fui para o ensino médio. As disciplinas de língua portuguesa e estrangeira eram as mais complicadas para mim. Sempre me questionei sobre a língua falada e a língua escrita, e a cada dia que conheço fico ainda mais curiosa e encantada com a diversidade da língua portuguesa. Tive professores ótimos que me inspiraram a ser curiosa e a aprender cada vez mais.

Concluí o ensino médio, fiz um curso técnico em logística por um ano; não queria e nem podia pensar em parar de estudar. Terminei o curso técnico e logo surgiu a oportunidade de cursar o Normal Médio por mais um ano e meio, o qual me habilita a dar aula para crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. No mesmo ano, prestei vestibular para Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS, uma oportunidade de estudar sem precisar me deslocar da minha cidade, por meio da Educação a Distância (EaD).

Desde a inscrição para o vestibular, a prova e o resultado da aprovação, eu não tinha noção do quanto me apaixonaria pelas disciplinas de Língua Portuguesa e, principalmente, de Literatura. Cada aprendizado me inspira, incentivando-me a querer saber e aprender cada vez mais.

Por intermédio da EaD, pude ver as dificuldades e também a maneira de se ensinar e aprender com o auxílio da internet, de inovar e de estar sempre em constante aprendizado e estudo, pois estar aberto para novas oportunidades é fundamental para continuar nesse caminho do ensino.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with ornate carvings. The book is open, showing aged pages with some text. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a complex bit is resting on the book. The background is dark with a subtle pattern of small, light-colored dots.

30

Diário de Marina
de Oliveira Correia

Sou a quarta filha de uma família composta de sete filhos, de pais que nunca foram a uma escola, um casal que sempre morou em fazenda, trabalhando, mas sonhando em ver seus filhos formados. Quando os três mais velhos completaram a idade escolar, foram para a escola em Rio Brillhante; no fusca, só tinha lugar para eles, pois o fazendeiro tinha um casal de filhos que estudava, e eu não pude ser matriculada.

Passaram-se uns anos, fomos morar em uma chácara que ficava perto de uma escolinha na BR, entre Campo Grande (CG) e o distrito de Anhanduí. Em 1982, comecei a estudar nessa escola com uma professora que vinha de CG todos os dias. Nessa escola, tinha apenas uma sala de aula, com cantina, banheiros (feminino e masculino) e uma varanda; era toda de tijolinho a vista, e atendia às turmas da primeira à quarta série, formadas por crianças que moravam em chácaras e fazendas vizinhas.

A professora Hilda era negra, com cabelos lisos e compridos, muito esforçada, dividia o quadro em quatro partes com giz branco e marcava os anos; ali, alfabetizava todos os alunos com muito carinho e dedicação.

Eu tinha uma vontade imensa de aprender, tanto que em pouco tempo já estava lendo, pois acompanhava todos os alunos das outras turmas que se sentavam

em “fileiras”: 1ª série, ano, 2ª série, 3ª série e 4ª série. A professora passava atividades para todos e pegava os cadernos daqueles que ainda não copiavam da lousa e escrevia para eles; aqueles que já sabiam, copiavam; um pouco ela ditava. Quando chegaram as cartilhas *Caminho Suave*, eu já sabia decodificar e soletrar as sílabas simples.

Os anos foram passando e eu também passei por todas as séries, pois, nessa escola, só ia até a 4ª série. A professora Hilda conversava muito com as alunas; ela dizia que todas as meninas que estudavam ali iam ser domésticas nas cidades e não estudavam mais. Foi aí que cheguei e falei com a minha mãe: “Quero continuar estudando. Não quero ficar só com a quarta série”.

A oportunidade era pequena, pois existia escola com ginásio só na cidade. Foi então que, antes de terminar aquele ano, uma mulher que morava em CG veio a casa. Ela era uma velha conhecida dos meus pais, amiga dos patrões que estavam precisando de empregada doméstica, mas tinha que morar na casa, pois eles eram de idade. Assim, passei a estudar na 5ª série na escola Arlindo Lima; uma realidade totalmente diferente, com muitos professores e alunos. Porém, não deixei de decorar todas as lições que eram dadas, visto que eu precisava estudar para realizar um sonho, e não ser só doméstica.

O primeiro ano foi bem. Quando fui fazer a matrícula para a 6ª série, não tinha ninguém maior de idade para assinar. Mas não desisti: pedi para a minha patroa que fizesse isso por mim que eu continuaria trabalhando e ganhando quase nada. Minha patroa disse: “Você não precisa mais ficar indo para escola, pois está perdendo noites de sono e já tem quatorze anos. Para que estudar? Você é pobre, preta, não adianta, você nunca vai se formar mesmo”.

Foi nesse dia que decidi então não ser só “isso”. Conversei com minhas irmãs mais velhas e então alugamos um quarto no bairro Caiçara. Juntas fomos à escola General Malam e fizemos nossa matrícula. Encontramos professores que nos encorajavam a estudar para evoluir. Foi a professora “Créo” que se destacou nessa escola, no final dos anos 1980.

A falta de recursos nos fez mudar de escola e de bairro. Terminamos o primeiro grau na escola Professor Nagib Raslan, com professores de excelência que passavam mensagens que fortaleciam a nossa vontade de seguir rumo a uma formação. Iniciei o curso de técnico em contabilidade; eram quatro anos de segundo grau.

Meus pais foram para Aquidauana com uma turma que estava em uma fazenda que, em 1989, transfor-

mou-se em assentamento, com um grande número de famílias. Lá havia muitas crianças em idade escolar sem escolas e sem professores; era um lugar sem recursos.

Eu e minha irmã recebemos o convite para trabalharmos como professora nesse assentamento, a chance de voltar a morar com nossos pais e ainda trabalhar sem sermos “domésticas”. Vimos a tão sonhada mudança de profissão. Em 1990, iniciei a trajetória de ensinar a ler e a escrever, baseada na mesma didática da professora Hilda, mas com menos recursos ainda, em uma sala construída pelos pais e sem material didático, convocada pelo estado como professora leiga.

Em 1993, surge em Anastácio um secretário de educação que teve a iniciativa de criar o curso de magistério para professores leigos, com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O curso tinha tudo que um professor das séries iniciais precisava no âmbito de um curso de nível superior, com metodologias e didáticas voltadas a nossa realidade. Formada em 1996 com o segundo grau completo, houve um concurso no município. Fiz a prova, fui bem e consegui uma vaga.

Quando surgiu a lei exigindo que para atuar em sala era necessário curso superior, mais uma vez fui contemplada com o curso de Pedagogia para professores

na UFMS de Aquidauana. Fiz minha inscrição e consegui com muito esforço ingressar no tão sonhado curso superior.

Com uma grade voltada para a realidade local e profissionais que ministravam as aulas com uma capacidade e uma competência extraordinária, não tive dificuldades para concluir o curso superior, porém a sonhada colação de grau não foi possível, visto que estava internada com problemas renais.

Para realizar um sonho, comecei a prestar vestibular para outra formação em área específica, pois enfrentamos muitos preconceitos atualmente. Uma profissional da escola, em reunião com a direção da escola, pediu que realizassem reuniões separadas dos pedagogos. Em muitos momentos, após ter renunciado o concurso e mudado de município para vir morar com meu esposo no nosso sítio e construir nossa família, tenho que ouvir frases de colegas que dizem: “Como você consegue pegar aulas sem formação?”.

Com o processo seletivo para contratação de professores temporários do estado, deixei muitos colegas indignados porque eu consegui me classificar. Isso só foi possível devido ao curso de Letras ser de qualidade e ter na instituição profissionais competentes, que executam

as suas tarefas com excelência, que nos mostram exemplos de como sermos profissionais preparados.

Sinto-me desde já preparada para exercer a profissão como professora, estou muito segura de que é isso que eu quero e agradeço a todos os profissionais do curso de Letras do polo de Bonito pela inspiração, que fez com que eu ampliasse a minha visão de mundo, pois sinto-me cada vez melhor.

An open antique book with a key resting on it, placed on a wooden desk. The book is open to a page with text, and the key is positioned across the pages. The desk is made of dark wood with a decorative panel. The background is dark with a subtle pattern of small white dots.

31

Diário de Patrícia
Graciela da Rocha

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.650.178-188

Eu nasci literalmente na margem, para ser mais específica, em uma roça às margens do rio Uruguai, na divisa entre Rio Grande do Sul, Santa Catarina, bem próximo da Argentina. Sou a segunda filha de pais agricultores que migraram para a cidade e se tornaram comerciantes. Vivi no campo até os cinco anos de idade, quando os meus pais resolveram sair de lá e ir para a cidade mais próxima, onde, nessa época, viviam os meus avós paternos que haviam saído da zona rural já há alguns anos. O novo lugar era praticamente um sítio. Meu avô tinha um moinho de farinha e mantinha alguns hábitos da roça, como criar porcos e galinhas e ter sempre uma vaca para prover o leite diário. No ano seguinte, com seis anos, eu fui para a escola mais próxima de casa. Não fiz o que se chamava de pré-escola. Não sei exatamente o porquê, acho que nem existia isso. Era uma escola adventista bem pequena, com poucas salas e turmas com poucos alunos, que ficava ao lado da igreja da mesma religião. Até hoje não entendo o porquê meus pais, sendo católicos, tiveram essa “brilhante ideia”. Talvez um dos motivos fosse o fato de haver muitas greves nas escolas públicas naquela época, que acabavam bagunçando o calendário letivo e deixando as crianças por longos períodos sem estudar. Um detalhe: a escola era particular, a única da cidade, acho que meus pais devem ter conseguido um desconto ou uma bolsa, o que significava que o poder aquisitivo

das demais crianças era bem mais alto do que o meu e, portanto, a desigualdade social desde cedo ficou muito nítida para mim. Eu não tinha um tênis legal, nem roupas de marca, nem acessórios finos, nem bicicleta, nem bonecas, nem nada do tipo. Fui ter minha primeira boneca legal com 10 anos de idade; gostava tanto dela que não a tirava da caixa nem para brincar, ela se chamava Carina, era da marca Estrela. Foi assim que aprendi a me sentir inferior e talvez seja por isso também que, quando eu tive meu primeiro emprego, passei a comprar descompensadamente muitos ursos de pelúcia e muitos sapatos, muito além do que eu precisava. Hoje percebo que era uma tentativa irracional de dar a mim mesma as coisas que a minha criança tanto queria e não tinha.

Voltando à escola, lembro-me da minha primeira professora que se chamava Adriana. Era uma mulher negra, alta, imponente, séria, mas ao mesmo tempo muito carinhosa. Assinalo a cor da sua pele porque na minha cidade não era (e até hoje não é) comum vermos e convivemos com pessoas negras, o que gerava, à primeira vista, um certo estranhamento, porém, não me recordo de nenhum episódio de preconceito por conta desse motivo. Foi com ela que aprendi a ler. Eu nunca fui uma aluna nota dez, mas também nunca fui uma má aluna, sempre fazia o suficiente para passar de ano e não tirar nota vermelha. Eu tinha pavor só de pensar nessa pos-

sibilidade. Lembro-me de que, quando cheguei nessa escola, os meus colegas pareciam muito mais inteligentes do que eu, pois sabiam a resposta para tudo o que a professora perguntava, conheciam todas as letras e falavam prontamente as sílabas que a professora colocava no quadro ou aquelas que ficavam penduradas na sala, em folhas de ofício, com um desenho junto. Eu não conhecia as letras, mas repetia junto com os colegas, sempre atrasada, e assim foi.

Geralmente eu ia para escola a pé com o meu tio mais novo, o tio Volmir que morava com os meus avós ao lado da nossa casa. Ele caminhava muito rápido e eu tinha que ir correndo atrás dele porque, como todo bom adolescente, ele não queria que o vissem andando com uma criança na rua. Com o tempo eu fiz amizade com um vizinho que estudava na mesma escola, ele se chamava Cristiano, era uma ótima companhia. Mas um dia ele foi atropelado voltando da escola, eu não estava junto por um milagre, ele ficou seriamente ferido e os seus pais o tiraram da escola. Perdi o amigo e a companhia.

Não me lembro como foi o segundo ano, mas me lembro muito do terceiro, porque veio outra professora Adriana, uma moça jovem, morena, linda demais, muito alegre, falante, animada e sorridente, cabelos pretos longos e cacheados. Eu queria ser igual a ela, vestir o

que ela vestia, falar como ela falava. Mas, desse ano, eu guardo também um trauma: o de surpresas. Isso porque, um belo dia, essa mesma professora disse que faríamos um passeio, mas ela não contou aonde iríamos. Eu fiquei revoltada, exigi saber para onde ela iria nos levar, mas ela se recusou, disse que seria surpresa. Eu bati o pé e me recusei a ir para um lugar desconhecido, e ela aceitou, disse que então eu poderia ficar na escola sozinha, e eu, muito teimosa, fiquei a tarde toda ali, brincando sozinha, esperando eles voltarem do passeio. Obviamente, todos voltaram felizes e sorridentes porque tinham ido à pra-
cinha de brinquedos da cidade, que era um lugar muito legal. Além disso, tinham tomado picolé. Mas eu me mantive firme e não deixei transparecer a inveja que me cor-
roía por dentro, pois o meu arrependimento não podia ser maior do que o meu orgulho besta. Bem feito para mim! Até hoje estou tentando entender por que eu me recusei tanto a ponto de perder o passeio. Por que a surpresa me incomodou a tal ponto? O fato é que nunca mais perdi nenhum tipo de passeio ou viagem, mas ainda hoje me incomodo com surpresas!

No quarto ano, tive aula com a diretora da escola, não me lembro o nome dela, mas me recordo que era uma turma pequeninha, uns seis ou sete alunos, que funciona-
va na mesma sala da secretaria. Lembro-me também de ter muita dificuldade em matemática nessa época, de não

conseguir decorar a maldita tabuada e de ter aprendido a andar de bicicleta com a minha melhor amiga: a Rosana. Como era uma turma pequena, fazíamos tudo junto, não tinha separação entre brincadeiras de meninos e de meninas, então jogávamos futebol e tudo mais, o que gerava muitas brigas, e eu não fugia de nenhuma delas, muito pelo contrário, recordo-me de brigar muito com os meninos, especialmente um japonês metido a lutar karatê, o Rafael. Lutávamos de igual para igual no pátio da escola até que um professor aparecesse para nos separar. Com isso, aprendi a não ter medo de meninos, a não baixar a cabeça para eles e também a não ficar quieta diante de qualquer tipo de machismo. Isso me rendeu alguns hematomas, mas também me fortaleceu.

Dessa época, guardo outro trauma: o de decorar e recitar poemas em público. Lembro-me como se fosse hoje: era Dia das Mães e a igreja estava lotada de gente (os encontros festivos eram realizados na igreja que ficava ao lado da escola), eu tinha repetido e decorado insistentemente um poema de oito versos que recitaria no palco. Mas estava demorando muito para chegar a minha vez, eu estava impaciente, até que chamaram o meu nome, e eu fui correndo, com o coração na mão, até a frente da plateia, que também era o altar. Chegando lá, a diretora me pegou pela mão e disse no meu ouvido que ainda não era a minha vez, era outra Patrícia, que,

nesse momento, já estava com o microfone na mão. Isso tirou o meu chão, meus olhos se encheram de lágrimas e de decepção. Fui correndo para o banco onde estava a minha mãe, pedi a ela para ir embora, eu me recusei a me apresentar e nunca mais consegui decorar nada que tivesse mais do que quatro linhas. Fiquei arrasada, morrendo de vergonha, não queria nunca mais ter que voltar àquela escola, mas voltei na segunda-feira.

No ano seguinte, tive que mudar de escola porque ali não tinha a quinta série. Fui então para uma escola pública, finalmente. Uma sala cheia de crianças pobres como eu. Não me lembro dos professores, mas recordo dos jogos escolares, que eram muito animados e que provocavam também muitas brigas, que geravam uma adrenalina generalizada. Eu já não brigava mais, tinha crescido. O resto do ensino fundamental foi nessa escola estaudal: Sepé Tiaraju. Na época ela funcionava em prédios alugados, então mudamos de lugar por três vezes em quatro anos, até que construísem um prédio definitivo, aí eu já estava na oitava série. De lá, eu guardo com carinho a memória do meu primeiro melhor amigo menino: Carlos Ivan. Ele queria ser estilista. Éramos inseparáveis. Eu o amava do fundo do meu coração, ele me entendia, me completava, era o meu fiel escudeiro, fazíamos grandes planos juntos. Uma vez eu tive que ficar internada no hospital por conta de uma pneumonia, e ele

ia me visitar todos os dias, elaboramos até um plano de fuga do hospital, mas não deu certo. Fomos separados no sexto ano, quando a mãe dele morreu e ele teve que ir embora da cidade para morar com os irmãos mais velhos. Nunca mais tive notícias dele. Já adulta, eu o procurei muitas vezes nas redes sociais, no Google etc., mas a busca foi em vão.

Dessa escola, eu guardo também a memória de algumas professoras que me inspiraram. Coincidência ou não, as professoras de português: Tânia e Neuza. A primeira, por conta do seu jeito de ser e de vestir-se, totalmente a frente do seu tempo, divertida, despojada, mas ao mesmo tempo rigorosa e firme. A segunda, inteligentíssima, fazia atividades fora da escola, levava-nos à biblioteca pública, ao cartório, à prefeitura, fazia entrevista com pessoas mais velhas, era maravilhosa.

No ensino médio, tive novamente que mudar de escola. Fiz um ano de magistério. Eu ainda não pensava em ser professora, mas todos na cidade diziam que era a melhor escola do lugar. No segundo ano, eu fui para um colégio interno, de freiras, em outra cidade. Foi um ato de rebeldia. Nessa época, eu me achava uma adolescente incompreendida, privada de liberdade, mal-amada e resolvi punir os meus pais por isso, afastando-me deles e, ao mesmo tempo, punindo a mim mesma por ser quem

eu era. Foi um ano intenso e eu poderia escrever muitas páginas sobre ele, mas fugiria do foco deste diário. O que posso dizer é que fui uma má influência para as demais internadas, mas, ao mesmo tempo, aprendi a dar valor às pequenas coisas da vida.

No terceiro ano do ensino médio, eu voltei para a minha cidade natal. Já estava muito amadurecida, praticamente uma adulta. Entrei em outra escola, muito maior do que todas as outras que eu havia estudado até então, mas a turma era pequena, éramos em 13 ou 14 alunos. Fiz grandes amigos ali. Tínhamos um professor de matemática fantástico, que nos instigava a mudar o mundo, fazia-nos pensar sobre o nosso potencial coletivo e na nossa capacidade de organização sindicalista. Incentivados por ele, montamos um grupo de jovens cooperativos que pretendia organizar eventos para arrecadar fundos que, futuramente, seriam usados para financiar os estudos dos membros do grupo e também ajudar a comunidade local. A ideia parecia perfeita, mas não passou do primeiro evento. As burocracias minaram nossas energias e acabamos desistindo desse sonho.

Terminado o ensino médio, quase todos da turma tinham um único objetivo: fazer vestibular e entrar na faculdade. Nessa época, não existia Enem, e na cidade pequena não tinha universidade, nem pública nem privada.

Era preciso viajar todos os dias, com ônibus fretado pelos estudantes, para continuar estudando. Fui então para um curso pago de Ciências Contábeis porque eu achava que trabalhar com máquinas e números seria muito mais fácil do que trabalhar com pessoas. O primeiro semestre pareceu incrível porque eram todas disciplinas básicas, do núcleo comum, e tínhamos muitas festas no campus. No segundo semestre, a ficha caiu, foi terrível, pois começaram as disciplinas específicas, todas envolviam muitos cálculos. Depois de reprovar em todas as matemáticas, convenci-me de que aquele curso não era para mim. Entretanto, isso acabou com todos os meus planos de futuro. Senti-me totalmente perdida e desamparada. O que eu faria dali para frente? Foi então que eu peguei o folder de cursos de outra universidade vizinha, mais próxima do que a primeira, mas também privada. Comecei a riscar da lista todos os cursos que tinham alguma relação com a matemática, sobraram uns três ou quatro, que fui eliminando por outros motivos nada racionais. Assim, restaram dois cursos para escolher: História e Letras, e a decisão foi tomada de uma forma bem eficiente, o antigo “minha mãe mandou eu escolher esse daqui...”.

Desse modo, entrei em Letras, sem saber absolutamente nada sobre o que me esperava nesse curso, mas fui com o coração aberto para viver uma nova experiência, sem cobranças. Com essa postura, acabei me apai-

xonando pela área no quarto semestre do curso, quando comecei a trabalhar. Lembro-me como se fosse hoje o dia em que pisei pela primeira vez na sala de aula, como professora, e senti que era exatamente aquele o lugar onde eu gostaria de estar, aquele era, sem dúvida, o meu lugar!

Desde então, nunca mais saí da escola, ela mudou um pouco, passei para outros níveis, outras cidades, outros estados e outras modalidades, mas o foco do meu trabalho, mesmo no ensino superior, sempre foi a escola. Talvez porque eu ainda tenha traumas de lá para curar ou talvez porque eu tenha que ajudar outras pessoas a resolver os seus traumas. Acho que nunca vou saber, mas sigo tentando!

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with a prominent grain. On top of the chest, an open book with aged, yellowed pages is lying flat. A large, dark metal key with a heart-shaped head and a long, thin shaft is placed across the book. The background is dark and textured, possibly a wall with small, light-colored dots.

32

Diário de Raquel
Pereira dos Santos

Minhas memórias sobre os primeiros anos de escola são raras, para não dizer quase inexistentes, como para quase todas as crianças de até cinco ou seis anos, suponho. Os primeiros anos foram tranquilos, considerando que minhas responsabilidades se resumiam a ir à escola, fazer as atividades manuais ou lúdicas, descansar e alimentar-me.

Os anos posteriores, entre a primeira série e, acredito, que a sexta série, são um tanto nebulosos, a não ser por acontecimentos trágicos que havia esquecido completamente até este momento, como um tiroteio ocorrido nas proximidades da escola durante o horário de aula, em Paraisópolis, periferia da cidade de São Paulo, onde morei até os 12 anos de idade. Também não posso dizer com certeza, nesse período, como era minha postura, enquanto aluna, nem como eram os professores, porém, minha personalidade tímida fez com que me concentrasse mais nos estudos. Hoje, contudo, depois de tantos anos estudando e tendo que me dedicar tanto a determinadas matérias, tenho consciência de que sempre tive muita dificuldade em aprender ou assimilar alguns conteúdos.

Os anos do ensino médio, que encerrei em 2003, trazem-me memórias mais claras, mesmo que já tenham se passado quase 20 anos. Ao ingressar no ensino médio, já havia deixado o ensino público e estava numa es-

cola particular, com uma infraestrutura melhor, o que proporcionava qualidade no ensino. Mantive-me uma aluna dedicada, na medida do possível, considerando a idade e o desinteresse inerentes a ela, imersa nas dúvidas que a escolha da profissão traz e, com isso, toda a incerteza do que seria meu futuro. Acredito que, para a maioria dos jovens, cuja renda é baixa, a escolha da profissão, que está atrelada ao futuro, é mais angustiante, pois, muitas vezes, temos que conciliar nossas aptidões, nossa realidade financeira e as possibilidades oferecidas. Mesmo em meio a tantas dúvidas e ansiedade, creio que meu desempenho não foi muito prejudicado até o último ano.

Anos depois, penso que em 2008, iniciei minha primeira graduação em Administração. Mesmo não sendo o curso que gostaria de fazer, na impossibilidade de cursar Arquitetura ou Nutrição, devido às opções que minha cidade oferecia, essa foi uma experiência divisora de águas na minha percepção de como o aluno deve se portar. Esse curso era semipresencial, com aulas apenas duas vezes por semana, e uma professora para apoio aos alunos. Nesse momento, já ficou clara minha responsabilidade e a necessidade de me adequar às rotinas de estudo e de buscar o conteúdo que era entregue, mas não da mesma maneira e disposição que ocorre nas aulas presenciais. Durante esse curso, havia a presença de uma professora, porém, acredito que os problemas que ela enfrentou na

vida pessoal, aliada à falta de experiência como professora, não permitiram que ela pudesse explorar os recursos oferecidos pelo curso.

Também tive uma experiência excepcional de pós-graduação em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, oferecida pela UFMS, em Campo Grande, e o curso atual de graduação, também realizado pela mesma instituição, porém em Bonito, cidade onde moro desde novembro de 2003. Na pós-graduação, que durou 18 meses, com aulas apenas uma vez por mês, em dois dias seguidos, todo o material era disponibilizado com antecedência para que pudesse me preparar para a aula presencial, cuja função era tirar dúvidas e realizar a avaliação. Tal método ajudou a me tornar apta ao curso de graduação em andamento, considerando que são similares.

O curso de Letras, cujo final está previsto para terminar no meio do ano de 2021, teve algumas alterações no começo do ano de 2020, quando deixou de ser semipresencial, com aulas on-line, gravações e aulas presenciais, tornando-se apenas a distância, contando com aulas gravadas e por aplicativos específicos. Nesse período de 2020, em que houve o início da intensificação da pandemia e, conseqüentemente, a paralisação das atividades presenciais no país, as aulas tiveram alterações, porém, para mim e para maioria dos alunos, não houve

drásticas mudanças, posto que estava familiarizada com o método, e os professores se dispuseram a ficar à disposição para adequar as aulas à nova realidade e sanar quaisquer dúvidas, já que não havia mais encontros presenciais.

Para mim, enquanto aluna, antes e depois da pandemia, não houve grandes mudanças em relação às aulas. Acredito que a fragilidade psicológica causada pelas notícias foi mais relevante do que as alterações na metodologia do curso.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with a prominent grain and a decorative panel on the front. The open book is placed on the chest's surface, and a large, ornate metal key lies across its pages. The background is dark and textured, possibly a wall with a pattern of small dots.

33

Diário de
Rosimeire R. Martins

“Querido diário”. Esse é o início dos meus diários de adolescente, em que eram marcantes os enredos do cotidiano, as confusões de personalidade e existência, as crises e os conflitos, os acontecimentos na vida escolar.

Lembro-me tão nitidamente de um fato de quando eu tinha treze anos. Mudamos de cidade, eu e minha família, para a região sudoeste de Mato Grosso do Sul, para Caracol. Quando chegamos, era tudo muito diferente: a cidade não tinha asfalto, os costumes eram diferentes, mas a simplicidade e a hospitalidade das pessoas me cativaram. Logo depois de nossa chegada, minha mãe fez a matrícula na escola. De início, fiquei entusiasmada, mas tudo desmoronou quando ela contou que eu teria que estudar no período noturno, pois não havia vaga no período diurno para mim, porque não completavam duas turmas, e à noite ficaria melhor, pois os alunos que seriam da 7ª série preferiam à noite. Foi difícil eu entender; estava acostumada a ir com minhas irmãs à escola anteriormente; era muito criança e dormia cedo. Assim que iniciaram as aulas, sentia-me deslocada no ambiente, com os colegas e todo aquele meio, conversas de adolescentes, brincadeiras, namoros, paqueras; com o estudo me adaptei rápido, pois gostava de estudar e de tirar notas boas.

Sempre estudei em escola pública. Fiz um curso de enfermagem quando voltei à minha cidade anterior, e

na colação já recebi uma proposta de emprego em Caracol. Dediquei-me muito, trabalhei muito, até que vim prestar serviço em Bela Vista.

Depois que conheci meu marido, e por intermédio da minha cunhada, soube do vestibular da Educação a Distância (EaD) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Isso era novidade para mim na época, pois não sabia como seriam os estudos e se realmente funcionavam dessa maneira, a distância, mas passei e conciliei bem com o trabalho.

Eu estava com muita expectativa, até que veio a pandemia. Saí do emprego, por ser do grupo de risco, mas eu gostava de estudar e continuava com as aulas. Era muito bom o sentimento de estar fazendo algo por mim, de ter novas possibilidades.

Em seguida, tive um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Fiquei muito debilitada e o raciocínio, que antes me fazia ativa, ficou “dormindo”. Houve choro, esquecimento, letra incompreensível, dificuldade com a tecnologia. Tive muita ajuda dos profissionais de saúde, dos colegas de aula, de professores. Hoje, já estou perto do término do curso. Algumas sequelas continuam, e as aulas on-line também, elas não pararam.

Esta pandemia vai passar e um novo começo vai renascer, assim como para mim, que já começou. As aulas da EaD vieram em uma boa ocasião, e estamos preparados para dar aulas on-line, que é o novo sistema de ensino.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with a keyhole on the front. The book is open, showing aged pages, and a large, ornate key is placed across it. The background is dark with a subtle pattern of small, light-colored dots.

34

Diário de
Sabrina Aparecida
Martins Vieira

Acredito que meu diário escolar não foge muito dos clichês estudantis do ensino fundamental, ainda mais para crianças que estão se tornando pré-adolescentes, a famosa fase de transição, uma fase bem complicada, por vezes, difícil de ser compreendida. Voltamos a atenção para a minha escola, odiada por alguns, mas amada por outros. Tempo bom em que éramos felizes e não sabíamos; tempo em que nossa única preocupação era de não sermos pegos colando na prova. Não que eu fosse especialista no assunto, mas, de vez em quando, muito de vez em quando, uma colinha inocente na prova ajudava.

Certa vez, minha querida escola adotou um modelo de sala ambiente, em que os alunos trocavam de sala quando terminava um horário e vinha outro, ou seja, os professores que ficavam nas salas e os alunos faziam as trocas. Agora, parem e pensem. Não, esse esquema não funcionou, era cada aluno que se desviava no caminho para ir conversar, paquerar... sem contar os alunos perdidos que entravam na sala errada. E os esquecidos, que se esqueciam de guardar seus pertences e acabavam deixando-os embaixo da carteira. Com tudo isso, voltamos então para nosso ritual estudantil à moda antiga: alunos quietinhos em suas salas, e quando trocava o horário, quem fazia a mudança era o professor.

Meu diário escolar não pode ficar sem que eu cite meu adorável professor de língua portuguesa, meu preferido! Ele tinha uma paixão pelo que fazia, encantando-nos só de vê-lo explicando os conteúdos. Ele era gago, mas isso de nada o impedia de explicar e recitar poemas. Ele adorava poemas! Nunca mais o vi, mas ficaria muito feliz se um dia voltasse a vê-lo, e o principal: com saúde.

Meu Ensino a Distância (EaD) veio recheado de novidades e desafios. Demorei para entender que o sucesso do meu aprendizado dependia apenas do meu próprio desempenho; foi como se minha cabeça estivesse se abrindo para o mundo. Quando saímos da zona de conforto para alcançar um propósito, remexemo-nos por inteiro. O novo assusta, mas se estamos dispostos a enfrentá-lo, faremos essa tarefa seja como for, na guerra ou no amor.

Os professores merecem destaque pela qualidade de ensino. Tivemos professores excelentes que fizeram a diferença.

Tenho lembranças maravilhosas do meu EaD. Com ele, conquistei amizades verdadeiras que irei levar comigo. Ganhei uma comadre maravilhosa e uma afilhada linda.

Ao final do nosso curso, estamos passando pela pandemia, um cenário novo e cheio de surpresas. Reinven-

tamo-nos de várias formas, e uma delas foi no que diz respeito à realização do estágio: fiquei apreensiva no começo, mas no final deu tudo certo. Estando agora na reta final, desejo que tudo aconteça da melhor maneira possível.

An antique wooden chest with an open diary and a key. The chest is made of dark, weathered wood with a prominent grain and a decorative metal lock on the front. An open diary with yellowed pages and a dark metal key with a heart-shaped head are resting on top of the chest. The background is dark with a subtle pattern of small, light-colored dots.

35

Diário de
Sandra Ferreira

Fico pensando como a escola nos traz recordações agradáveis em nossa vida. Apesar de algumas dificuldades enfrentadas em cada etapa, são histórias que sempre ficarão em nossa memória.

Fui criada numa família muito humilde, em que meus pais tiveram pouca participação ao longo dos meus estudos. Aos sete anos de idade, fui matriculada numa escola municipal perto de minha casa. Ali, passei momentos de muita alegria e que me impactaram bastante. Eu era uma menina muito tímida, não conseguia fazer amizades, e isso era um problema para mim. O meu primeiro ano escolar foi uma época marcante, na qual eu pude aprender os primeiros traços da nossa escrita. Dedicava-me muito, adorava desenhar, colorir; são lembranças que sempre ficarão guardadas em minha memória. Minha professora era um amor de pessoa, ensinava na maior paciência e me ajudou muito, desde como pegar um lápis até juntar as letras para montar as palavrinhas.

O tempo passou e não mudou muita coisa. Tive algumas dificuldades, mas sempre continuei em frente, muito persistente e dedicada, mesmo com as adversidades que eu tinha, pois o meu maior sonho era ter uma formação; eu queria ter uma vida melhor, oferecer uma vida melhor aos meus pais e mostrar a eles que eu era capaz.

Cheguei ao ensino médio com muito sacrifício. Na época, contava com a ajuda dos meus tios, que sempre estavam ali para me ajudar, principalmente com as matérias de Português e Matemática, porque quanto mais avançavam as séries, mais difíceis ficavam as atividades, pois eu nunca conseguia identificar um complemento nominal, um objeto direto; a redação, então, era um martírio, nunca sabia por onde começar nem como terminar. Já na matemática, resolver uma conta de estatística ou de funções e equações, para mim, eram coisas de outro mundo, chegava a pensar que eu não iria conseguir. Mas, enfim, consegui terminar o meu ensino médio.

Com as necessidades da vida, acabei me afastando dos estudos por um bom tempo, dando prioridade ao trabalho, afinal, na época, o sustento era uma prioridade. Só muitos anos depois, tive a oportunidade de voltar aos estudos, começando pelo curso técnico em logística, que poderia me proporcionar um conhecimento a mais no meu serviço, já que trabalhei boa parte da minha vida em supermercados.

Logo quando terminei o curso, o próximo passo seria fazer um vestibular e ingressar numa faculdade. Pois bem, aqui estou: quase concluindo o curso de graduação, ainda que com muitas dificuldades, pois apesar de ser um curso a distância, que, aparentemente, parece ser

bem tranquilo, exige muito planejamento e comprometimento consigo e com as disciplinas. Sei que tudo depende da nossa força de vontade para fazer alguma coisa, aonde queremos chegar e o que queremos ser no futuro.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is made of dark, weathered wood with a keyhole and a handle on the front. The book is open, showing aged pages with some text. A large, ornate key lies across the book. The background is dark with a subtle pattern of small, light-colored dots.

36

Diário de
Selma Hiroko
Yamada

A mais antiga lembrança que tenho da minha infância é do dia em que fiz três anos. Eu estava esperando um bolo para comemorar meu aniversário (tinha ouvido alguém dizer que iria ter bolo), mas minha mãe entrou em trabalho de parto e bem no dia do meu aniversário, em vez do bolo que eu tanto queria, ganhei a chata da minha irmã Simone.

Minha família morava em Presidente Prudente (SP) no início de 1971, quando fui matriculada pela primeira vez em uma escola, com seis anos. A única coisa que lembro dessa escola é que achava o uniforme muito bonito: era uma saia com tecido xadrez bem miúdo, na cor cinza, e uma camisa bem branquinha.

No mesmo ano, minha família decidiu mudar-se para Caarapó, perto de Dourados. Ali começou o inferno escolar meu e de meu irmão, pois matricularam-nos em uma escola de freiras. Eu ainda tive sorte de minha professora ser uma freira muito boazinha. O que mais me faz lembrar dela eram seus cabelos curtinhos e encaracolados e os olhos lindos azuis. Agora meu irmão não teve a mesma sorte: a professora dele era a irmã Regina, que também era a diretora da escola, uma pessoa com uma aparência muito bonita, a pele muito clara e os cabelos também curtos, porém negros. Era uma pessoa muito bonita por fora, mas por dentro uma verdadeira carrasca, de

um coração muito ruim. Ela fazia as crianças daquela escola sentirem muito medo devido às suas atitudes e seus berros., pois matricularam-nos em uma escola de freiras. Eu ainda tive sorte de minha professora ser uma freira muito boazinha. O que mais me faz lembrar dela eram seus cabelos curtinhos e encaracolados e os olhos lindos azuis. Agora meu irmão não teve a mesma sorte: a professora dele era a irmã Regina, que também era a diretora da escola, uma pessoa com uma aparência muito bonita, a pele muito clara e os cabelos também curtos, porém negros. Era uma pessoa muito bonita por fora, mas por dentro uma verdadeira carrasca, de um coração muito ruim. Ela fazia as crianças daquela escola sentirem muito medo devido às suas atitudes e seus berros.

De manhã, antes do início da aula, fazíamos uma fila, e a irmã Regina, com uma régua de madeira de, mais ou menos, um metro, passava a revista: cabelos, uniformes e sapatos tinham que estar impecáveis, nem um fio fora do lugar, nem uma poeirinha em cima do brilho dos sapatos pretos. E olha que a cidade não tinha asfalto, e tínhamos que ir a pé para a escola.

Lembro-me que, certo dia, meu irmão, na pressa, pegou um pé de meia preto e outro azul marinho. Isso foi motivo suficiente para levar umas reguadas na cabeça, coitado. Ouvi os berros da irmã Regina gritando com meu

irmão e não pude nem olhar para trás para, pelo menos, acalentá-lo com os olhos. Queria chorar, porém, nem isso era permitido fazer.

Morríamos de medo da irmã Regina, e qualquer coisa era motivo para nos bater com a régua e colocar-nos em um quartinho escuro, com um esqueleto usado nas aulas de ciências dos alunos mais velhos. Tínhamos muito medo de ir para o quartinho escuro. Eu nunca fui, mas ouvia os outros alunos comentando do quartinho do horror.

Recordo que usávamos a famosa cartilha *Caminho feliz*. Gostava muito dela, de olhar as figuras, até me lembrar de algumas delas.

Quando fiz oito anos, minha família decidiu se mudar para Bodoquena. Eu já iria iniciar o 3º ano. Nessa nova escola, estudei até o 8º ano. No começo, foi um pouco tenso: a cidade era bem pequenininha e não havia nenhum aluno de origem oriental; meu irmão e eu éramos os únicos, chamavam-nos de “bodinhos”. Eu ficava triste, mas não fazia nada para me defender. Era o *bullying* praticado abertamente, sem nenhuma forma de proibição. O professor ouvia, olhava e ria junto com os outros alunos.

Lembro-me do meu professor de português do 5º ano. Ele me fez ficar de recuperação da matéria. Foi

quando fiquei traumatizada com verbos e gramática, decidindo que iria bloquear o aprendizado para sempre; iria gostar apenas de matemática.

Fazia as matérias de português apenas o suficiente para passar, sem nenhum entusiasmo. Foi assim até terminar o ensino médio. A voz do meu pai me chamando de burra ecoa na minha cabeça até hoje, porque eu não conseguia decorar os verbos. Decorar... Eu não decorei a tabuada, eu a aprendi contando nos dedos. Se alguém tivesse me ensinado os verbos, eu teria aprendido, mas decorar eu não consegui. Ensinar um aluno a decorar nunca foi a forma correta de fazer com que ele aprenda.

Nessa época, era muito difícil estudar. Os livros eram comprados, e a família tinha dificuldade de ter recursos para comprar livros para todos os filhos. As faculdades eram caras e distantes. Como meu irmão era mais velho, foi o único que conseguiu fazer faculdade na época certa, pois, mesmo conseguindo vaga na universidade federal, era preciso se manter em outra cidade.

Agora na graduação em Letras (minha terceira graduação), vejo que ainda continuo odiando verbos e gramáticas, porém, descobri que gosto de literatura, principalmente das poesias de Mia Couto, apresentado pela

Prof.^a Angela Guida. São poesias lindas, escritas ouvindo a voz que vem do fundo da alma, do fundo do coração.

Cheguei à conclusão, a partir das histórias contadas pelos colegas, de que devemos nos tornar professores melhores não cometer os mesmos erros dos nossos professores; precisamos aprender com os erros que vivenciamos, pois um mau professor pode acabar como os sonhos de aprendizagem de um aluno, conseguindo traumatizar a criança ou o adolescente para o resto da vida.

O livro de Pennac, *Diário de escola* (2008), faz-nos pensar muito sobre deixar os alunos com certas dificuldades “para escanteio”. Se eles têm dificuldades, precisam de atenção especial dos professores, de estímulos, porque a escola não é um clube fechado onde só entram os mais inteligentes. Certas palavras, como lerdo, burro, retardado, marcam um aluno para sempre; nunca deveriam ter sido usadas.

Ler o que Pennac (2008) relata em seu livro é ter um tesouro guardado para nós, futuros professores, pois é rico em ensinamentos e conselhos para conseguirmos lidar com alunos que têm mais dificuldades. A vida de professor é uma arte e devemos usar essa arte para benefício de nossos futuros alunos.

Nas aulas da Educação a Distância (EaD), abriu-se um leque que encurta a distância entre professores e alunos. Aprendemos muito com essa forma de ensino; assistimos a palestras e depoimentos de professores de universidades distantes. Isso, com certeza, só vem a somar em nossa vida acadêmica e na vindoura profissão de professor. Realmente, a EaD nos proporciona grandes oportunidades de crescimento profissional e humano; basta ter disciplina, boa vontade e determinação para estudar.

REFERÊNCIAS

PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

An antique wooden chest with an open book and a key on top. The chest is dark wood with a keyhole and a handle on the front. The book is open, showing handwritten text. A large, ornate key lies across the book. The background is dark with a pattern of small, light-colored dots.

37

Diário de
Vanderson
Cristaldo Lobo

Tudo começou nos tempos de aluno, no ano de 1995, na pré-escola, para onde fui aos cinco anos de idade. Os primeiros dias foram loucos: medo, dúvida, insegurança; chorava muito, não acreditava que poderia me desligar da minha casa. Com o decorrer dos dias, fui me acostumando com os colegas de sala e os professores, pois sempre fui muito extrovertido, adorava brincar e fazer novas amizades. Logo tudo ficou bem; já estava acostumado e até sentia falta de ir à escola.

Os anos foram passando e as dificuldades e as dúvidas cada vez mais vinham com grande intensidade. A insegurança sempre me acompanhou, mas adorava praticar esportes, brincar e sempre fui um aluno aplicado mesmo diante de inúmeras adversidades.

No começo, como aluno, foi muito difícil, porque meus pais haviam se separado, e como meu pai nunca pagou pensão, então todos os custos de casa e mais os materiais de escola ficaram por conta da minha mãe. Tudo era muito regrado: o lanche que levava para comer no intervalo, os materiais didáticos, as roupas que usava, que aliás eram as que já não cabiam no meu irmão. Mesmo assim me sinto feliz por toda experiência que tive ao longo dos meus 30 anos.

Pelo que me recordo, as aulas na escola sempre foram dinâmicas, os professores adoravam fazer rodas de conversas, estudar ao ar livre quando estava muito calor. Eu adorava tudo aquilo, a simplicidade nas pessoas, na educação de cada aluno, na maneira como os professores conduziam as aulas – e quando algo saía do controle, eles sempre resolviam da melhor forma possível.

Em meu ensino fundamental e médio, não havia muitas tecnologias como atualmente. Os professores passavam algumas atividades feitas à mão no retroprojetor, e tudo aquilo trazia uma dinâmica para as aulas e atraía cada vez mais os alunos.

Após ingressar na universidade, pude analisar as grandes tecnologias e os desdobramentos que os professores enfrentam e enfrentaram para transmitir conhecimento e educação de qualidade. Logo, o uso das tecnologias é imprescindível, e o jogo de cintura dos professores para conseguir se adaptar a elas foi algo surreal. Portanto, sou eternamente grato às tecnologias, pois sem elas hoje não estaria aqui descrevendo toda essa trajetória.

Posfácio

Eu gosto de quem foi quebrado pela vida. De quem ostenta cicatrizes. Gosto de quem erra o caminho. De quem se perde. De quem se atreve. Gosto de quem se demora no abraço. De quem ainda sonha. De quem não tem hora para viver. Gosto de quem confessa a tristeza enquanto muito estampam um sorriso de plástico. Gosto de quem tem uma queda pela loucura e sem frescura reconhece os enganos. Eu gosto de quem se mostra humano enquanto os outros querem ser perfeitos demais.

Bruno Missurino

Como a Angela já esclareceu no prefácio deste livro, os textos que aqui lemos foram produzidos a partir de uma atividade simplória e despretensiosa que elaboramos para dar conta da carga horária de um estágio obrigatório de língua portuguesa e literatura, no curso de Letras EaD da FAALC/UFMS, para as turmas de formandos/as das cidades de Bela Vista e Bonito – MS. Entretanto, sequer imaginávamos que essa proposta seria um gatilho para desencadear emoções tão fortes e tão latentes nas memórias dos/as alunos/as e de nós mesmas.

Confesso que comecei a ler os diários com aquela postura de professora de português, que vai simplesmente corrigir mais um texto, apontar lacunas, solicitar

adequações gramaticais e dar um parecer. Eu não esperava nada além de relatos descritivos acerca de um período vivido em ambiente escolar. Ledo engano! Quando senti o primeiro nó na garganta e quando percebi uma lágrima involuntária descer pelo meu rosto, ao ler o diário da Elaine Ferreira, eu me identifiquei e desconfiei que tínhamos mexido em uma gaveta de memórias guardadas, que revelariam histórias que eles e elas ainda não tinham contado nem para si mesmos/as. Por um instante, achei que era uma coisa só minha e que eu poderia estar em um momento muito triste e sensível da minha vida, provocado pelo isolamento social, daqueles que, como diria Zeca Baleiro, “Qualquer beijo de novela me faz chorar”. Então, para tirar a dúvida, enviei uma mensagem de áudio para a Angela, para saber se isso tinha acontecido com ela também, e li alguns trechos que tinham me emocionado. Ela também se emocionou. Ali tive a certeza de que essas histórias precisavam não só ser contadas, mas publicadas, eternizadas, refletidas, choradas... Isso porque concordo com Sigmund Freud, quando ele afirma que as emoções não expressas nunca morrem. Elas são enterradas vivas e saem de piores formas, mais tarde.

Eu, desde sempre, tive um gosto estranho por cutucar feridas internas; por incrível que pareça, isso me proporciona um certo prazer sádico. Nunca fui chegada a superficialidades, pelo contrário, gosto das profundezas mais obscuras do ser humano e daqueles que não hesitam em rasgar a carne da alma para transbordar as suas

fragilidades para qualquer um que esteja disposto a ler/ouvir. Tanto é verdade que fiz questão de escrever o meu próprio diário e incluí-lo aqui. Não acho que seja um sinal de fraqueza, muito pelo contrário, acho que é um ato de coragem, de humanidade.

Acredito que os/as autores/as dos textos que compõem este livro tiveram a coragem de se mostrar, de abrir a sua gaveta de memórias e revirar muitas emoções guardadas que, talvez, nunca foram revisitadas, relidas, ou digeridas por eles e elas enquanto adultos/as. Para mim, foi uma ótima oportunidade de nos conhecermos melhor e de criarmos um laço invisível e eterno de afeto.

Como diria Rubem Alves em seu livro carinhosamente intitulado *Ao professor, com o meu carinho*: “Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva” (ALVES, 2004, p. 7). Espero que os/as nossos/as alunos/as, futuros/as professores/as, tenham tido boas experiências conosco, e que elas reverberem, transformem-se e inspirem outras pessoas.

“Ouça, e você perceberá que somos feitos não de células ou de átomos. Somos feitos de histórias”.

Mia Couto

Patrícia Graciela da Rocha

ALVES, Rubem. *Ao professor, com o meu carinho*. Campinas, SP: Versus Editora, 2004.

Sobre as organizadoras

Angela Guida

Ganhei vida nas letras e na literatura, mas tomei gosto por me aventurar por outros lugares e conquistei, na educação matemática, o apelido de professora trans (ou me autodenominei?). Fiz um doutorado para descobrir o que era o tempo, mas acabei como Santo Agostinho “se não me perguntam o que é o tempo, eu sei, mas se me perguntam, já não sei mais o que é”. Então, não cometam a indelicadeza de me perguntar o que é o tempo. Meu amor por animais, em especial, pelos felinos me conduziu a um pós-doc em devir-animal, com a desculpa de que queria entendê-los melhor. Besteira. Meu maior professor estava dentro de casa: Vladimir, meu gato (às vezes duvido desse possessivo), com quem dividi a casa por 18 anos. Na segunda década do ano 2000, deixei para trás as montanhas de Minas Gerais e vim me aventurar pelo cerrado de Manoel de Barros. Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, vou, desde então, cometendo errâncias de toda natureza. Para quem quiser uma apresentação formal, com pompa e circunstância, segue o link do lattes. Para quem quiser compartilhar histórias de errâncias segue meu e-mail: angelaguida.ufms@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9508749051233288>

Patrícia Graciela da Rocha

Cheguei à vida acadêmica de uma forma inusitada, pois entrei no curso de Letras Português e Espanhol (URI/FW) porque era fã da Skakira. A paixão pela língua espanhola me levou desde muito cedo para a sala de aula, no quarto semestre do curso, na provinciana Tenente Portela – RS. Como sempre senti que aque-

le não era o meu lugar (em todos os sentidos), fiz uma especialização em uma cidade vizinha (UNIJUÍ/Santa Rosa – RS) para aprender a pesquisar, ali conheci a sociolinguística, ganhei asas e levantei voo para Florianópolis – SC, onde fiz mestrado em dialetologia para tentar entender a minha identidade fronteiriça, gaúcha, mestiça, misturada... e doutorado em sociolinguística para tentar compreender as relações hierárquicas de tratamento que me afetam e me constituem (UFSC). Na busca pela “parte que me cabe nesse latifúndio”, deixei pra trás os ventos gelados do sul e vim parar na calorosa Campo Grande – MS onde trabalho, na UFMS, e vivo desde setembro de 2009. Em 2020 fiz um estágio pós-doutoral em Antropologia que deveria ter acontecido no México, mas, por conta da Pandemia, tudo se deu a distância. Gosto muito da vida universitária, mas também gosto de viajar, dançar, costurar, jardinar, inventar eventos sociais, tomar vinho e café com as/os amigas/os e de longas conversas sobre si. A minha vida é longa e cheia de histórias que não cabem no lattes, mesmo assim, se alguém se interessar por ele, o link está abaixo:

E-mail: patrigraciro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285085743040936>

Sobre as autoras e os autores

Agenor Mariani da Silva

Tem 39 anos, nasceu em Campos do Jordão, SP, e atualmente reside em Bela Vista, MS. É acadêmico do 8º semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS; e formado no curso Superior de Tecnologia em Segurança Pública pela Uninter. E-mail: agenor.mariani@aluno.ufms.br.

Alessandra Souza da Silva

Tem 28 anos, é casada com Hélio Luiz de Souza Peroza, de 41 anos; mãe de um casal de filhos, Anna Laura, de 11 anos, e Arthur, de dois; é do signo de virgem, paranoica com organização. Menina-mulher que busca se aperfeiçoar diariamente e que não gosta de ser subestimada, mas sim instigada a evoluir incessantemente. Crê que o mundo é muito grande para pensamentos pequenos. Mulher de muita fé, acredita que sempre existe um lado bom a se conhecer. E-mail: alessandra.s@aluno.ufms.br.

Alexsandro Cheres de Oliveira

Tem 32 anos de idade, nasceu em uma cidade bem pequena, chamada Aquidauana, mas não vive lá, e sim na cidade de Bonito, MS. É do signo de câncer e de religião africana. E-mail: alex.sandro.cheres1988@gmail.com.

Anatacha Teixeira dos Santos

Tem 31 anos, é natural de Bonito, MS. Formada em Administração de Empresas e Pedagogia, filha de pais humildes, busca sempre a melhoria pela educação e acredita que só por meio dela pode-se melhorar o mundo, haver um Brasil mais justo, inclusivo e avançado, com educação pública de qualidade e com menos problemas sociais. E-mail: profanatacha@gmail.com.

Andrey Salinet da Silva

Nasceu no Paraná e vive no Mato Grosso do Sul. Graduado em Farmácia e mestre na área de Fisiologia Humana pela UEL, passa a integrar o componente de linguagens e suas tecnologias à sua identidade profissional, com o objetivo de ensinar língua espanhola, paixão adquirida no curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol da UFMS. Professor de língua inglesa,

quer se dedicar à docência e ao aprendizado de outros idiomas.
E-mail: salinet.andrey@aluno.ufms.br.

Bruna de Souza Ximenes

Nasceu em Miranda, MS, e mudou-se com sua mãe para Bonito, MS, aos seis anos de idade, cidade onde concluiu sua vida escolar e reside até hoje. Em 2016, formou-se em Administração de Empresas, pela Universidade Anhanguera, e atualmente cursa o 8º semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. E-mail: souza.ximenes@aluno.ufms.br.

Carlos Junir Cardoso

É brasileiro, solteiro, nascido no dia 25 de junho de 1980, tem 40 anos, é pai de dois filhos (Carlos Eduardo Silva Cardoso e Davy Lukcs Gimenes Cardoso), está em uma união estável com Marcilene Gimenes, reside na cidade de Bela Vista, MS, é funcionário público, formado em Serviço Social. No momento, está cursando o 8º semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. E-mail: junir.cardoso@aluno.ufms.br.

Christiane Silveira Batista

É natural de Campo Grande, MS, e residente em Dourados, MS, desde 2015. Possui mestrado em Letras pela UFGD, especialização em Língua Espanhola pela Faculdade Internacional Signorelli e graduação em Letras – Habilitação em Português e Inglês pela UFMS. Atualmente, cursa a graduação de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS, exerce o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais na UFGD, participa como pesquisadora do Grupo de Estudo InterArtes/UFGD e como colaboradora voluntária na SG Assessoria Textual. E-mail: christianebatista@ufgd.edu.br.

Cintia Mara de Souza

Mulher guerreira, determinada e disciplinada, corre atrás de seus objetivos até concluí-los. É dessa forma que eu me descrevo. Corro atrás do “sim”, pois o “não” eu já possuo, é o pensamento que trago comigo. E-mail: cintia.mara@aluno.ufms.br.

Cristiane Sanabria Lopes

Tem 35 anos, é natural de Corumbá, MS, mas reside na cidade de Bonito desde 2003. Casada há 19 anos, tem dois filhos, um com 17 anos, e outro, com seis anos. Funcionária pública concursada desde janeiro de 2009, é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica. Está cursando o último semestre em Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS e o penúltimo semestre em Especialização Profissional, Científica e Tecnológica no IFMS. E-mail: cristiane.sanabria@aluno.ufms.br.

Daiane Yasmim Chaparro Gomes Marques

Mais conhecida como Dhay, tem 33 anos, é técnica em Recursos Humanos, mas atualmente trabalha com administração financeira. Além de acadêmica de Letras, é mãe, esposa, filha. Natural de Bonito, MS, onde reside, o paraíso do MS. E-mail: mdaianeyasmim@gmail.com.

Dalva Quintana Dias

Tem 26 anos, é natural da cidade de Caracol, MS, porém reside na cidade de Nioaque. Casada, tem uma filha chamada Maria Alice, que tem 20 dias de nascimento. Já foi acadêmica de Engenharia Elétrica na Uniderp por três anos, mas não terminou o curso por que ter visto que não era o que que-

ria para sua vida. Alguns anos depois, fez o vestibular da UFMS e ingressou no curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol. Apesar das muitas dificuldades de locomoção até a faculdade, traçou como meta concluir o curso, e hoje percebe que foi uma das melhores escolhas que fez. E-mail: dalva.quintana@aluno.ufms.br.

Diacir de Souza.

53 anos, casado, 3 filhos, 1 neto. Pastor há 25 anos, Bela Vista MS. E-mail: prdesouzadiacir@gmail.com.

Diego Martinez Gamarra.

De nacionalidade brasileira, idade 30 anos, moro na cidade Bela Vista - MS, estou cursando o último semestre do curso de Letras e Espanhol na Universidade Federal do Mato-grosso do Sul (UFMS), trabalho na empresa de internet da prestadora de serviços Telemont - telecomunicações Ltda. E-mail: diego.gamarra@aluno.ufms.br.

Dilmar Coelho Taveira

É formado em Administração pela UFMS e atualmente está concluindo o curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol, também pela UFMS. Bem que sua filha lhe avisou: “Faça sua pós em Administração, meu pai”. Não quis ouvi-la, deu no que deu. Resolveu que tinha que cursar Letras, pois alguém disse: “faça, é fácil”. E não é que quase foi consumido por uma boa parte dos grandes da Linguística? Enfim, chegou o tão sonhado momento: sua conclusão no curso de Letras. E-mail: dilmar.coelho@aluno.ufms.br.

Eduardo Santos Chrespim

É acadêmico de Letras – Habilitação em Português e Espanhol pela UFMS, polo de Bonito, MS. Profissional autônomo do ramo da Estética Automotiva em Campo Grande, MS. E-mail: eduardo.chrespim@aluno.ufms.br.

Elainne Ferreira

Tem 33 anos, é formada em Pedagogia pela UFGD e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Estácio de Sá. Professora há oito anos, está terminando Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. Encontrou-se profissionalmente na área da educação, sentindo que pode fazer pequenas mudanças e marcar de forma significativa a vida de cada pequena grande criança.

E-mail: elainne_fer@hotmail.com.

Eliane Riso da Silva

É formada em Pedagogia pela UFMS, campus de Aquidauana, desde 2005. Professora concursada com 20 horas/aula no município de Bodoquena, MS. Atualmente, cursa Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS, polo de Bonito. E-mail: riso.silva@aluno.ufms.br.

Fiama Kttelen Nunes Coene

Tem 27 anos, é casada, mãe de uma princesinha linda. Mora em Bela Vista, MS. Está cursando sua primeira graduação: Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS.

E-mail: fiama.kttelen@aluno.ufms.br.

Flávia Mirelle Balbuena Romeiro.

E-mail: flavia.balbuena@aluno.ufms.br

Janaina Quintana Balta

É natural de Bela Vista, MS, é solteira, tem 34 anos, trabalha atualmente na assistência social como orientadora social. E-mail: janaina.balta@aluno.ufms.br.

Janete dos Santos

Tem 37 anos, é natural de Bonito, MS, é formada em Pedagogia, atua como agente comunitária de saúde. De religião evangélica, é filha de pais humildes e com bastantes irmãos; busca o melhor para si e sua família, deseja um país mais justo, com saúde e educação para todos.

E-mail: janete.santos@aluno.ufms.br.

Juliana dos Santos de Lima

Mora em Bela Vista, MS, atualmente, mas é natural da cidade de Turvo, no estado do Paraná. Tem 30 anos e um filho de sete anos. É professora formada em Pedagogia pela Anhangueira Uniderp, com pós-graduação em Educação Infantil e Anos Iniciais; e graduanda em Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. Pensa que a educação, o conhecimento, podem transformar a realidade das pessoas, pois transformou e ainda vem transformando a sua realidade.

E-mail: julianalima1618@gmail.com.

Lenir Palácio Cardoso

Tem 45 anos, é casada, mãe de duas lindas moças, é natural de Bela Vista, MS, é funcionária pública e está cursando Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. E-mail: lenir.palacio@aluno.ufms.br.

Livrada Ovieda Benites

É acadêmica do 8º semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS; é formada no curso Normal Médio – Habilitação em Educação Infantil e Ensino Fundamental, 1º ao 5º ano. Tem 35 anos, nasceu em Jardim, MS, e atualmente mora na cidade de Bela Vista, MS.

E-mail: livrada.benites@aluno.ufms.br.

Maria de Lourdes dos Santos Damázio

É casada, mãe de quatro filhos maravilhosos, pedagoga há mais de 18 anos, atua na educação infantil, mora na cidade de Nioaque, MS. Está grata por ter a oportunidade de participar deste livro, juntamente com seus colegas.

E-mail: lourdes.damazio@aluno.ufms.br.

Maria do Carmo Souza Drumond

É professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino de MS, com lotação na Secretaria de Estado de Educação. Atua como dirigente sindical da FETEMS e do SIMTED de Bonito. É tutora do curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS, polo de Bonito, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na UFMS. E-mail: mdrumond13@yahoo.com.br.

Maria Raquel da S. M. Santos

Tem 40 anos de idade, é casada, mãe de uma filha, nasceu na cidade de Bonito, MS, é graduanda em Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS e apaixonada pela vida. E-mail: raquelbonitoms@outlook.com.

Mariana Rodrigues Córdoba

É formada no curso Normal Médio e professora na educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental desde 2017. É acadêmica do 8º semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. Tem formação de Técnica em Logística (2014), trabalhou no setor do comércio e varejo por sete anos e em CEIM no ano de 2017, com a turma de dois anos de idade. Trabalha na Secretaria Municipal de Educação de Bela Vista, MS, tendo atuado por dois anos no setor de Alimentação Escolar, e, no momento, no setor administrativo de Compras e Licitações. E-mail: rodrigues.cordoba@aluno.ufms.br.

Marina de Oliveira Correia

Mora no interior de Nioaque, MS. É professora de escolas públicas rural e urbana, filha de pais simples e sem escolaridade, apaixonada por ensinar e superar adversidades, ao longo do caminho passou por inúmeras dificuldades para alcançar o objetivo e o sonho de se tornar professora. É formada em Pedagogia e acadêmica do curso de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS, polo de Bonito, MS. E-mail: marina.correia@aluno.ufms.br.

Raquel Pereira dos Santos

É solteira, tem 36 anos, é servidora pública, tem uma paixão imensa por filmes, cães, gatos e pelo idioma espanhol, apesar de acreditar que sempre foi muito tímida, agora bem menos, é o que falam. E-mail: raquel.pereira@aluno.ufms.br.

Rosimeire R. Martins

Tem 44 anos, é casada, nascida em Dourados, MS, mora há oito anos em Bela Vista, MS, onde está cursando o último ano de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS. E-mail: rosimeire.martins@aluno.ufms.br.

Sabrina Aparecida Martins Vieira

É brasileira, casada, tem 29 anos e atualmente reside na cidade de Bela Vista, MS. Sua primeira graduação foi em Pedagogia. Trabalha como professora de educação infantil.
E-mail: sabrina.martins@aluno.ufms.br.

Sandra Ferreira

É natural de Bela Vista, MS, tem 38 anos, é casada e tem uma filha. Atualmente trabalha como secretária e cursa o último semestre de Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS.
E-mail: sandra2013tt@hotmail.com.

Selma Hiroko Yamada

É natural de Presidente Prudente, SP, mora em Bonito, MS, desde 1986. É graduada em Administração pela UFMS, em Negócios Imobiliários pela Unigran e pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior, também pela Unigran. É graduanda em Letras – Habilitação em Português e Espanhol na UFMS.
E-mail: selma.yamada@aluno.ufms.br.

Vanderson Cristaldo Lobo

Nasceu em 28 de setembro de 1990, na cidade de Bela Vista, MS, fronteira do Brasil com o Paraguai. Trabalha como auxiliar administrativo na Secretaria Municipal de Assistência Social. Filho mais novo, tem um casal de irmãos. Vive com sua mãe e um sobrinho, o qual ajuda em sua educação.
E-mail: vanderson.lobo@aluno.ufms.br.

Índice remissivo

A

acadêmico 41, 42, 220, 225
alunos 21, 22, 23, 24, 26, 27, 35,
36, 40, 45, 47, 48, 58, 59, 60, 63,
64, 75, 86, 88, 90, 94, 95, 98, 103,
104, 121, 122, 124, 128, 131, 137,
138, 141, 144, 145, 149, 150, 163,
172, 173, 179, 182, 186, 191, 192,
195, 199, 209, 211, 212, 215, 216,
218
aulas 21, 27, 49, 51, 52, 54, 69,
70, 75, 78, 95, 99, 102, 107, 134,
139, 141, 144, 149, 150, 154, 176,
191, 192, 193, 195, 196, 197, 209,
212, 215

B

bullying 36, 97, 98, 113, 126, 157,
209

C

criança 51, 91, 93, 94, 113, 180,
181, 195, 211, 225
currículo 58, 65, 116, 117

D

desempenho 23, 33, 191, 200
Deus 30, 74, 113, 115, 116, 117,
118, 137, 138, 148, 149, 166

Diário de escola 22, 23, 27, 37, 60,
61, 75, 76, 83, 88, 105, 124, 145,
211, 212
diários 24, 26, 27, 88, 195, 216
disciplina 21, 24, 52, 57, 75, 142,
164, 212

E

EaD 31, 35, 52, 53, 54, 55, 71, 72,
80, 81, 87, 88, 103, 123, 139, 154,
160, 165, 169, 170, 196, 197, 200,
212, 216
Enem 48, 64, 65, 69, 70, 165, 186
ensino 20, 24, 30, 39, 40, 44, 46,
47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58,
59, 64, 68, 69, 70, 72, 74, 79, 86,
93, 97, 98, 99, 100, 104, 106, 107,
109, 112, 113, 114, 115, 117, 118,
120, 127, 128, 130, 131, 134, 138,
139, 141, 144, 147, 148, 150, 152,
163, 165, 168, 169, 170, 184, 185,
186, 188, 190, 191, 197, 199, 200,
204, 210, 212, 215, 227, 228
ensino fundamental 24, 39, 44, 51,
55, 57, 58, 70, 97, 104, 112, 113,
114, 120, 130, 134, 138, 141, 147,
163, 168, 169, 184, 199, 215, 228
ensino médio 24, 30, 39, 40, 46,
47, 48, 52, 57, 64, 69, 74, 79, 86,
93, 97, 98, 99, 107, 127, 128, 130,

134, 138, 144, 148, 152, 165, 169,
185, 186, 190, 204, 210

escola 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27,
29, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 44,
45, 46, 47, 48, 49, 51, 54, 55, 57,
58, 59, 60, 61, 64, 68, 69, 75, 76,
78, 83, 84, 85, 88, 90, 91, 93, 95,
97, 98, 106, 107, 111, 112, 113,
114, 115, 116, 120, 121, 124, 128,
130, 134, 137, 138, 141, 144, 145,
147, 153, 156, 157, 158, 163, 168,
172, 173, 174, 176, 179, 180, 181,
182, 183, 184, 185, 186, 188, 190,
195, 199, 203, 207, 208, 209, 211,
212, 214, 215

estágio 21, 24, 104, 120, 201,
216, 220

estória 24, 26, 27

estudantes 54, 57, 124, 187

exclusão 51, 54

F

faculdade 35, 41, 48, 54, 59, 64,
66, 69, 79, 87, 94, 117, 120, 123,
138, 145, 149, 159, 186, 204, 210,
224

família 22, 23, 25, 26, 30, 33, 35,
44, 48, 52, 60, 64, 68, 69, 75, 97,
100, 114, 115, 117, 141, 142, 156,
157, 172, 176, 195, 203, 207, 209,
210, 226

formatura 53, 83, 117

G

graduação 36, 37, 41, 42, 53, 64,
66, 70, 71, 72, 80, 87, 108, 123,
191, 192, 204, 210, 222, 225, 226,
229

L

lecionar 57, 70, 117, 164

língua portuguesa 24, 57, 58, 64,
169, 200, 216

literatura 24, 131, 210, 216, 219

M

memórias 24, 27, 88, 123, 156,
157, 161, 190, 216, 217, 218

P

pandemia 20, 21, 35, 49, 60, 104,
123, 124, 132, 135, 139, 149, 153,
192, 193, 196, 197, 200

pré-escola 39, 44, 51, 57, 83, 90,
147, 179, 214

Pré-Escolar 106

professor 22, 25, 29, 30, 31, 35,
39, 49, 54, 55, 61, 74, 76, 80, 86,
88, 93, 94, 95, 102, 109, 113, 120,
126, 130, 134, 141, 142, 144, 145,
148, 149, 152, 153, 163, 164, 175,
183, 186, 199, 200, 209, 211, 212,
218, 219

S

sala de aula 23, 29, 54, 55, 57, 60,
63, 66, 74, 75, 83, 95, 106, 108,

116, 128, 141, 144, 152, 165, 172,
188, 219
segundo grau 52, 53, 102, 130,
174, 175

T

tarefas 30, 33, 34, 52, 86, 112,
161, 177
trajetória 31, 39, 44, 63, 68, 74,
83, 100, 102, 104, 118, 126, 130,
152, 153, 175, 215

U

Universidade 30, 49, 53, 59, 66,
69, 71, 80, 99, 103, 106, 115, 122,
134, 149, 159, 165, 175, 196, 219,
222, 224

V

vida acadêmica 212, 219

W

Whatsapp 150

www.pimentacultural.com

Memórias de Escola

Quando se abre
a gaveta de guardados...